



**UFAM**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**APROXIMAR-SE PARA DIALOGAR: IMIGRANTES VENEZUELANOS  
E SAÚDE MENTAL**

**JÉSSICA CUNHA DA SILVA**

**MANAUS/AM**

**2019**

**JÉSSICA CUNHA DA SILVA**

**APROXIMAR-SE PARA DIALOGAR: IMIGRANTES VENEZUELANOS  
E SAÚDE MENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira

Coorientador: Prof. Dr. José Exequiel Basini Rodriguez

**MANAUS/AM**

**2019**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586a	Silva, Jéssica Cunha da Aproximar-se para dialogar : imigrantes venezuelanos e saúde mental / Jéssica Cunha da Silva. 2019 157 f.: 31 cm.
	Orientadora: Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira Coorientador: José Exequiel Basini Rodriguez Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) - Universidade Federal do Amazonas.
	1. Imigrantes venezuelanos. 2. saúde mental. 3. cotidiano. 4. diálogo. I. Oliveira, Adriana Rosmaninho Caldeira de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

**JÉSSICA CUNHA DA SILVA**

**“Aproximar-se para dialogar: imigrantes venezuelanos e saúde mental”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na **Linha de Processos Psicossociais**.

Aprovada em 19 de agosto de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**



**Profa. Dra. Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira**  
Universidade Federal de São Carlos



**Profa. Dra. Gisele Cristina Resende**  
Universidade Federal do Amazonas



**Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros**  
Universidade Federal do Amazonas

***Com todo meu amor, dedico:***  
*Aos meus pais, minha maior razão de e para existir,*  
*A Sarah Lethycia, minha sobrinha/filha amada,*  
*E as minhas amadas avós: Maria Salete; e Maria Sofia (in memoriam).*

*“[...] E vim aqui parar!  
Sou Imigrante  
Não tenho terra  
Tudo é terra  
Não importa se aqui ou lá!  
Quem dera que não houvessem fronteiras!  
Quem dera que não houvessem leis  
Leis essas que nos prendem, separam,  
Hostilizam, injuriam e abalam!  
Oh, se não houvessem fronteiras  
Divisões geográficas  
E que todos os homens fossem só homens!  
Sem distinção de cores, raças, nacionalidades!  
[...] Sou Imigrante, emigrante, migrante  
Resistente, com força pra viver, almejando viver  
Sou resistível como um Leão da África  
Tenho garras de um falcão do mato  
Sou persistente como a onda móvel  
Porém, me respeitem!  
Só quero viver a vida...  
Porque a terra é nossa, de todos nós  
Feito por Deus e entregue à todos os homens  
Não importa se aqui ou lá!*

(Poema de Moisés António: Sou Imigrante).

## AGRADECIMENTOS

Não, não foi nada fácil. "Mas meu andar é firme e meu anseio é forte", porque sempre estive acompanhada de seres iluminados, e por isso agradeço...

A Deus, minha fonte inesgotável de amor e misericórdia, por estar sempre presente, ajudando-me nessa árdua caminhada.

Aos meus pais, porque tudo que sou é um pouco de cada um deles e de tudo que me ensinaram no decorrer dessa história chamada vida. Obrigada por terem sido continente nos momentos dolorosos e pelas comemorações nos momentos de alegria. Vocês foram, são e sempre serão a minha base, o colo que eu sempre vou desejar, não importa o que aconteça. Eu sempre os amarei.

À minha sobrinha/filha amada, Sarah Lethycia, por me encher de amor e cuidado: "tia, a senhora está estudando faz tempo. Precisa comer alguma coisa". Eu te amo, minha criança! Você é uma das melhores partes de mim.

Aos meus irmãos, Maiko Cunha e Marcos Cunha, pela admiração e encorajamento. Em especial ao Marcos, que como pesquisador que é, compreendeu-me nos momentos difíceis e me defendeu quando tentavam minimizar minha força e/ou sofrimento por considerarem essa caminhada fácil.

Ao meu noivo e futuro esposo, Caio Roberto, porque também se fez continente. Foi em você que, muitas vezes, eu me agarrei para continuar. Obrigada por me ouvir, por compreender minha ausência e por ser essa pessoa tão incrível. É muito fácil se apaixonar todos os dias um pouco mais por você. Eu te amo, vida!

À minha avó, Salete, simplesmente por ser o grande amor da minha vida.

À minha avó, Sofia, que nos deixou no momento em que eu me preparava para o processo seletivo desse mestrado. Quando a senhora se foi, eu disse que esse esforço seria pela senhora. Eu consegui, vó! Sinto saudade, mas sei que nos encontraremos novamente.

Aos meus melhores amigos: Jefferson, Bruno, Rita, Évila, Darlisson, Silvano e Fernanda. A vocês a minha gratidão pela amizade e por tudo que ela nos permitiu viver. Vocês são os melhores amigos que alguém poderia ter.

Às minhas queridas amigas de turma, Kíssia e Érika. Obrigada pelo ombro, pelas inúmeras gargalhadas que me fizeram dar, e por me darem a oportunidade de conhecê-las verdadeiramente. Que orgulho eu sinto de poder dizer que eu tenho amigas nordestinas/arretadas. Foi um enorme prazer encontrá-las, *visse?*

Aos demais colegas de turma por tornarem a caminhada mais leve e divertida.

Ao Juan Carlos (nome fictício), participante dessa pesquisa, que tanto me ensinou, encorajou, e deixou tanta saudade ao partir dessa vida, no dia 8 de setembro de 2019, depois de muita luta. Você foi uma luz que brilhou muito! Muito obrigada por ter acolhido uma estrangeira na sua vida.

À minha orientadora, Adriana Rosmaninho, pela competência com que me orientou e pela confiança depositada na execução desse trabalho. Obrigada por ter abraçado esse universo junto comigo.

Ao meu coorientador, Basini, por ter aceitado o convite para entrar nesse universo também e por ser tão gentil. Agradeço a confiança e o empenho depositados na execução desse estudo.

Às professoras doutoras – Gisele Resende, Rosemara Staub e Claudia Sampaio, por terem aceitado esse diálogo e pelas grandes contribuições que trouxeram.

Aos/Às participantes e protagonistas dessa pesquisa por terem permitido a minha presença no seu cotidiano e por compartilharem comigo suas histórias de vida. Obrigada por terem me ensinado tanto.

Ao meu querido Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário – LABINS, pelo importante papel que exerce na comunidade social e acadêmica, e por ter me acolhido tão gentilmente, além de contribuir para o meu crescimento enquanto pesquisadora social.

À Faculdade de Psicologia e a Universidade Federal do Amazonas – UFAM, pelo acolhimento e ensino de qualidade.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, pela bolsa concedida, e por apoiar e incentivar a produção de conhecimento.

À Pastoral do Migrante por ter permitido a construção dessa pesquisa nos seus espaços.

A todos os imigrantes e refugiados que tanto me ensinaram. A vocês minha eterna admiração pela coragem e pela resiliência que possuem. Torço e luto com vocês para que um dia a vida seja muito mais importante do que vistos e passaportes.

## RESUMO

O tema da migração é algo que vem sendo bastante visualizado e discutido na nossa sociedade contemporânea, diante disso o motivo que nos leva a estudar esse assunto se refere à presença significativa de imigrantes venezuelanos em Manaus e da possibilidade de se aproximar dessas pessoas para construir diálogos acerca da migração e da saúde mental. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é investigar a partir do dia a dia de um grupo de venezuelanos que se encontram na cidade de Manaus, de que maneira o processo migratório reflete na saúde mental desse grupo. A pesquisa buscou descrever o cotidiano dessas pessoas após a migração, e através disso descrever o que foi percebido em relação a dificuldades e demandas para analisar como essas questões refletem na saúde mental dessa população, considerando que, nessa pesquisa, saúde mental está para além das psicopatologias. Discute-se, ainda, os aspectos conceituais da migração e de seu derivados, bem como sobre a Psicologia Macrocultural - PMC. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa com enfoque descritivo. Os participantes foram escolhidos por meio da técnica Bola de neve (snowball) na Casa do Migrante João Batista Scalabrini, sendo acompanhados dentro e fora da instituição. Utilizou-se ainda da etnografia por permitir a inserção da pesquisadora no cotidiano dos participantes. As informações foram registradas em diário de campo e serviram de auxílio para a descrição etnográfica do cotidiano. Os tópicos de análise receberam como título as próprias práticas discursivas dos participantes, nas quais se discutem as seguintes categorias: motivações do deslocamento, direitos, idioma, trabalho e identidade, saudade, sofrimento e apoio social, sendo saúde mental uma categoria transversal. Por fim, os resultados da pesquisa apontam que as dificuldades oriundas do processo migratório atuam tanto de forma negativa quanto de forma positiva sob a saúde mental dos participantes. Vale salientar, que a saúde mental da qual tratamos nesta pesquisa é vista e compreendida por um panorama mais amplo, sobretudo por englobar todos os aspectos da vida. Espera-se que os resultados dessa pesquisa possam contribuir para elaboração de políticas públicas voltadas para essa população, bem como para a realização de outras pesquisas envolvendo essa temática.

**Palavras-chave:** Imigrantes venezuelanos, saúde mental, cotidiano, diálogo.

## RESUMEN

El tema de la migración es algo que ha sido ampliamente visto y discutido en nuestra sociedad contemporánea. Tomando en cuenta esto, la razón que nos lleva a estudiar este tema se debe a la presencia significativa de inmigrantes venezolanos en Manaus y a la posibilidad de aproximarse a estos para construir diálogos sobre migración y salud mental. En este sentido, el propósito de este estudio es investigar el día a día de un grupo de venezolanos que se encuentra en la ciudad de Manaus, en que forma el proceso migratorio se refleja en la salud mental de este grupo. La investigación buscó describir la vida cotidiana de estas personas después de la migración, y así describir lo que fue percibido en relación con las dificultades y demandas, para analizar cómo estos problemas se reflejan en la salud mental de esta población, considerando que, en esta investigación, la salud mental está más allá de las psicopatologías. También se discuten aspectos conceptuales de la migración y sus derivados, así como la psicología macro cultural - PMC. Esta es una investigación cualitativa con un enfoque descriptivo. Los participantes fueron elegidos por medio de la técnica Bola de nieve (snowball) en la Casa del Migrante João Batista Scalabrini, siendo monitoreados dentro y fuera de la institución. Se utilizó la etnografía ya que permite la inserción de la investigadora en la vida diaria de los participantes. La información se registró en un diario de campo y sirvió de ayuda para la descripción etnográfica de lo cotidiano. Los temas de análisis recibieron como título las propias prácticas discursivas de los participantes, en las que se discuten las siguientes categorías: motivaciones del desplazamiento, derechos, idioma, trabajo e identidad, nostalgias, sufrimiento y apoyo social, siendo la salud mental una categoría transversal. Finalmente, los resultados de la investigación indican que las dificultades derivadas del proceso de migración actúan tanto negativa como positivamente sobre la salud mental de los participantes. Cabe destacar que la salud mental con la que estamos tratando en esta investigación se ve y se entiende desde una perspectiva más amplia, especialmente porque abarca todos los aspectos de la vida. Se espera que los resultados de esta investigación puedan contribuir a la elaboración de políticas públicas orientadas a esta población, así como para la realización de otras investigaciones que involucren este tema.

**Palabras clave:** inmigrantes venezolanos, salud mental, vida cotidiana, diálogo.

## SUMMARY

The subject of migration is something that has been widely observed and discussed in our contemporary society, and the reason for studying this issue is related to the significant presence of Venezuelan immigrants in Manaus and the possibility of approaching these people to build dialogues about migration and mental health. In this sense, the objective of this study is to investigate from everyday life of a group of Venezuelans who are in the city of Manaus, in what way the migratory process is reflected on the mental health of this group. The research seek to describe the daily life of these people after migration, and through this describe what was realized in relation to difficulties and demands, to analyze how these issues are reflected on the mental health of this population, considering that, in this research, mental health is beyond psychopathology. It also discusses the conceptual aspects of migration and its derivatives, as well as on Macrocultural Psychology - PMC. This is a qualitative research with a descriptive approach. Participants were chosen by means of the technique Snowball in the Casa do Migrante João Batista Scalabrini, being monitored inside and outside the institution. Ethnography was also used to allow the insertion of the researcher in the daily life of the participants. The information was recorded in a field diary and served as an aid to the ethnographic description of their daily life. The topics of analysis were the discursive practices of the participants, in which the following categories are discussed: displacement motivations, rights, language, work and identity, longing, suffering and social support, being mental health a transversal category. Finally, the research results pointed out that the difficulties arising from the migration process act both negatively and positively under the mental health of the participants. It is noteworthy that the mental health we talk about in this research is seen and comprehended from a broader perspective, especially because it encompasses all aspects of life. It is hoped that the results of this research can contribute to the elaboration of public policies addressed to this population, as well as the accomplishment of other researches involving this theme.

**Key words:** Venezuelan immigrants, mental health, daily life, dialogue.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas Para Refugiados  
AN – Assembleia Nacional  
ANC – Assembleia Nacional Constituinte  
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa  
CLAP - Comitês Locais de Abastecimento e Produção  
CNS – Conselho Nacional de Saúde  
CNE – Conselho Nacional Eleitoral  
CONARE – Comitê Nacional para Refugiados  
CPF – Cadastro de Pessoas Físicas  
CRIO – Centro Regional Integrado de Oncologia  
CRNM – Carteira de Registro Nacional Migratório  
DELEMIG/AM – Polícia de Imigração do Amazonas  
ENCOVI – Pesquisa Nacional de Condições de Vida da População Venezuelana  
ENH – Pesquisa Nacional Hospitalar  
FCECON – Fundação Centro de Controle de Oncologia do Amazonas  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas  
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica  
MJ – Ministério da Justiça  
OIM – Organização Internacional para as Migrações  
OMS – Organização Mundial de Saúde  
PMC – Psicologia Macrocultural  
PC – Psicologia Cultural  
PIB – Produto Interno Bruto  
SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência  
SEMED – Secretaria Municipal de Educação  
SEPROR – Secretaria de Produção Rural do Amazonas  
SJMR – Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados  
SNM - Sistema Nacional de Missões  
SUS – Sistema Único de Saúde  
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
TSJ – Tribunal Supremo de Justiça  
TFD – Tratamento Fora Domicílio

UCAB – Universidade Católica Andrés Bello

UCV – Universidade Central da Venezuela

USB – Universidade Simón Bolívar

UNACON – Unidade de Alta Complexidade em Oncologia

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1: Escassez de insumos de emergência

FIGURA 2: Escassez de insumos – Centro cirúrgico

## SUMÁRIO

Que tal iniciarmos com as apresentações? .....	10
Introduzindo a temática .....	15
Estrutura da dissertação .....	21
<b>CAPÍTULO 1: MARCO TEÓRICO .....</b>	<b>23</b>
<b>1.1 O FENÔMENO SOCIAL DA MIGRAÇÃO .....</b>	<b>23</b>
1.1.1 Introdução .....	23
1.1.2 Brasil: país de migração.....	23
1.1.3 O que é a migração? Incluindo uma dimensão psicossocial e subjetiva .....	25
1.1.4 Migração, emigração e imigração.....	28
1.1.5 Mas quem é o imigrante? Para além do sofrimento psíquico .....	31
<b>1.2 PSICOLOGIA MACROCULTURAL .....</b>	<b>34</b>
1.2.1 Introdução .....	34
1.2.2 A Psicologia Cultural .....	35
1.2.3 A Psicologia Macrocultural .....	36
<b>1.3 SAÚDE MENTAL E TERRITÓRIO .....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO 2: MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....</b>	<b>45</b>
2.1. Teoria Socioconstrucionista .....	45
2.2 Práticas Discursivas e produção de sentido .....	46
<b>CAPÍTULO 3: PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>49</b>
3.1 Natureza da pesquisa .....	49
3.2 Operacionalização .....	49
3.2.1 Local da pesquisa .....	49
3.2.2 Sujeitos .....	50
3.2.3 Critério de inclusão .....	50
3.2.4 Critérios de exclusão.....	51
3.2.5 Material e Instrumentos.....	51
3.2.6 Procedimentos para coleta das informações.....	52
3.2.7 Procedimentos para análise das informações .....	53
3.3 Considerações éticas .....	54
<b>CAPÍTULO 4: NARRANDO O COTIDIANO.....</b>	<b>55</b>
4.1 A vida no abrigo e demais microlugares.....	57

4.1.1 Vamos conhecer o abrigo? .....	57
4.1.2 Primeiras aproximações .....	61
4.1.3 O itinerário da vida cotidiana .....	62
4.2 História de vida dos participantes .....	72
4.2.1 Família Diaz .....	74
4.2.2 Família Sánchez .....	80
4.2.3 Luma.....	83
<b>CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>87</b>
5.1 “Eu precisei deixar meu país” .....	87
5.2 “Tenho muita fome” .....	102
5.3 “A primeira barreira é o idioma” .....	105
5.4 “Não quero ser um peso para o Brasil” .....	109
5.5 “Tenho muita saudade” .....	113
5.6 “Somos como uma panela de pressão” .....	117
<b>CAPÍTULO 6: A ESCRITA DE SI.....</b>	<b>121</b>
6.1 Uma pesquisadora brasileira no cotidiano de venezuelanos .....	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>128</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>137</b>
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO EM PORTUGUÊS .....	137
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO EM ESPANHOL.....	139
<b>ANEXOS .....</b>	<b>141</b>
ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....	141

## **Que tal iniciarmos com as apresentações?**

*Para começar, penso ser importante falar sobre quem sou e como me tronei o que sou, bem como sobre a minha relação com a temática deste estudo e a definição da pesquisa. Sou natural de Manaus, capital do Amazonas, onde cresci e permaneço vivendo com minha família. Sou graduada em psicologia e mestranda nesta mesma área.*

*Desde muito jovem, por volta dos 14 anos de idade, soube que meu caminho seria traçado pela ciência psicológica, pois a área da saúde mental me despertava total interesse. Eu vivia me questionando sobre o tratamento diferenciado que as pessoas em sofrimento mental recebiam: porque não são tratadas como qualquer outra pessoa doente? Porque em manicômios e não em hospitais? É por preconceito? É por medo? Eu não tinha respostas, mas eu sabia que eu queria lutar por essa causa: pelos direitos humanos dessas pessoas, porque eu não as via diferente de mim ou de qualquer outra pessoa.*

*Ainda adolescente pude notar e refletir sobre o que eu aprenderia mais tarde como uma dicotomia entre saúde e saúde mental, como se elas fossem dissociáveis, e uma não estivesse contida na outra.*

*Buscando participar dessa luta, ingressei no curso de psicologia em 2010, formando em 2015. Durante esse período fui reafirmando meu encanto pela saúde mental, e quando falo de saúde mental não me refiro apenas a psicopatologias, mas a tudo que envolve a mente humana e que possibilita vivências não somente de sofrimento, mas também de prazer.*

*Saúde mental, nesse sentido, engloba todas as áreas da vida. A tomada de decisões, o trabalho, o acesso a serviços públicos, educação, moradia, lazer, participação política, todos esses fatores envolvem saúde mental, estando ela presente em tudo que fazemos.*

*Entre 2016 e 2017, com a migração em massa de venezuelanos para o Brasil, e em especial, para Manaus, comecei a refletir sobre saúde mental e migração. É nesse momento que passo a me aproximar dessa temática, partindo de algumas vivências que tive desde a infância e que estão relacionadas ao processo migratório.*

*Sou filha de um pai amazonense e de uma mãe paraense, que têm pais nordestinos, portanto, sou filha e neta de migrantes. Minha mãe nasceu no Estado do Pará em Santarém e é filha de mãe cearense. Vinda de uma família muito pobre, órfã de pai, com 3 irmãs e 2 irmãos foi mandada por minha avó para Manaus quando tinha apenas oito anos de idade para*

*morar com sua madrinha. Com dez anos retornou para sua cidade e com dezesseis voltou para Manaus novamente, onde permanece até hoje.*

*Aqui minha mãe casou com um manauara, teve três filhos, incluindo a mim, e vivemos em Manaus. Parte da família materna também migrou para cá e a grande maioria permanece em Santarém, como minha avó e algumas tias e suas famílias.*

*Muitas vezes me reportei a minha mãe para que me contasse sobre sua história ao deixar sua cidade e com ela sua família, amigos e toda sua comunidade afetiva e social construída até aquele momento. Mas em todas às vezes percebi que ela não gostava de falar sobre esse assunto, havia tristeza e certa mágoa em sua fala e olhar. Não consigo dimensionar o tanto que ela sofreu quando ainda criança foi tirada do seu convívio familiar e social para ter que reconstruir uma nova rede de compartilhamento em uma cidade desconhecida. Então, falarei brevemente a partir do meu olhar e das minhas vivências.*

*Durante minha infância e parte da adolescência lembro que íamos a Santarém visitar a família de dois em dois anos, devido questões financeiras. Nessa época, as passagens aéreas eram muito caras e nos restava à possibilidade de irmos de barco. Ficávamos na casa da minha avó cerca de dois meses, durante as férias do fim de ano. À volta para Manaus desencadeava muita tristeza e saudade, pois sabíamos que iríamos esperar por mais dois anos para que pudéssemos nos encontrar novamente. Além disso, a dor da partida marcava a incerteza de um novo encontro em vida com aqueles que amávamos.*

*À volta para casa era difícil e levava tempo para que nos adaptássemos novamente a nossa rotina. Nessa época, era difícil manter contato com a família. Hoje, as coisas se tornaram mais fáceis, podemos conversar por ligação, chamada de vídeo, whatsapp, e todas as tecnologias que podem facilitar esse encontro para diminuir a saudade. Mas ainda assim, o fato de morar longe da família marca uma grande saudade e vontade de reencontros mais presentes e duradouros.*

*Essas vivências me conduziram, por várias vezes, aos imigrantes venezuelanos, ainda que não seja possível compará-las, uma vez que os fatores relativos ao processo migratório são extremamente diferentes. No entanto, minha vivência funciona como um pano de fundo para que eu possa olhar esse processo migratório dos venezuelanos para o Amazonas de forma mais sensível e ampliada.*

*Lembro-me como se fosse hoje, quando certo dia, estava a caminho do aeroporto, para deixar minha mãe que viajaria para Santarém, quando*

*passsei pela rodoviária e avistei muitos venezuelanos indígenas acampados em condições desumanas. Crianças, jovens, idosos, todos vivendo em via pública, debaixo de coberturas de lonas, rodeados por muito lixo. E a partir desse momento passei a refletir com mais intensidade sobre a vida e as dificuldades dos imigrantes.*

*Vale lembrar que dentro do grupo de imigrantes venezuelanos que estão em Manaus encontram-se pessoas indígenas e não indígenas. Em um primeiro momento, foi mais notória a migração desse primeiro grupo, pois ao chegar a Manaus permaneceram acampados em uma área pública por meses, sendo totalmente perceptível a situação de vulnerabilidade social em que se encontravam.*

*A solidariedade da comunidade manauara foi fundamental. Grupos locais se mobilizaram para fazer doações de alimentos, roupas, materiais de higiene pessoal, atendimentos em saúde, dentre outros.*

*Junto de minha família decidi conversar com alguns amigos para nos ajudar com doações para que pudéssemos levar para esses imigrantes indígenas, juntamos tudo e resolvemos entregar nossas pequenas contribuições. Ao chegar à Rodoviária e avisá-los que tínhamos algumas doações para ajudá-los fiquei assustada com a multidão que corria em total desespero em direção ao carro para pegar as doações. Avançavam em cima do carro, derrubavam uns aos outros, brigavam pelas sacolas, pegavam o que podiam e corriam para junto dos seus. Aquele momento marcou minha vida, pois pude ver de muito perto o que o processo migratório pode favorecer nessas ocasiões.*

*Muitas ações foram desenvolvidas por diversos órgãos – como a Cáritas Arquidiocesana, Pastoral do Migrante e ACNUR – e atualmente grande parte desses indígenas já está vivendo em casas distribuídas em alguns bairros de Manaus, por meio de alugueis sociais. É possível perceber que hoje não é mais tão notória a entrada de imigrantes venezuelanos indígenas para cá, apesar de continuarem vindo, por outro lado, o que se percebe é o aumento do fluxo migratório de pessoas não indígenas, sendo claro que o número de imigrantes não indígenas superam em grande escala o número de pessoas indígenas.*

*Nesse sentido, vale ressaltar que a dinâmica de mobilidade dos indígenas se mostra diferente dos não indígenas, mais periférica e não tão itinerante como no caso dos venezuelanos não indígenas. Contribui pensar que existem dimensões diferentes da região, da formação social – chamada Estado, das fronteiras e da mobilidade, entre outras coisas.*

*Em 2017, surgiu o processo seletivo para o Mestrado em Psicologia no Programa de Pós Graduação em Psicologia – PPGPSI da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, e depois de muitos puxões de orelhas do meu pai para me inscrever, decidi participar, mesmo não me sentindo capaz de ser aprovada naquele momento, ainda que o mestrado fosse um sonho desde a graduação. Comecei a me preparar, e eu não tive dúvidas sobre o tema do projeto de pesquisa que desenvolveria. Seria sobre algo que me inquietava e que me pedia diariamente para fazer alguma coisa, e é claro que seria sobre migração e saúde mental. Desenvolvi o projeto, participei das etapas do processo seletivo, e para minha surpresa fui aprovada. E foi nesse cenário que surgiu essa pesquisa – Aproximar-se para dialogar: imigrantes venezuelanos e saúde mental – buscando investigar de que forma esse processo migratório reflete na saúde mental dessas pessoas imigrantes que se encontram em Manaus.*

*No primeiro momento a ideia era ter como participantes da pesquisa os indígenas Waraos, mas por diversas questões, sendo uma delas o reconhecimento de algumas limitações minhas, como a dificuldade na comunicação – visto que esse grupo étnico possui uma língua própria, e até por se tratar de povos com outros pressupostos culturais em ordem á mobilidade humana, optei por ter como pessoas participantes imigrantes venezuelanos não indígenas.*

*Em suma, para essa pesquisa, juntei minha paixão – saúde mental, a algo que estava me mobilizando. Ver imigrantes naquela situação me fez levantar muitas questões: como será a saúde mental dessas pessoas? Será que o processo migratório reflete apenas de forma negativa na saúde mental dos imigrantes? Será que o imigrante está destinado a sofrer, devido às dificuldades impostas pela migração? Será que há somente sofrimento? Há algum ganho nesse processo? Foi a partir desses questionamentos e de tantos outros que elaboramos a questão central desse estudo: de que maneira o processo migratório reflete na saúde mental de um grupo de venezuelanos que se encontram em Manaus?*

*Enfatizo que a escolha dessa pesquisa não partiu de um desejo de caridade para com os venezuelanos, mas de uma postura ética e política, que não está ligada a uma política partidária, e sim a um posicionamento para garantir espaços, sejam eles de fala, de escuta, de mobilização, enfim de alcance de direitos para essas pessoas.*

*Foi partindo desse posicionamento que escolhi me aproximar para construir diálogos, adentrando no cotidiano dos participantes e protagonistas dessa pesquisa por meio de algumas técnicas e pressupostos para uma abordagem etnográfica. Buscando fugir do modelo hegemônico*

*de se fazer ciência, que enfatiza a neutralidade do pesquisador e a rigidez metodológica, parti da perspectiva socioconstrucionista que destaca a presença do pesquisador no cotidiano, e critica a existência da neutralidade científica por assumir que a subjetividade do pesquisador é uma ferramenta do processo de pesquisa (SPINK, M. et al., 2014).*

*Do momento em que assumi essa perspectiva, descobri que eu precisava ressignificar o conceito de campo, pois eu imaginava que eu iria a campo quando fosse ao encontro dos participantes. No entanto, na pesquisa socioconstrucionista não existe um campo, um lugar onde iremos realizar nossa pesquisa. O que existe é um campo-tema, pois como menciona Batista et al. “o campo é nosso próprio tema de pesquisa, por isso estamos em campo o tempo todo, sendo acompanhados pelo acaso (inusitado) e pela informalidade que caracterizam boa parte do trabalho de pesquisa” (2014, p. 108).*

*Nesse sentido, estive em campo desde quando passei a me vincular a temática dessa pesquisa. Estava no campo em casa, na rua, nos ônibus, nas instituições, em todos os lugares que o cotidiano ía me apresentando. Como vocês poderão ver, no decorrer desse estudo, pesquisar no cotidiano dos venezuelanos me tornou parte do fluxo de acontecimentos, eu me tornei parte da comunidade e como coloca Mary Jane Spink ao fazer isso, compartilhamos das mesmas “normas e expectativas que nos permitem pressupor uma compreensão compartilhada dessas interações” (2007, p. 7).*

*Ser uma pesquisadora no cotidiano, portanto, permitiu que eu adentrasse nos microlugares em que as relações aconteciam. Por microlugares Peter Spink (2008) entende como sendo os espaços onde as relações cotidianas se expressam como casas, ruas, comércios, isto é, lugares de breves encontros e de passagem e que são carregados de sentidos e significados. Mais adiante, no capítulo que retrata sobre as narrativas do cotidiano, vocês poderão mergulhar conosco nesses microlugares, onde foram sendo estabelecidas relações que marcaram a construção desta pesquisa.*

*Vale dizer, que tais narrativas funcionam como expressão viva do nosso cotidiano, e quando digo nosso, me refiro a todas as pessoas participantes e não participantes que foram se apresentando no cotidiano dessa pesquisa. Por fim, quero deixar registrado que pesquisar este campo-tema no cotidiano, por meio da etnografia, possibilitou vivências e desmistificações que marcaram não só essa pesquisa, mas também o meu existir.*

## Introduzindo a temática

*“E o futuro é uma astronave, que tentamos pilotar...  
Não tem tempo nem piedade,  
nem tem hora de chegar,  
Sem pedir licença muda a nossa vida,  
Depois convida a rir ou chorar...”*  
(Aquarela – Toquinho)

O tema da migração é algo que vem sendo bastante visualizado na nossa sociedade contemporânea, mas que remonta a própria história da humanidade. A história e formação do Brasil, por exemplo, podem ser contadas por meio da mobilidade humana. Podemos dizer, então, que esse movimento sempre existiu, mas que na atualidade vem ganhando mais destaque devido às diversas transformações que o mundo tem vivenciado, o que tem contribuído para uma nova dinâmica dos fluxos migratórios.

Nesse sentido, as migrações internacionais tem sido alvo de grandes discussões, justamente por conta dessa nova dinâmica que este fenômeno social passou a assumir. Pode-se afirmar que o volume dessas migrações vem aumentando significativamente por conta dos desastres naturais, muitas vezes resultantes da exploração ambiental desordenada, crises políticas e socioeconômicas que tem gerado pobreza, fome, e em muitos casos guerras e perseguições políticas. Todos esses fatores ocasionam uma desestabilização no modo de vida habitual das pessoas, favorecendo, assim, o processo de migração (BATISTA, 2009; CAMPOS e RODRIGUES, 2011; SCHWINN e COSTA, 2015).

Os dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR<sup>1</sup> (2017) evidenciam que a cada minuto cerca de 20 pessoas são forçadas a deixarem sua casa por conta de conflitos e perseguições e que, portanto, estamos assistindo os maiores níveis de deslocamento já registrados na história. Estima-se que cerca de 68,5 milhões de pessoas foram forçadas a se deslocarem em todo o mundo. Estima-se também que existem 10 milhões de pessoas apátridas, que são aquelas cuja nacionalidade foi negada e em consequência disso não possuem acesso aos direitos básicos como educação, saúde, emprego e liberdade de circulação. Podemos pensar, então, que esses números são muito maiores se considerarmos todos os tipos de migrações existentes no mundo.

---

<sup>1</sup> O ACNUR é uma agência da Organização das Nações Unidas – ONU para Refugiados. Tem como responsabilidade assegurar proteção e assistência aos refugiados e apátridas em todo o mundo. Informação disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/historico/>>.

Diante desses dados, é possível perceber que esse movimento está inserido tanto no contexto mundial, como no local. No contexto mundial, é possível perceber que os movimentos migratórios vêm ganhando maior visibilidade através das mídias, redes sociais e estudos científicos. Como já sabemos, o Oriente Médio tem sido um dos principais palcos desse fenômeno social. Dentre os países dessa região, chama atenção à Síria que vem enfrentando há quase nove anos uma onda de violência e consequente violação dos direitos humanos. De acordo com Corrêa *et al.* (2015) o país possui uma divisão tanto no que diz respeito a política quanto a religião e tem passado por uma dura guerra civil, deixando diversos mortos, feridos e desabrigados. A maioria dos deslocamentos ocorre internamente – 6,6 milhões, conforme dados do ACNUR (2018a).

As informações do ACNUR (2018a) apontam que mais de 5,6 milhões de pessoas foram forçadas a fugir da Síria desde 2011, ano em que a guerra teve início. Essas pessoas buscaram segurança no Líbano, Turquia, Jordânia e em vários outros países, inclusive no Brasil<sup>2</sup>. Os dados dizem também que 13,1 milhões de pessoas na síria precisam de assistência e 2,98 milhões vivem em áreas sitiadas ou de difícil acesso.

Esse movimento migratório ganhou grande contorno de comoção mundial, em setembro de 2015 quando foi divulgada uma imagem nas mídias e redes sociais de uma criança de três anos de idade, chamada Aylan Shenu. Nessa fotografia o corpo de Aylan estava na beira da praia de Bodrum, na Turquia, deitado de bruços, sem vida. A família dessa criança tentava desesperadamente atravessar o Mar Mediterrâneo para fugir da Síria. Infelizmente, não conseguiram atingir seu objetivo, e a imagem do pequeno Aylan chocou o mundo, evidenciando a crise humanitária que a Síria e o mundo têm vivenciado (MELO e CARDOSO, 2016).

Diante dessa crise que a Síria e diversos países têm enfrentado, o volume dos fluxos migratórios tem aumentado cada vez mais. Vale destacar, que frente esse cenário, muitos países tem se fechado para não receberem os imigrantes que pedem asilo, por acreditarem que eles são uma ameaça à estabilidade política, econômica e social. Além disso, acreditam que estes sejam também uma ameaça a segurança do país. O ataque às Torres Gêmeas nos Estados Unidos da América – EUA, em 2001, colaborou para que os imigrantes fossem tidos como um problema, principalmente em relação à segurança. Segundo Schwinn e Costa “esse

---

<sup>2</sup> Segundo o relatório Refúgio em número – 3ª edição, elaborado pelo Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE, a nacionalidade com maior número acumulado de refugiados reconhecidos no Brasil no ano de 2017 é a Síria, com 2.771 pessoas totalizando 39%. Disponível em: <[http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros\\_1104.pdf](http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf)>.

movimento se espalhou especialmente para a Europa que passou a endurecer suas políticas migratórias, baseando-os no combate ao terrorismo, no controle e fronteiras e no controle migratório” (2015, p. 4).

Ainda em relação a esse endurecimento das políticas migratórias, Cysne (2016) coloca que tanto os EUA quanto diversos países da Europa apontam para uma política que tem na sua base um nacionalismo mais agressivo e de maior fechamento de fronteiras a imigrantes. O discurso de Donald Trump, atual presidente dos EUA, sobre o levantamento de muros para impedir a entrada ilegal de imigrantes reforça essa política. A respeito disso Jung e Ortigara fazem uma crítica ao comentar que “o ‘fenômeno Donald Trump’ recrudescer ao mais primitivo protecionismo e aos seus respectivos efeitos nefastos: em um mundo já dividido por linhas abstratas, pensa-se ainda em erigir muros” (2016, p. 4).

Fica claro, portanto, que o investimento em políticas protecionistas e restritivas à migração internacional colabora ainda mais para a discriminação e a xenofobia, pois, entende-se que o imigrante é interpretado frequentemente como alguém perigoso, inimigo, que ameaça a boa convivência e a segurança da nação. O imigrante é subjulgado dessa forma, principalmente, por não compartilhar da mesma identidade nacional, que envolve valores morais e culturais. No entanto, como afirma Velasco “a identidade unitária da forma-nação – sua nacionalidade específica – sempre será um mito, um discurso unificador da diferença” (2014, p. 38).

Em relação a essas políticas restritivas adotadas por alguns países, vale destacar que o Brasil é um país que não possui esse tipo de política. Em outras palavras, é um país que possui abertura para a entrada de imigrantes<sup>3</sup>. Frente isso, é de extrema importância considerar que essa abertura é um aspecto fundamental para a acolhida de imigrantes, no entanto precisamos pensar para além do mito de que o Brasil é um país hospitaleiro, para que possamos identificar outras facetas. Hospedamos sim, mas de que forma?

---

<sup>3</sup> É importante ressaltar que isso tem mudado com o novo governo, pois o mesmo tem dado indícios de que haverá um endurecimento das políticas migratórias. A saída do Brasil do Pacto Global para a Migração Segura, Ordenada e Regular da ONU é um dos indícios. Tal Pacto parte do pressuposto de que é necessária uma abordagem cooperativa para gerenciar a migração internacional e fortalecer os direitos dos migrantes.

Essas informações podem ser visualizadas nos seguintes sites:

<<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/migracoes---governo-de-bolsonaro-abandona-pacto-mundial-das-migracoes-da-onu.htm>>.

<<https://migramundo.com/como-2019-comeca-em-relacao-as-migracoes-no-brasil/>>.

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/01/bolsonaro-diz-que-brasil-e-soberano-para-decidir-sobre-migracao-apos-saida-de-pacto-global.shtml>>.

<[https://www.csem.org.br/csem\\_em\\_foco/possiveis-consequencias-da-saida-do-brasil-do-pacto-global-para-migracao/](https://www.csem.org.br/csem_em_foco/possiveis-consequencias-da-saida-do-brasil-do-pacto-global-para-migracao/)>.

Desse modo, para além da abertura de fronteiras, o Estado precisa criar condições materiais para que essas pessoas possam viver dignamente, pois tem se tornado um país de destino para diversos imigrantes vindos de países como o Haiti, Senegal, Gana, Bolívia, Colômbia e países do Oriente Médio, África e Ásia, como aponta Schwinn e Costa (2015).

O relatório – Refúgio em Números – divulgado pelo Comitê Nacional para Refugiados – CONARE (2017) evidencia justamente isso: o quanto o Brasil tem sido um país de destino para imigrantes de diversas nacionalidades. Até o final de 2017, por exemplo, o Brasil possuía 10.145 refugiados reconhecidos, e 86.007 solicitações de reconhecimento em trânsito. A entrada de imigrantes no país é muito maior se considerarmos aquelas pessoas que cruzaram as fronteiras sem solicitação de refúgio, por exemplo.

Isso mostra que esses processos migratórios têm se mostrado cada vez mais presente em nossa sociedade. No ano de 2010, por exemplo, chamou atenção a entrada de diversos haitianos no Brasil que foi impulsionada por um terremoto de grande magnitude no Haiti e que segundo Corrêa *et al.* (2015) causou mais de 150.000 mortes, criando uma situação de total destruição e caos. Essa não foi à única motivação, o país também enfrenta uma situação que envolve fragilidade e instabilidade política, além disso, o setor de saúde é precário.

Os grupos migraram para várias regiões do Brasil, inclusive para vários municípios do Amazonas, incluindo Manaus. Silva (2017) aponta que em 2016 os dados da Delegacia de Polícia de Imigração do Amazonas – DELEMIG/AM registraram a entrada de 8.503 haitianos no Amazonas. É possível verificar, portanto, que a migração Haitiana para o Amazonas foi bastante significativa. Diversos autores pesquisaram sobre essa migração no contexto local<sup>4</sup>.

Desse modo, fica evidente que esses processos migratórios não têm ocorrido longe de nós, aliás, tem se apresentado bem próximo, podendo ser visto, notado, até mesmo tocado, de tão presente que se faz em nosso meio. A recente migração venezuelana em massa para o Brasil, em especial para o Estado de Roraima e Amazonas, localizados na região norte do país, comprova essa afirmação.

Conforme Angioletti (2017) essa migração foi impulsionada por uma grande crise na Venezuela que teve aprofundamento em 2014, e que gira em torno de questões econômicas,

---

<sup>4</sup> SANTOS, F. V. A inclusão dos migrantes internacionais nas políticas do sistema de saúde brasileiro: o caso dos haitianos no Amazonas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, RJ, v.23, n.2, abr.-jun. 2016, p.477-494.  
SILVA, S. A.. Entre o Caribe e a Amazônia: haitianos em Manaus e os desafios da inserção sociocultural. *Estudos Avançados (Online)*, v. 30, p. 139-152, 2016.  
SILVA, S. A.. A Amazônia na rota das migrações: o caso dos haitianos e os desafios às políticas públicas. *Territórios e Fronteiras (Online)*, v. 8, p. 138-153, 2015.  
VERAN, Jean-François; NOAL, Débora da Silva and FAINSTAT, Tyler. Nem Refugiados, nem Migrantes: A Chegada dos Haitianos à Cidade de Tabatinga (Amazonas). *Dados [online]*. 2014, vol.57, n.4, pp.1007-1041.

humanitárias e políticas. Em função desses conflitos econômicos e políticos se estabelece no país uma grave crise de abastecimento de alimentos, medicamentos e insumos básicos. A escassez de alimentos e o aumento da violência colaboraram para migração dos venezuelanos para diversos países, em especial para o Brasil.

É importante ressaltar, também, que existem aspectos macros que tem colaborado para o surgimento e evolução da crise, sendo eles aspectos de cunho geopolítico e militar, bem como o desconforto das elites, e a guerra pelo petróleo internacional impulsionada por potenciais mundiais como os Estados Unidos da América. Desse modo, a crise está relacionada não somente a uma questão regional e nacional, mas também, a uma questão internacional, e que tem contribuído para a migração em massa de milhares de venezuelanos.

O relatório da CONARE (2017) revela que entre janeiro e setembro de 2017, cerca de 48.500 venezuelanos solicitaram refúgio em vários países. No Brasil, por exemplo, os dados mostram que 17.865 pessoas de nacionalidade venezuelana solicitaram refúgio. Além disso, até julho de 2017 havia no Brasil cerca de 30.000 venezuelanos em diversas situações migratórias.

Segundo informações da ACNUR (2018b) mais de 800 venezuelanos cruzam a fronteira brasileira todos os dias e estima-se que mais de 52 mil venezuelanos chegaram ao Brasil desde o início de 2017, desse total 25 mil solicitaram refúgio, 10 mil possuem visto de residência temporária, e os demais buscam regularizar sua situação.

Os imigrantes são oriundos de 24 regiões venezuelanas, no entanto a grande maioria vem de três estados: Bolívar (26%), Monagás (16%) e Caracas (15%), conforme Simões (2017). A grande maioria desses venezuelanos que migraram para o Brasil está no Estado de Roraima, que faz fronteira com a Venezuela, e muitos destes migram para cidade de Manaus, devido o fácil acesso. É importante mencionar que a grande maioria desses imigrantes que vieram para o Brasil não possui um status regular, o que facilita que essas pessoas se tornem alvos de exploração e discriminação.

Frente este cenário é de suma importância salientar que o ato de migrar não implica somente num deslocamento geográfico, mas toda uma série de questões que perpassam a vida do imigrante e que, portanto, repercute no seu modo de vida. As migrações estão, geralmente, associadas a perdas, tanto de bens materiais quanto de vínculos familiares, comunitários e sociais que são de extrema importância para as pessoas. Concomitante a isso, a chegada em outro país, com idioma e culturas diferentes, além da perda de referências socioculturais de origem se configuram em situações que podem dificultar a inserção social destas pessoas.

Nesse sentido, esse quadro pode promover uma série de significativas transformações nos aspectos físico, social e mental dos imigrantes que acabam necessitando buscar novas perspectivas de vida em outra nação. É importante ressaltar que essas transformações não se limitam apenas a questões negativas. Portanto, todas essas questões envolvem processos psicológicos específicos e necessitam ser compreendidos.

Diante do contexto exposto, e dessa significativa presença de imigrantes venezuelanos no Brasil, a proposta de pesquisa foi estudar um grupo de venezuelanos que reside em um abrigo em Manaus, partindo do seguinte problema de pesquisa: de que maneira a migração reflete na saúde mental de um grupo de venezuelanos que se encontram na cidade de Manaus? A partir desse questionamento, optamos por utilizar uma metodologia que permitisse minha inserção no cotidiano desse grupo, para que fosse possível construirmos aproximações e diálogos acerca da migração e da saúde mental.

Portanto, objetiva-se com essa pesquisa investigar a partir do cotidiano de um grupo de venezuelanos, que se encontram na cidade de Manaus, como o processo migratório reflete na saúde mental desta população. Para o alcance desse objetivo geral o desmembramos em três objetivos específicos, a saber: descrever o cotidiano de um grupo de venezuelanos em Manaus; discorrer através do que foi percebido sobre as dificuldades e demandas que esse grupo enfrenta no seu dia a dia em Manaus; e analisar como essas dificuldades e demandas refletem na saúde mental dessas pessoas e de seus coletivos mais próximos, como grupos familiares, parentes e amigos.

É de suma importância enfatizar, que no âmbito dessa pesquisa, saúde mental está para além das psicopatologias. É fundamental pensar dessa forma, para que não venhamos a ser reprodutores de visões psicopatologizantes, já que trabalhamos com pessoas que possuem um universo cultural diferente do nosso. Além disso, conforme, Galina *et al.* (2017) quando se fala sobre saúde mental envolvendo imigrantes, fala-se das suas necessidade particulares, das diferenças culturais, das desigualdades socioeconômicas e de poder, das políticas públicas dos países de acolhimento e, principalmente, da possibilidade desses atores sociais como protagonistas de sua própria história, e são essas questões que buscamos dialogar nessa pesquisa.

Vale destacar, também, que o objeto desse estudo é visto e reconhecido a partir do paradigma da complexidade, uma vez que é impossível assumir uma postura simplista e reducionista para compreensão do fenômeno migratório e das relações que se dão por conta desse processo. Além disso, no campo desse fenômeno social a construção desse estudo

assume como fundamento teórico a Psicologia Macrocultural – PMC desenvolvida por Carl Ratner, e como pressuposto ontológico e epistemológico a perspectiva socioconstrucionista em Psicologia Social.

Tal pesquisa se justifica por acreditar que a construção de um diálogo sobre migração e saúde mental pode favorecer uma compreensão acerca desse processo, bem como possibilitar discussões para a elaboração de políticas públicas voltadas para essa população. Em razão disso, considera-se que esta pesquisa se faz relevante para sociedade local e nacional uma vez que procura dar visibilidade a essa realidade que se apresenta em Manaus e que apresenta fronteiras pessoais, coletivas, sociais, políticas, que podem ser geradoras de diversas problemáticas, principalmente, para o imigrante.

Além disso, como esse processo é recente, há poucos estudos sobre a migração venezuelana para Manaus, e até o momento não se tem estudos publicados referentes à imigração e saúde mental dessa população específica que se encontra em Manaus. Portanto, ao desenvolver essa pesquisa acredita-se e espera-se que através das informações que serão adquiridas os acadêmicos e profissionais de psicologia possam ter mais arcabouço teórico e prático para a elaboração de futuras intervenções e pesquisa nesse campo.

### **Estrutura da dissertação**

Esse trabalho é composto por seis capítulos. No primeiro, apresentamos o marco teórico do estudo, o qual é dividido em três partes. Na primeira, denominada “o Fenômeno social da migração”, abordamos brevemente sobre a história da migração no Brasil. Em seguida, situamos os aspectos conceituais da migração e de seus derivados, propondo uma dimensão psicossocial e subjetiva em tais conceitos. Além disso, também nos propomos a apresentar uma compreensão psicossocial e subjetiva do imigrante. Na segunda parte utilizamos a Psicologia Macrocultural como fundamento teórico para auxiliar na compreensão e análise dos significados produzidos pelos participantes desse estudo acerca da migração e da saúde mental. Por fim, na terceira parte desenvolvemos um pouco sobre a saúde mental e território, para enfatizar que saúde mental se faz no meio.

No capítulo 2 apresentamos as bases metodológicas do estudo, trazendo os fundamentos da Teoria Socioconstrucionista e das Práticas Discursivas como produção de sentido. Estas vão ao encontro da proposta utilizada para inserção no campo, coleta dos dados,

e análises. O capítulo 3, por outro lado, traz o percurso metodológico, ou seja, natureza da pesquisa, operacionalização e as considerações éticas.

No capítulo 4 trazemos as narrativas do cotidiano, que funciona como uma descrição etnográfica do mesmo. Em outras palavras, contamos algumas histórias, nas quais os personagens interagem dentro de uma situação espacial e temporal. Essas narrativas foram construídas tanto pelos participantes dessa pesquisa, como por aqueles que mesmo não sendo, desenvolveram papéis importantes para sua construção. Ainda nesse capítulo, reservamos um espaço para apresentar a história de vida dos participantes desse estudo.

Já no capítulo 5 damos início às análises. Os títulos dos tópicos de análises trazem as próprias práticas discursivas dos participantes e protagonistas desse estudo, discutindo as seguintes categorias: motivações para o deslocamento, direitos, idioma, trabalho e identidade, saúde, sofrimento e apoio social, sendo saúde mental uma categoria transversal.

Por fim, no capítulo 6, apresento minha experiência e percepção enquanto pesquisadora brasileira no cotidiano de imigrantes venezuelanos. Após esses capítulos, apresentamos as considerações finais e as referências.

## **CAPÍTULO 1: MARCO TEÓRICO**

### **1.1 O FENÔMENO SOCIAL DA MIGRAÇÃO**

#### **1.1.1 Introdução**

Neste item, iniciaremos mostrando que a migração não é um fenômeno desse momento atual ou de uma conjuntura, muito pelo contrário, ela está inscrita na própria história da humanidade. Posteriormente, discutiremos sobre o aspecto conceitual da migração propondo a inclusão de uma dimensão psicossocial e subjetiva, uma vez que na nossa concepção migrar não envolve apenas um deslocamento geográfico. Assim, partimos do entendimento de que a migração tem como eixo central um deslocamento que está para além da geografia.

Antes de partirmos para uma compreensão psicossocial e subjetiva do imigrante, apresentaremos, também, o conceito de emigração e imigração, bem como alguns tipos de migração, como a migração forçada e a migração voluntária, até mesmo para que possamos compreender melhor quem é o imigrante nesse estudo.

Ainda, pretendemos salientar que a migração envolve processos de subjetivação e que por isso o imigrante não pode ser pré-concebido ou simplesmente considerado como alguém que está imbuído em um processo de sofrimento psíquico e que por conta disso é um ser vulnerável, passivo, devido às questões psicossociais que envolvem o processo migratório. Por fim, enfatizaremos a autonomia e protagonismo dos imigrantes, bem como as relações de troca que se dão entre os mesmos e as pessoas que os recebem no país de destino.

#### **1.1.2 Brasil: país de migração**

Se pararmos para pensar sobre o tema da migração, veremos que é um processo antigo e que acompanha a história da humanidade. Teresi nos diz que a “história da humanidade se confunde com a história das migrações” (2012, p. 16). Diante disso, podemos afirmar que o Brasil, como formação política e social, oferece historicamente certas particularidades desse fenômeno.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil e se estabeleceram após conquistá-lo, movimentaram as pessoas que aqui viviam e as de outros lugares também. Vale destacar, que aqui utilizamos o verbo conquistar ao invés de descobrir, porque alegar que os portugueses

descobriram o Brasil é dizer também que este lugar não era povoado, é, portanto, negar a existência dos milhares de povos indígenas que aqui viviam antes da chegada dessas pessoas.

Retomando, a grande entrada de europeus, e a ordem imposta aos indígenas para se deslocarem de suas terras, bem como a chegada dos africanos que foram capturados e transportados à força para servirem de mão de obra, são exemplos da história do Brasil e que giram, portanto, em torno da migração (LOPES apud CÂMARA, 2014).

De acordo com Dantas (2017), outro momento marcante na história do Brasil, no que diz respeito às migrações, refere-se à proibição da escravidão, pois a partir disso começa-se a entrar no país não mais grupos de africanos, mas em sua maioria europeus e japoneses, visto que os governos passaram a adotar uma política de atração de imigrantes visando o embranquecimento da população brasileira. Nesse sentido, a migração nesse período da história teve como objetivos povoar a terra, substituir a mão de obra e constituir a identidade nacional. Identidade esta que tentou negar a existência de uma identidade indígena e negra no Brasil (LOPES apud CÂMARA, 2014).

Em relação a isso, Cucho (1999) menciona que as culturas se desenvolvem por meio dos conflitos, tensão e por vezes na violência. No entanto, para este autor isso não significa dizer que as pessoas ou grupos mais fortes, devido a sua hierarquia social, estão sempre em condições de impor a sua cultura aqueles considerados mais fracos, uma vez que mesmo os mais fracos não estão nunca totalmente desarmados no jogo cultural.

Por isso, concordamos com Vianna (2007), ex-presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, ao afirmar na apresentação da obra: *Brasil, 500 anos de povoamento*, que os grandes povos definidores da nação brasileira foram três: os indígenas, os portugueses e os negros, e tantos outros que com o passar do tempo se juntaram a eles. Por isso, para esse autor o Brasil é um verdadeiro caldeirão étnico, no qual todos esses atores sociais foram imprimindo a sua marca na construção de uma identidade nacional.

Podemos, então, perceber que se a formação do Brasil é marcada fortemente pela migração, a composição e formação do povo brasileiro não poderia também fugir dessa lógica. Assim, a formação do Brasil e da sua população está associada às diversas pessoas que aqui já viviam com suas práticas e aos imigrantes que trouxeram consigo suas “características sociais, religiosas, linguísticas, e culturais” (CAMPOS E RODRIGUES, 2011, p. 38)<sup>5</sup>.

Diante de tudo que foi exposto aqui, fica claro que a migração sempre existiu, que é algo inerente aos homens, mas que na atualidade vem ganhando mais destaque devido às

---

<sup>5</sup> A obra clássica de Darcy Ribeiro – “O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil”, publicada em 1995 – retrata bem esta questão.

diversas transformações e recorrência de situações conflituosas vinculadas a motivos territoriais, socioambientais, geopolíticos, religiosos, políticos, econômicos, entre tantos, que o mundo tem vivenciado. É como afirma Schwinn e Costa “Mas, alguém poderia lembrar: a migração sempre existiu, o que é fato. A diferença está no volume desses deslocamentos e nas crises humanitárias que os tem provocado” (2015, p. 1).

Percebe-se, diante disso, que as pessoas passam a migrar não mais somente por questões econômicas, mas também por crises humanitárias, por questões que as impedem de viver dignamente em seus países de origem. Logo, discutir sobre essa temática é de extrema importância, uma vez que essas migrações influenciam fortemente no modo de vida das pessoas que migram e daquelas que as recebem em seu país.

Ser imigrante, portanto, não implica somente sair de um lugar para outro, implica diversas situações que podem dificultar o seu modo de viver, pois migrar significa, também, entrar em contato com outras culturas e identidades que diferem bastante daquela que o imigrante carrega consigo. Apesar disso, o imigrante é caracterizado também, pelo seu protagonismo, pois sua saída está relacionada a busca da possibilidade de se viver melhor, ainda que seja em outro país. Por isso, torna-se necessário conceituarmos e explicar mais detalhadamente sobre o que é migração, quais as diferenças conceituais entre as tipologias, quais os tipos de migração para só então entendermos melhor o que de fato é ser um imigrante.

### **1.1.3 O que é a migração? Incluindo uma dimensão psicossocial e subjetiva**

Iniciamos falando sobre a história da migração no Brasil, mas o que a literatura tem falado sobre os aspectos conceituais da migração? Primeiramente, é importante mencionar que não existe um conceito único. Segundo o Glossário sobre Migração elaborado pela Organização Internacional para as Migrações – OIM “as definições nesta área são, frequentemente, vagas, controversas e contraditórias. Inexistem definições universalmente aceitas” (2009, p. 3).

Podemos dizer, então, que há uma pluralidade de conceitos sobre migração. Às diversas abordagens sobre essa temática, que imprimem concepções diferentes acerca desse fenômeno, bem como as diversas tipologias de migrações e migrantes existentes, podem colaborar para essa multiplicidade. Nesse sentido, apresentaremos alguns conceitos que a literatura aborda.

A palavra migração deriva do latim – *migrare*, que significa mudar de residência, daí a ideia de que migração implica o movimento ou deslocamento de uma pessoa de um lugar para outro, dentro de um tempo determinado, geralmente mais que um ano. Esse deslocamento pode ocorrer dentro de um mesmo país, o que chamamos de migração interna, ou de um país para outro, que é conhecida como migração internacional, para fins de estabelecer residência (TERESI, 2012).

Por outro lado, a OIM conceitua o termo migração como sendo o “processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas” (2009, p. 40).

É possível notar uma diferença entre esses dois conceitos, no primeiro para que uma pessoa seja considerada migrante é necessário que ela permaneça por um tempo determinado no lugar para qual migrou. No segundo, a pessoa que se deslocou é considerada migrante independente da extensão de tempo e espaço.

Nesse sentido, de acordo com Nolasco na literatura a grande maioria das definições “faz referência a um conjunto de aspectos que consideram as migrações como a deslocação de seres humanos no espaço e tempo, que percorrendo pequenas ou grandes distâncias, no decorrer de um curto ou longo período de tempo, mudam de residência” (2016, p. 3). Teresi (2012) menciona que é a noção de residência que faz com que haja diferença, por exemplo, entre um turista e um migrante.

Nolasco (2016) menciona ainda que as definições acerca desse fenômeno não são capazes de responder a todas as dimensões e facetas deste, pois a migração se apresenta como um elemento heterogêneo, e justamente por isso, não existe um consenso entre as definições, tanto na extensão geográfica e temporal, como também nas consequências sociais que estão implicadas nesse movimento.

Voltemos agora para outras definições e que acrescentam aspectos sociais nestas. Segundo Sarriera, Pizzinato e Meneses (2005) ao considerar a migração como um processo social, a mesma pode ser compreendida como um fenômeno complexo que envolve não apenas uma mudança de local após cruzar as barreiras de um Estado, mas também uma mudança que afeta todas as áreas da vida da pessoa migrante, visto que os contatos socioculturais que a pessoa possuía também sofrem alterações.

Stichweh (2018) não foge muito dessa lógica, pois para ele a migração corresponde a um mecanismo da globalização, e que representa o deslocamento forçado ou espontâneo de

forma parcial ou completa de estruturas sociais, estruturas estas que dizem respeito a variações, expectativas, comportamentos, e que se dão por meio do deslocamento de pessoas no espaço.

Diante desses dois conceitos já é possível perceber a inclusão de uma dimensão que caminha junto com a dimensão geográfica. Em outras palavras, não há apenas uma mudança geográfica, de espaço físico, há, também, uma mudança social que está implicada na própria noção de deslocamento geográfico.

Em relação a isso, Marandola (2011), geógrafo e doutor em geografia, afirma que talvez uma das maiores contribuições da geografia no que diz respeito aos processos migratórios se refere à incorporação da dimensão espacial, como parte essencial desse fenômeno, o que potencializa as noções de território e dos processos de territorialização, bem como da relação com o lugar. No entanto, para este mesmo autor essas categorias espaciais carregam significados simbólicos e que por isso torna-se necessário a discussão interdisciplinar, no sentido de pensar essas categorias como reveladoras das dinâmicas sociais, políticas, culturais, etc. Sayad (1998, p. 15) corrobora com esse pensamento ao afirmar que:

(...) a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico (...) mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente.

Podemos pensar, então, que na migração existe sim uma mudança que está para além do deslocamento geográfico, pois como o espaço dos deslocamentos é qualificado, isto é, possui características sociais, culturais e etc., todas essas questões dão origem a aspectos psicossociais e subjetivos. Dentro da esfera geográfica, espacial, portanto, há uma dimensão psicossocial e subjetiva, pois nessa esfera estão implícitas as questões relacionadas ao tempo, clima, idioma, cidadania, alimentação, vínculos, histórias, e tantos outros.

No início desse item, ao citar Nolasco (2016) mencionamos que a grande maioria das definições acerca da migração corresponde a um conjunto de aspectos que entende esse fenômeno como o deslocamento de pessoas no espaço e tempo, independente da distância e da duração, com o objetivo de se mudar, fixando residência. Observa-se, portanto, que se fala muito das dimensões espacial e temporal, mas onde se encontra a dimensão subjetiva que implica movimentos identitários de constituição de identidade, de trocas? Assim, não é só um movimento que envolve espaço e tempo, envolve um deslocamento interno e negociações. Quando a pessoa migra, migram-se com ela todas as estruturas psicossociais, estruturas estas

que se desenvolveram e se estabeleceram por conta dos contatos socioculturais que ocorreram no seu espaço geográfico e que terão de se relacionar com as estruturas do país de destino. Além disso, a forma como cada indivíduo vai lidar com esse deslocamento é singular.

Sendo assim, propomos a inclusão da dimensão psicossocial e subjetiva dentro dos diversos conceitos de migração, enfatizando que toda migração, sendo forçada ou não, terá um componente psicossocial e subjetivo operando. Em outras palavras, propomos um enfoque psicossocial para o fenômeno da migração e dos imigrantes, e da relevância de atender aos processos subjetivos para o caso.

Acreditamos que assim como nos conceitos de saúde e saúde mental que foram sofrendo modificações ao longo do tempo, assim também pode acontecer com o conceito de migração. Saúde, por exemplo, por muito tempo foi conceituada como sendo o estado de ausência de doença, o que limitava muito as formas de compreensão acerca desse fenômeno. A Organização Mundial de Saúde – OMS em 1948 acabou substituindo essa definição por uma mais abrangente, englobando aspectos físicos, sociais, e psicológicos e não resumindo mais apenas a ausência de doença. No entanto, apesar dessa mudança ainda há muita discussão sobre esse conceito com a tentativa de deixá-lo mais dinâmico (BRITO, 2010). Já o termo saúde mental, por muito tempo foi associado à loucura, psicopatologias, e apesar de esse pensamento ainda permanecer no senso comum, há outros entendimentos, dentre eles o de que saúde mental está para além das psicopatologias, e que por isso não pode ser reduzida a doenças mentais.

Nesse sentido, há de se pensar também numa ampliação do conceito de migração que englobem outras dimensões, além da espacial e da temporal. Não estamos propondo um fechamento do conceito, mas uma tentativa de incluir as dimensões psicossocial e subjetiva, por considerar que toda migração possui esses componentes. Além disso, considerar essas dimensões abre espaço para que a própria Psicologia se situe cada vez mais nessas questões.

#### **1.1.4 Migração, emigração e imigração**

Antes de partirmos para uma compreensão psicossocial e subjetiva do imigrante é importante dizer que quando se discute sobre migração, é preciso considerar que existem termos e/ou categorias derivados dela, e que precisam ser conceituados até para que possamos compreender quem é o imigrante. São elas: emigração e imigração.

Para Teresi (2012) esses dois termos representam o mesmo fenômeno, a diferença entre eles está na perspectiva de quem observa. Emigração se refere à saída do seu país de origem para se estabelecer em outro, portanto, a pessoa que se encaixa nessa situação é chamado de emigrante visto desde o ponto de vista do seu país de origem. Já a imigração significa a entrada dessa mesma pessoa no país que o recebe, mas pela perspectiva do país de destino. Por isso, Paiva e Leite afirmam que “todo imigrante, é antes um emigrante” (2014, p. 4).

Desse modo, migração, emigração e imigração representam o mesmo fenômeno. O primeiro assume uma perspectiva mais geral, no qual o emigrante e o imigrante são também migrantes – talvez seja por isso que diversos estudos utilizam o termo migração e conseqüentemente migrante, por englobar os demais. O segundo adota uma visão do país de origem e o terceiro do país de destino. Assim, emigração e imigração podem ser vistas também como migração internacional. No âmbito desse estudo, portanto, utilizamos o termo migração por adotar um contexto mais geral e o termo imigrante por adotar a perspectiva do país de destino.

Além disso, acreditamos ser importante conceituar dois tipos de migração: migração espontânea e a forçada, que na literatura pode ser encontrada com outras denominações como, voluntária e involuntária. A nomeação dada a elas já nos diz um pouco do que se tratam, na migração espontânea ou voluntária, a pessoa opta por migrar sem que haja qualquer elemento externo que o force. Já na migração forçada ou involuntária, o sujeito é obrigado por alguma motivação externa a migrar, há, portanto, um elemento de coação que ameaça a vida ou a sobrevivência deste e que o impulsiona a deixar seu país. Para OIM (2009), essas motivações externas podem ter origem tanto em causas naturais, como aquelas provocadas pelo homem.

Nessa perspectiva, torna-se difícil, pelo menos na prática, encaixar uma determinada migração em um desses polos extremos, ou seja, muito raramente conseguiremos enquadrar um deslocamento como completamente espontâneo ou forçado, até porque como menciona Campos (2015) mesmo quando uma força externa age fortemente sobre uma pessoa, dificilmente este não possui nenhuma capacidade de escolha frente à necessidade de migrar. Poderíamos pensar, então, em migrações que se aproximem de um polo ou de outro. Além disso, este mesmo autor faz uma crítica a essa polarização, pois para ele (2015, p. 274):

Grande parte do debate sobre migrações forçadas concentra-se nos deslocamentos cujo componente involuntário é extremamente elevado, dadas às implicações jurídicas, humanitárias e diplomáticas que envolvem as chamadas “migrações forçadas” e a questão dos refugiados. Isso por vezes leva à ilusão de que os demais

tipos de migração que não envolvem um caráter de agressividade ou violência explícita são deslocamentos movidos por uma vontade individual e soberana, pacíficos e, em última instância, não conflituosos. Contudo, conforme discute-se neste trabalho, as relações de poder envolvidas no processo de tomada de decisão para a migração fazem com que as migrações de muitos indivíduos sejam um fenômeno involuntário, na medida em que não participam ou não têm seus interesses levados em conta durante o processo de tomada de decisão.

O refugiado, mencionado nessa citação, constitui uma categoria migratória diferenciada. Segundo o ACNUR (2018c) é considerado refugiado aquela pessoa que deixou seu país de origem por fundados temores de perseguição, seja por religião, raça, nacionalidade, grupo social ou opinião política. Além disso, também são considerados refugiados as pessoas que foram obrigadas a saírem do seu país natal, por conta de conflitos armados, violência generalizada e extrema violação dos direitos humanos. No Brasil há uma lei específica que prevê proteção para os refugiados – Lei nº 9.474/1997. Cabe ressaltar, que de qualquer forma um refugiado sempre é um imigrante. O mesmo atua como uma forma convincente de aplicar o direito internacional quando alguns países possuem leis de imigração bastante fechadas para aceitar os estrangeiros pobres.

É fácil, por exemplo, identificar que os sírios podem se enquadrar numa migração forçada e considerados refugiados quando ingressam em outro país, devido a forte e frequente violação dos direitos humanos que os forcem a deixarem seu país de origem. No entanto, levantamos aqui os mesmos questionamentos feito por Corrêa *et al.* (2015): como ficam aquelas pessoas que mesmo não se enquadrando como refugiado ou um migrante econômico, migram por sobrevivência? Nesse caso não poderia ser visto também como uma migração forçada?

Diante disso, fica evidente a complexidade que gira em torno das migrações. Nosso objetivo com essa produção a respeito das tipologias e conceitos é justamente o de mostrar que o imigrante não se caracteriza pelo simples fato de deixar seus país natal e entrar em outro. Migrar significa mais que isso, significa entrar em contato com uma nova cultura e consequentemente novas identidades, o que pode representar para o imigrante uma dificuldade de inserção, mas, também, um novo recomeço. Além disso, hoje, pode-se dizer que as pessoas migram porque já não podem mais viver no lugar onde nasceram, e as saídas do local de origem para outro estão fundamentadas em causas humanitárias.

### **1.1.5 Mas quem é o imigrante? Para além do sofrimento psíquico**

Considerando que na migração há componentes psicossocial e subjetivo operando, é preciso compreender que essas dimensões caracterizam também a pessoa imigrante. O fato de o espaço físico/geográfico ser qualificado traz a cultura como um pilar para o entendimento do imigrante, uma vez que com o deslocamento o mesmo passa por e precisa lidar com uma série de transformações, uma vez que a entrada em outro país o coloca de frente com uma nova configuração cultural.

Nesse sentido, conforme Silva e Pait (2016) cada cultura possui especificidades que as caracterizam, como o tipo de colonização, revoltas e conflitos, organização política, bem como a subjetividade das pessoas que compartilham dessa cultura, e que são responsáveis por originar formas de manifestação artística, econômica, social. Por isso, migrar implica “transitar entre estes modos de ser e viver. Implica se adaptar, aprender, compreender novos costumes” (SILVA; PAIT, 2016, p. 66).

Apesar disso, pode-se dizer que o imigrante busca, também, manter as suas raízes culturais, até por ela ser um dos pilares da subjetividade. A memória, portanto, é um dos fatores que possibilita a manutenção dessas raízes, mas, também um novo olhar sobre elas, por serem pensadas no presente, pois como menciona Bosi – ao falar do trabalho desenvolvido por Halbwachs – “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. (1979, p. 17).

Além disso, falar de movimento e cultura é também falar de identidade, de processos identitários. A respeito disso, Silva (2012), Cuche (1999), e tantos outros autores, colocam que a identidade e a diferença caminham juntas, estão sempre conectadas, visto que a identidade está baseada na diferença cultural. Frente isso Silva (2012) afirma que onde há diferenciação, há também poder. Por isso, a afirmação da identidade e a marcação da diferença irão implicar, sempre, as operações de incluir/excluir, pois demarcam fronteiras, classificação, dentre tantas outras.

Diante disso, a relação entre os imigrantes e a sociedade local é marcada por essas relações de poder, no qual, geralmente, o imigrante é visto como não pertencente a esse meio, logo, é estabelecida uma fronteira entre ele e as pessoas nacionais e conseqüentemente uma

hierarquização, onde os últimos exercem o poder de atribuir diferentes valores ao primeiro<sup>6</sup>. Isso acaba contribuindo para a discriminação e o preconceito em relação aos imigrantes.

Desse modo, ser imigrante antes de tudo “é uma condição social” (SAYAD, 1998, p. 243). Logo, de acordo com Batista (2009, p. 71):

Não se trata aqui, portanto, da simples transferência de uma comunidade política para outra, mas de todo um processo de inclusão e aceitação em outro território e no seio de outra comunidade política, nem sempre receptiva ou disposta a aceitar novos membros em suas atividades econômicas, políticas, sociais, culturais etc. Assim, embora haja nos textos internacionais e nas constituições contemporâneas a promessa de igualdade jurídica e de democracia republicana, a ausência de uma ligação formal da pessoa (como a aquisição da nacionalidade ou o estatuto de refugiado, por exemplo) ao território no qual escolheu viver, ou foi forçado a se instalar, pode lhe negar qualquer sentido de cidadania e, portanto, capacidade de participar de qualquer forma positivada de democracia no país de acolhida.

Nesse sentido, para Velasco (2014), é justamente esse processo de despolarizar o imigrante, isto é, de não permitir a sua possibilidade de participação política na sociedade de imigração que o caracteriza. Assim, ao sair do seu país de origem o emigrante deixa o convívio em seu corpo político e ao entrar em outro como imigrante não é inserido no corpo político deste, há, portanto, uma perda de vínculo da pessoa com o Estado e com a sua comunidade política de origem. Por isso, para essa autora, o imigrante carrega sempre em si a potencialidade de se excluído pelos outros.

Devemos levar em consideração que todas essas questões perpassam a vida dessas pessoas que migram, por isso Paiva (2004, p. 10) menciona que

Nesses encontros/desencontros culturais é toda a articulação do sentido da vida que é posta em xeque, levando a complexos processos de manutenção de rejeição e de negociação relativos a valores, relações familiares, identidade pessoal e grupal, educação dos filhos, hábitos alimentares e de higiene, enfim a toda a realidade humana.

Diante de todas essas questões expostas até aqui, cabe a nós refletir sobre a figura do imigrante, pois ao focar apenas nessas dificuldades que a migração impõe a pessoa que migra, corremos o risco de naturalizar a imagem do imigrante como sendo uma pessoa passiva, frágil, vulnerável a psicopatologias, que está mergulhado em um processo de sofrimento psíquico, como se os processos de subjetivação nessas ações fossem neutralizados.

---

<sup>6</sup> Essa relação de poder estabelecida entre certos grupos sociais pode ser mais bem compreendida no ensaio teórico “*Os estabelecidos e os outsiders*”, realizado por Elias e Scotson (2000).

Não queremos com isso negar a existência do sofrimento, pois sabemos que o imigrante lida com diversas dificuldades, como inserção social, aprendizagem de uma nova língua, muitas vezes vivenciará preconceitos, etc. Há sofrimento sim, mas também há uma transformação, uma ressignificação, há ganhos. Como menciona Lechner para o imigrante “o tempo presente é também o tempo da possibilidade, de aprendizagem da novidade e das formas de ser diferente de si próprio outrora” (2005, p. 16-17).

Ao deixar seu país, principalmente quando há um elemento externo que force sua saída, o imigrante ainda que empobrecido e explorado deseja multiplicar processos de subjetivação, para além disso novas relações que deverá construir conjugando mimetismo e alteridade. Mais que isso, na maioria das vezes, sua saída está relacionada à busca pela autonomia, pelo desejo de ser o protagonista da sua história, rejeitando assim o papel de sujeito passivo, frágil. Portanto, é necessário enfatizar o protagonismo dos imigrantes, pois ao fazer isso, está se dando ênfase na subjetividade dos processos migratórios. (MEZZADRA apud MARINUCCI, 2016).

O imigrante não quer ser vítima, ele sonha em reconstruir a sua vida, ele quer ter o direito de escolher, ele quer ser protagonista e por isso seu ato indica que sua identidade não está cristalizada. A própria cultura não pode ser visto como algo fechado, estático, ela se transforma, e assim também acontece com a identidade, está em constante transformação<sup>7</sup>. Nesse sentido, para Marinucci (2016), a negação ou a diminuição da dimensão subjetiva das migrações acaba por efetivar a negação da dignidade dessas pessoas que buscam em outro país um recomeço, uma tentativa de viver dignamente.

Diante de todo esse contexto, o processo migratório não pode ser ligado diretamente a formas de sofrimento psíquico, fazer essa junção direta é fortalecer esse estereótipo do imigrante enquanto alguém passivo, frágil e vulnerável, além de permitir “transformar os problemas sociais, econômicos e políticos de grupos desfavorecidos em elementos potencialmente patológicos” (PUSSETTI, 2010, p. 99).

Sayad (apud Pussetti, 2010) faz uma reflexão crítica em relação a isso, refletindo acerca da relação entre doença, sofrimento psíquico e migração, o mesmo questiona se os problemas atribuídos aos imigrantes são de fato problemas dos imigrantes, ou antes problemas da sociedade e das instituições em relação aos imigrantes. Desse modo, Lechner

---

<sup>7</sup> A identidade se explica em termos de relação, de potência e não de substância ou essência pronta, isso tem a ver com as afecções das qual falou Spinoza a respeito da Ética. Para maior compreensão, veja a obra *Ética* (1677) de SPINOZA, B.

(2005) menciona que ao inserir a migração, ou a experiência migratória em categorias médicas ou psicológicas, corremos o risco de fechar os imigrantes em categorias diagnósticas que os marcam socialmente, atribuindo uma identidade falsa.

Por isso, é preciso enfatizar mais uma vez: o imigrante não é e não pode ser concebido como alguém que por essência carrega o sofrimento em si, pode haver sofrimento, mas não há só sofrimento, há ressignificação, há ganhos. É preciso considerar que quando a pessoa migra, migra-se com ele toda a sua história de vida, migram-se as expectativas, a vontade de superar as dificuldades, de obter sucesso nas áreas da sua vida, e justamente por conta disso o imigrante é protagonista da sua história.

Além disso, cabe a nós refletir sobre as relações sociais que se dão entre os imigrantes e sociedade de destino para além da violência, da relação opressor/oprimido, pois existem, também, relações de troca, de solidariedade. Becker e Borges (2015), por exemplo, ao realizar uma pesquisa com cinco famílias, todas compostas por imigrantes, concluiu que mesmo havendo dificuldades na adaptação, o apoio social recebido foi um dos aspectos facilitadores na história da migração dessas famílias, pois ao estabelecer relações com a comunidade, formaram-se vínculos que possibilitaram o recebimento de ajuda material e afetiva, além do aprendizado de uma nova língua, o que trouxe segurança, autoestima e autoeficácia para elas.

Construir essas noções psicossociais e subjetivas em torno da migração, portanto, nos permite problematizar a forma como a própria Psicologia vem tratando essa questão da mobilidade humana, na maioria das vezes como algo que envolve apenas violência, perdas, sofrimento, etc., isto é, ressaltando em grande parte os aspectos negativos da migração que colaboram para o estereótipo do imigrante como sendo vulnerável, frágil e passivo. Essa nova construção, portanto, contribui para que a Psicologia possa ampliar sua visão, ter um novo olhar e uma nova forma de tratar esses processos, não mais somente pela via da relação opressor/oprimido no que se refere à sociedade de destino do migrante e ao próprio migrante, e que limita muito essas formas de compreensão.

## **1.2 PSICOLOGIA MACROCULTURAL**

### **1.2.1 Introdução**

A PMC é uma abordagem, relativamente nova, sendo uma ramificação da Psicologia Cultural – PC e que sofreu influência de teorias sócio-históricas e culturais, como a de

Vigotski e a de Bronfenbrenner. O principal foco dessa abordagem está na compreensão da relação entre os fenômenos psicológicos e a cultura, e foi pensada e desenvolvida por Carl Ratner a partir dos anos 2000.

Ratner (2013) propõe em sua teoria que os fenômenos psicológicos são, fortemente, influenciados pela cultura e vice-versa. Desse modo, pode-se afirmar, que a PMC é uma teoria psicológica, cultural e política, por estar, fortemente, comprometida com o contexto de estudo, isto é, com as estruturas sociais e culturais que um determinado indivíduo ou uma sociedade estão sujeitos.

Nesse sentido, para compreendermos os significados produzidos pelos participantes desse estudo acerca da migração e da saúde mental, por um viés psicossocial, utilizaremos, também, parte do referencial da PMC. Para uma melhor compreensão, abordaremos, brevemente, sobre a PC para podermos situar e desenvolver a PMC logo em seguida.

### **1.2.2 A Psicologia Cultural**

De acordo com Fernandes (2017) o surgimento da Psicologia enquanto ciência moderna ocorreu por meio de produções exportadas da sociedade norte-americana e europeia, que traziam concepções a cerca dos fenômenos psicológicos como sendo universais, e como tais foram sendo disseminadas nas diversas sociedades. Isso colaborou para que muitas abordagens reproduzissem pressupostos que foram fundamentados nessas sociedades ocidentais.

Nesse sentido, a PC surgiu com o objetivo de superar o paradigma da psicologia tradicional acerca dos fenômenos psicológicos, que os abordava pela via do biologicismo e reducionismo. Em outras palavras, a visão dominante sobre o fenômeno psicológico afirma que este é determinado pelos processos biológicos, naturais, e que, portanto, são universais. A PC e a PMC, por outro lado, consideram que, apesar de os processos biológicos estarem envolvidos no processamento dos fenômenos psicológicos, eles não os determinam (RATNER, 2013).

Para este autor, os processos biológicos possibilitam o processamento dos fenômenos psicológicos, mas quem os determina é a cultura, e uma vez que há diversidade cultural, eles não podem ser considerados universais. Ele exemplifica este processo fazendo uma analogia: o hardware de um computador é o processador fundamental para que alguém digite algo, mas ele não determina o conteúdo digitado pela pessoa. Assim, sem a presença do hardware não é

possível à digitação, mas esta não é reduzida ao hardware ou determinada por ele. Por isso, Esteban menciona que “entre el sujeto y el mundo natural hay el mundo cultural (artefactos y relaciones sociales) que precisa el qué, el cómo y el por qué de las cosas, organizando el fenómeno psicológico” (2014, p. 4).

Nesse sentido, segundo Fernandes (2017) como o surgimento da Psicologia foi marcado por essas questões universalistas, houve a necessidade, em tempos mais recentes, de descentralizar essa universalidade. Foi nesse contexto que a PC surgiu, propondo uma mudança radical na concepção dos fenômenos psicológicos, na tentativa de relativizá-los para alcançar e representar às diversas sociedades culturais.

A PC, portanto, compreende que existe uma relação intrínseca entre mente e cultura. Ela não desconsidera a importância do fator biológico, mas enfatiza que é a cultura e as práticas culturais que regulam, expressam e transformam os fenômenos psicológicos. (ESTEBAN; RATNER, 2010). Nesse contexto, Ratner propôs a construção de uma teoria dentro da PC, enfatizando sua importante contribuição para a promoção de processos de reforma social: a PMC.

### **1.2.3 A Psicologia Macrocultural**

É importante dizer, que o ponto de partida de Ratner para o desenvolvimento da PMC foi à necessidade de construir uma teoria geral da Psicologia que fosse cientificamente e politicamente relevante para solucionar a crise social pela qual passamos e que nos ameaça (RATNER, 2013). Para alcançar essa finalidade, o autor partiu das ideias desenvolvidas por alguns teóricos, sendo os mais relevantes Vigotski e Bronfenbrenner.

Ratner ao ser entrevistado por Santos *et al.* (2014) afirmou que Vigotski e sua teoria científica, conhecida como Psicologia Sócio-Histórica ou Psicologia Histórico-Cultural, foi uma das maiores contribuições para o desenvolvimento da PMC. Ele chega, inclusive, a afirmar que se Vigotski tivesse vivido por mais tempo, certamente, teria desenvolvido o mesmo pensamento que ele. Por conta disso, o mesmo acredita estar dando continuidade no desenvolvimento do pensamento histórico-cultural de Vigotski.

Tal contribuição é marcada pelo fato de Vigotski pensar a ciência psicológica por um aspecto sócio-histórico e cultural, e conseqüentemente, de ter desenvolvido em sua teoria a importante visão de que o fenômeno psicológico é essencialmente cultural. Além desse teórico, Urie Bronfenbrenner, psicólogo russo da Psicologia do Desenvolvimento, foi outro

que trouxe importantes contribuições para o desenvolvimento da PMC (SANTOS *et al.*, 2014).

Bronfenbrenner, também influenciado por Vigotski, desenvolveu uma abordagem chamada Teoria dos Sistemas Ecológicos ou Teoria Ecológica. Nessa abordagem, Bronfenbrenner elaborou alguns conceitos sobre os diferentes sistemas da sociedade que acabaram por influenciar as ideias de Ratner, por introduzir a ideia de macrosistema da sociedade (SANTOS *et al.*, 2014).

Nesse sentido, cabe dizer, que o termo macrocultural, utilizado por Ratner, refere-se, justamente, aos pressupostos da teoria de Bronfenbrenner, a qual considera que a mente humana só pode ser compreendida por meio dos aspectos inter-relacionais que a caracterizam e a constituem, ou seja, através das mudanças que ocorrem ao longo da vida, processo conhecido como ontogênese, e das mudanças que se desenvolvem como consequência da interação com o contexto sócio-histórico e cultural. Assim, os fenômenos psicológicos devem ser estudados nos contextos reais em que as pessoas vivem, sendo que eles podem ser analisados em quatro níveis: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema (ESTABAN; RATNER, 2010).

De acordo com Benetti *et al.* (2013) esse conjunto de estruturas é concebido de forma homocêntrica, o que significa dizer que cada subsistema está contido no outro, e portanto, são influenciados uns pelos outros. Vale dizer também, que eles são organizados socialmente, ajudando a direcionar e amparar a pessoa em desenvolvimento. Cabe agora, descrevê-los.

Os Microssistemas são considerados como o nosso centro gravitacional. Eles representam os ambientes em que desenvolvemos nossos papéis, atividades e interações face a face, são exemplos: a escola, a família, o local de trabalho. Já os mesossistemas representam a interação entre dois ou mais microssistemas que a pessoa está inserida, por exemplo, a ligação entre a família e a escola. O exossistema, por outro lado, consiste na conexão entre dois ou mais contextos, mas diferente do mesossistema a pessoa em desenvolvimento não está inserida nele, mas é afetado por ele indiretamente. É o caso do ambiente de trabalho dos pais em relação a seus filhos, os mesmo não estão inseridos em tal ambiente, mas se os pais são demitidos, por exemplo, eles serão afetados. Por fim, o macrosistema representa a estrutura mais ampla, englobando todos os outros com todos os seus padrões globais, que fazem parte da cultura, valores, crenças, e costumes dominantes na sociedade, juntamente com os sistemas

sociais, políticos e econômicos que predominam em uma cultura, e que acabam por filtrar e orientar a forma como os indivíduos se comportam (BENETTI *et al.*, 2013).

Desse modo, a PMC enfatiza esses aspectos macro da cultura no funcionamento dos fenômenos psicológicos. Em outras palavras, a PMC estuda a relação entre os fenômenos psicológicos e a cultura, por argumentar que os fatores macro originam, influenciam, constituem, socializam e objetivam a ciência psicológica e os fenômenos psicológicos, como percepção, emoções, cognições, doença mental, memória. Portanto, para esta abordagem, a cultura não é considerada apenas uma variável, mas ela é a base, é o que sustenta os fenômenos psicológicos (RATNER, 2011; SANTOS *et al.*, 2014).

Por macrofatores, entende-se, as instituições sociais, os artefatos e os conceitos culturais. As instituições sociais são representadas pela família, escola, governo, organizações econômicas, instituições espirituais e instituições de saúde; já os artefatos são representados pelas artes, roupas, alimentação, utensílios de cozinha; e os conceitos culturais podem ser representados, por exemplo, pelos conceitos de tempo, riqueza, mulheres, moralidade e sexo das diversas sociedades culturais. Existem outros fatores culturais, mas esses três são essenciais para a existência e compreensão dos demais, pois eles são os pilares da cultura, e por isso formam os sistemas sociais e objetivam os fenômenos psicológicos (RATNER, 2012).

Nesse sentido, Ratner (2008, p. 19, tradução nossa) afirma que esses fatores estruturam a forma e o conteúdo dos fenômenos psicológicos de duas formas:

- a) Como estruturas externas que exigem certos processos de pensamento, motivação emocional, autoconceito, memória e percepção. Os locais de trabalho estruturam o fenômeno psicológico dos funcionários, as escolas estruturam o fenômeno psicológico dos alunos, as igrejas estruturam o fenômeno psicológico dos devotos, as propagandas estruturam o fenômeno psicológico dos consumidores.
- b) Como ferramentas que as pessoas internalizam da cultura e usam como meios para construir seu comportamento. Ao usar ferramentas culturais, as pessoas internalizam o conteúdo psicológico culturalmente organizado que é objetivado nelas. As ferramentas culturais atuam como um cavalo de Tróia dentro da mente para estruturá-lo a partir de dentro.

Por isso Esteban (2014) argumenta que nenhum outro fator produz influência de forma mais direta e rápida nos fenômenos psicológicos do que os fatores macroculturais. É importante destacar que esses fatores são organizados socialmente, portanto são criados e desenvolvidos pelas pessoas. Por isso, Ratner (2008) afirma que os indivíduos são, portanto, produto de seu próprio produto.

Desse modo, pode-se afirmar que existe uma relação dialética entre os fatores culturais e os fenômenos psicológicos. Essa dialética, segundo Ratner (2008; 2011) se refere, justamente, a interdependência desses fatores e fenômenos, uma vez que somos nós, enquanto seres humanos, que construímos a cultura, e esta acaba por determinar os nossos fenômenos psicológicos, isto é, ela define a forma como e o que pensamos, percebemos. Nas palavras próprias palavras de Ratner “a cultura contém (objetiva) os fenômenos psicológicos, e os fenômenos psicológicos incorporam a cultura; fenômenos psicológicos dirigem a formação de práticas culturais, e fatores culturais moldam fenômenos psicológicos” (2008, p. 2, tradução nossa).

Essas considerações permitem afirmar que a PMC enfatiza a visão de que os fatores culturais e os fenômenos psicológicos são dois lados de uma mesma moeda, o que significa dizer que eles não são simplesmente influenciados um pelo outro, os fatores culturais são essencialmente psicológicos, na medida em que objetivam os fenômenos psicológicos. Do mesmo modo, os fenômenos psicológicos são fundamentalmente culturais, uma vez que surgem dentro da cultura, incorporando, assim, forma e conteúdo cultural. Além disso, os processos psicológicos tem o poder de construir, manter e reconstruir os fatores culturais (RATNER, 2008).

A PMC, portanto, busca evidenciar que essa dinâmica é o que forma e caracteriza as diversas sociedades culturais, sendo importante destacar que apesar de todas as pessoas contribuírem para a formação da cultura, segundo Esteban (2014) os fatores macroculturais são dirigidos por lutas e interesses políticos, e no fim acabam sendo dominados por alguns grupos, por isso eles expressam uma ordem social e política. Portanto, Witter (2006, p. 1) menciona que a PMC analisa os macrofatores como:

Reguladores da sociedade que muitas vezes são controlados por uma elite poderosa, têm especificidade em cada sociedade, integram-se em um sistema em que uns são mais poderosos do que outros; unificam o comportamento de seus indivíduos distintos, sendo muitas vezes resultantes de lutas sociais, mas são práticas vigentes que não decorrem de políticas ou pronunciamentos oficiais.

Nesse sentido, Ratner (2011; 2013) coloca que nos últimos dez mil anos, a sociedade como um todo esteve estruturada como uma pirâmide, no que se refere à hierarquia das classes sociais, ou seja, a classe superior dominou as classes subalternas, sendo essa estrutura mantida pela opressão e exploração. Disso, pode-se se afirmar que a primeira classe mantém a sua superioridade controlando as instituições sociais.

No entanto, é importante ressaltar que mesmo os indivíduos estando sujeitos às forças desse sistema, não se pode dizer que eles sejam passivos, porque como menciona Ratner “até o escravo mais oprimido pensa, usa a linguagem, canta músicas, constrói instrumentos, relembra eventos e estabelece relações sociais” (2013, p. 27). Para Esteban e Ratner (2010) essas diferenças acabam por refletir diferentes experiências culturais.

A PMC, portanto, busca a transformação da realidade social, por meio do reconhecimento e reconstrução dos fatores macroculturais, por limitarem o desenvolvimento ideal dos indivíduos e sociedades. Como exemplo, Esteban (2014) utiliza o racismo, a intolerância e a pobreza para dizer que eles possuem uma origem, um mecanismo, uma função e uma natureza cultural, ou seja, foram originados pelos fatores macroculturais – sistemas sociais, econômicos e políticos – e são mantidos por eles, logo, devem ser reconstruídos, transformados para que se alcance a reforma social.

Por conta dessas questões que a PMC é considerada pelo seu fundador uma teoria geral da Psicologia, sendo entendida enquanto uma teoria psicológica, cultural e política. Em resumo, uma psicologia cultural para ser consistente deve reconhecer e integrar três aspectos:

Em primeiro lugar, a natureza política dos fatores culturais (instituições social, artefatos e conceitos culturais) que moldam, direcionam e controlam a experiência psicológica. Em segundo lugar, entender que fenômenos psicológicos fazem parte de mentalidades culturais compartilhadas que se tornam formas ou modelos de experimentar e interpretar o mundo e nós mesmos nele. Em terceiro lugar, reconhecer a atividade do indivíduo sempre situada e apoiadora dos fatores culturais que podem competir em uma determinada situação e que um ou um, consciente ou inconscientemente, escolhe-se apropriada, internaliza, utiliza (ESTEBAN; RATNER, 2010, p. 132).

### **1.3 SAÚDE MENTAL E TERRITÓRIO**

Por um longo período de tempo, era comum que ao falar em saúde mental os pensamentos se voltassem automaticamente para psicopatologias e/ou para loucura. Apesar de essa visão ainda fazer parte do contexto atual, há também outros entendimentos, os quais passam a considerar saúde mental como algo que está para além dessas questões.

Nesse sentido, de acordo com Amarante (2007) saúde mental não envolve apenas psicopatologia e semiologia, e por isso não pode ser reduzida, em hipótese alguma, a essas questões, isto é, ao estudo e ao tratamento de doenças mentais. Partindo de um contexto mais amplo, este autor menciona que saúde mental é uma área de conhecimento e de atuação

técnica no ramo das políticas públicas de saúde, sendo um campo extenso e complexo. Por conta disso Amarante (2007, p. 15) afirma que:

É importante assinalar que poucos campos de conhecimento e atuação na saúde são tão vigorosamente complexos, plurais, intersetoriais e com tanta transversalidade de saberes. Ao contrário da psiquiatria, a saúde mental não se baseia em apenas um tipo de conhecimento, a psiquiatria, e muito menos é exercida por apenas, ou fundamentalmente, um profissional, o psiquiatra. Quando nos referimos à saúde mental, ampliamos o espectro dos conhecimentos envolvidos, de uma forma tão rica e polissêmica que encontramos dificuldades de delimitar suas fronteiras, de saber onde começam ou terminam seus limites.

Diante da fala deste autor, podemos afirmar novamente que é impossível restringir o campo da saúde mental às psicopatologias e à área da psiquiatria, pois saúde mental envolve tantas outras coisas. Envolve diversas áreas do conhecimento, como a neurologia, a psicologia, a psicanálise, a fisiologia, a antropologia, a sociologia, a história, a geografia, e tantas outras áreas e, portanto diversos profissionais, e principalmente, envolve pessoas, sua subjetividade, sua cultura e suas histórias e contextos de vida.

A partir de uma visão ampla e focando na pessoa e nos aspectos psicossociais, a OMS (2018) conceitua saúde mental como um estado de bem-estar no qual o indivíduo percebe e desenvolve suas próprias potencialidades, pode lidar com o estresse da vida diária, pode trabalhar com produtividade e é capaz de colaborar com a sua comunidade. Por isso, o Relatório Mundial da saúde menciona que os conceitos de saúde mental abrangem, entre outras coisas, “o bem-estar subjectivo, a auto-eficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a auto-realização do potencial intelectual e emocional da pessoa” (OMS, 2002, p. 31-32).

A cerca da expressão “bem-estar”, Gaiano *et al.* (2018) argumentam que a mesma é utilizada tanto nas definições de saúde como de saúde mental, sendo entendida como um constructo de carácter subjectivo, e que é fortemente influenciado pela cultura. Portanto, ao falar de saúde mental torna-se fundamental considerar os aspectos sociais, econômicos, e culturais em que a pessoa está inserida.

Frente ao exposto até aqui, é possível perceber, conforme Gaiano *et al.* (2018) que existem dois paradigmas principais que envolvem a discussão sobre o conceito de saúde mental, sendo eles o paradigma biomédico e o paradigma psicossocial. O primeiro foca exclusivamente na doença mental e nas suas manifestações, por outro lado o segundo entende saúde mental como algo mais complexo que as manifestações das doenças e privilegia a pessoa em suas condições sociais, econômicas, culturais e ambientais.

Nesse sentido, adotamos saúde mental nessa segunda perspectiva, entendendo que ela está para além das psicopatologias e que mesmo em sofrimento psíquico uma pessoa pode ser capaz de realizar suas potencialidades, de trabalhar, de participar na sua comunidade e ter qualidade de vida. Pensar dessa forma contribui significativamente para que não venhamos a ser reprodutores de visões psicopatologizantes, pois como afirma Amarante “qualquer espécie de categorização é acompanhada do risco de um reducionismo e de um achatamento das possibilidades da existência humana e social” (2007, p. 19).

Diante disso, vale lembrar que não faz parte desse estudo categorizar pessoas, queremos, ao contrário, enfatizar que as possibilidades de existência humana são diversas e ao mesmo tempo singulares. E por isso, ao adotarmos essa perspectiva mais ampla e social, torna-se necessário pensarmos em território, uma vez que ele marca a transição do paradigma biomédico para o psicossocial e a consolidação deste último.

O termo território passou a ser presente no campo da saúde mental a partir da reforma psiquiátrica, a qual teve como marco a emancipação das pessoas em sofrimento psíquico, enfatizando que saúde mental se faz no meio, na comunidade, isto é, no território, e não em hospitais psiquiátricos que ao invés de produzir cuidados, produz e reproduz punição e repressão.

Segundo Lima e Yasui (2014) é preciso considerar dois aspectos importantes quando a discussão gira em torno do termo território. O primeiro diz respeito aos diversos significados e sentidos que o termo apresenta, uma vez que o mesmo tem sido utilizado e desenvolvido por diversas áreas do conhecimento, como a geografia, a antropologia, a sociologia, a ciência política, a filosofia, etc. E o segundo se refere aos processos que acontecem no território, considerando suas variadas formas e lógicas, nas quais algumas são geradoras de emancipação e participação dos sujeitos, e outras produtoras de sujeição e dominação. Por isso, os autores colocam que é de extrema importância considerar quais as lógicas que operam o território, bem como quais são os seus recursos, suas potencialidades e suas linhas de captura.

De acordo com Furtado *et al.* (2016) o conceito de território, no campo científico e no campo burocrático, por vezes é superficial, não abrangendo a potência que o território carrega. Ao fazer um levantamento sistemático de artigos científicos e de documentos oficiais, e confrontando-os entre si com os conceitos de território produzidos pela geografia crítica, os autores identificaram que no campo da saúde mental brasileira, prevalece uma noção funcional de território, que desconsidera as relações de poder e apropriações

simbólicas, o que tem colaborado para que pessoas em sofrimento mental ao serem inseridas na comunidade fiquem sujeitadas ao território dado, quando deveria favorecer transformações sociais e espaciais para a convivência com as diferenças.

Nesse sentido, Souza coloca que o território deve ser pensando como um espaço que é fundamentalmente “definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (2000, p. 78), e que a pergunta central sobre território deveria ser “quem domina ou influencia quem nesse espaço, e como?” (SOUZA, 2000, p. 79). Furtado *et al.* (2016) corroboram com esse pensamento ao afirmar que o território deve ser visto como um espaço de exercício de poder, mas que é, também, um espaço de resistência.

Portanto, concordamos com Furtado *et al.* (2016) quando mencionam que ao não levarmos em consideração as relações de poder, que expressam lutas e resistências de várias ordens, induzimos e reforçamos tanto no fazer quanto na reflexão a negligenciarem as relações sociais e suas consequências para todos aqueles que se encontram no polo dominado das relações de poder.

Diante do exposto, ao falarmos de imigrantes nessa pesquisa, é fundamental considerar o território, sua lógica e os processos que acontecem nele, levando em consideração as relações de poder presentes, para que seja possível falarmos em saúde mental, e principalmente, promovermos saúde mental. É importante considerar essas questões, porque ao chegar à sociedade de acolhimento, é comum que o imigrante, principalmente quando refugiado, se encontre como integrante do polo dominado nas relações de poder.

É levando em consideração essas questões de poder que Galina *et al.* (2017) afirma que quando se fala sobre saúde mental envolvendo imigrantes, fala-se das suas necessidade particulares, das diferenças culturais, das desigualdades socioeconômicas e de poder, das políticas públicas dos países de acolhimento e, principalmente, da possibilidade desses atores sociais como protagonistas de sua própria história, porque como coloca Foucault (2002) onde há poder, há também resistência, e por isso existe a possibilidade de mudança. Milton Santos já nos falava sobre esse jogo de forças que surgem no território, quando afirma que:

O território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante mas também permitem a emergência de outras formas de vida. Essa esquizofrenia do território e do lugar tem um papel ativo na formação da consciência. O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente (SANTOS, 2001, p. 80).

Desse modo, vale lembrar que o território é espaço de produção contínua de modos de existência e de relações que também fogem ao controle, portanto, é necessário olhar para o território de forma reflexiva e crítica para visualizarmos que tipo de vida está sendo produzido nesse lugar, pois ele afeta os usuários tanto de forma subjetiva quanto objetiva (LIMA; YASUI, 2014; FURTADO *et al.*, 2016).

Daí a importância do território quando falamos de saúde mental, e principalmente de saúde mental em relação a imigrantes, visto que eles se desterritorializam para se reterritorializar em outro lugar. Assim, é importante estarmos atentos para a lógica do território que os mesmos encontram ao chegar ao país de acolhimento, e que tipo de lógica ele constrói por meio das suas práticas cotidianas. Em outras palavras, o imigrante encontra uma lógica territorial que produz participação na comunidade e emancipação, ou uma que produz sujeição e dominação?

Ainda que seja a segunda lógica, o imigrante tem a possibilidade de mudar esse cenário, porque onde existe poder, sempre existirá resistência, e é aqui que a saúde mental se faz presente mais uma vez, porque como já mencionado, saúde mental abrange, também, desenvolvimento de potencialidades e de autonomia.

Saúde mental, portanto, se faz no meio, no território, e para tanto, segundo Yasui é necessário “olhar e ouvir a vida que pulsa neste lugar” (2006, p. 119). Assim, ao olhar para o imigrante e o seu território é essencial considerar suas manifestações sociais e culturais, já que a cultura é o grande pilar da subjetividade, e porque o imigrante é antes de tudo um ser cultural, por isso a importância de vê-lo na sua condição cultural.

## CAPÍTULO 2: MARCO TEÓRICO-METODOLÓGICO

### 2.1. Teoria Socioconstrucionista

Mary Jane Spink (2010) situa o Construcionismo social como uma crítica à ciência ortodoxa, positivista, por isso ela menciona que a reflexividade<sup>8</sup> é uma peça fundamental para introduzir essa teoria. Esta aponta para a abertura à revisão e sugestão de novos conceitos e métodos na ciência, considerando que não existe somente um único caminho para se chegar à finalidade em questão. Nesse sentido, a perspectiva socioconstrucionista questiona a universalidade do entendimento acerca dos fenômenos, e parte da noção de que os mesmos são construídos socialmente.

Isso implica dizer, também, segundo esta mesma autora, que o conhecimento nunca é produzido sozinho, mas em interação com os outros. O conhecimento, portanto, é algo que as pessoas fazem em parceria por meio de suas práticas sociais, ele não está na cabeça do pesquisador e nem acima da sociedade está em conexão com ela. Justamente, por isso, para pesquisar a partir dessa perspectiva o pesquisador precisa romper com a dicotomia sujeito/pesquisador-objeto, pois ambos constroem e são construídos pelo mundo que os rodeiam, são, portanto, construções sócio-históricas. Já dizia Mary Jane Spink “não há objetos independentes de nós e nem existimos independentemente dos objetos que criamos” (2010, p. 10).

Além disso, conforme Mary Jane Spink (2010) outra desconstrução necessária para seguir com essa teoria é a da verdade da retórica, que marca o método científico tradicional, isto é, esse paradigma de ciência deteve e de certa forma ainda detêm a legitimidade do conhecimento, pressupondo a existência de uma verdade absoluta. Para o construcionismo social, no entanto, a verdade “é a verdade de nossas concepções, de nossas instituições, de nossas relações, de nossos acordos sociais”. (SPINK, M., 2010, p. 13). Nesse sentido, não há ‘uma verdade’ há diversas verdades que são construídas socialmente, portanto, o construcionismo social não tem interesse em reificar verdades.

---

<sup>8</sup> Capacidade de o/a pesquisador/a refletir sobre sua própria experiência, seu papel e suas ações. Nessa perspectiva, os/as pesquisadores/as são sujeitos posicionados num contexto particular e se autorreposicionam à medida que vivem a experiência de se relacionar com outras pessoas, grupos e culturas. [...] Trata-se, portanto, de um movimento constante de respostas recebidas, questionamentos e negociações de sentidos. Desse modo, todas as interpretações são provisórias: elas são feitas a partir de sujeitos posicionados que estão preparados para conhecer certas coisas e não outras. Trata-se de entender a pesquisa como um processo reflexivo que questiona nossos próprios pressupostos culturais, ao entendê-la como um encontro negociado (encontro de distintas reflexividades) a partir das posições assumidas tanto pelo/a pesquisador/a como pelas pessoas com as quais se relaciona (SPINK *et al.*, 2014, p. 328-329).

Em relação a essas questões, Mary Jane Spink e Frezza (2013) mencionam que é muito difícil desconstruir noções que estão profundamente enraizadas numa cultura, e isso acaba dificultando a construção de novos conceitos, por conseguinte, prefere à utilização do termo desfamiliarização a desconstrução, visto que dificilmente conseguimos desconstruir o que foi construído. Portanto, o construcionismo social exige um esforço para desfamiliarização dessas noções, para que sejam possíveis outras construções conceituais.

Diante do exposto, cabe dizer que a pesquisa socioconstrucionista, segundo Gergen (1985), tem como principal objetivo explicar os modos que as pessoas descrevem e explicam as coisas que acontecem no mundo em que vivem, incluindo a si mesmas nesse processo. É importante mencionar, também, que os termos que utilizamos para entender o mundo são elementos sociais, que estão situados historicamente e marcados, então, pelas relações sociais.

Mary Jane Spink e Frezza (2013) explicam que Gergen foi um dos primeiros psicólogos sociais a focar o conhecimento na perspectiva socioconstrucionista, questionando o modo que a psicologia social vinha sendo praticada enquanto ciência, pois se inseria também na lógica do método científico tradicional.

## **2.2 Práticas Discursivas e produção de sentido**

Em um primeiro momento, é importante mencionar que as práticas discursivas, que será descrita aqui, está embasada no referencial do construcionismo social e está aliada a psicologia social. De acordo com Mary Jane Spink (2010), o foco das práticas discursivas está na linguagem em uso, pois apesar de a linguagem ser discutida de diversas formas em diferentes disciplinas ou áreas do conhecimento, enquanto psicólogos sociais, o interesse maior está no papel que a mesma exerce na interação social, por isso o termo práticas discursivas.

Ainda segundo essa autora, há preferência no uso do termo práticas discursivas a discurso, pois este último é a forma institucionalizada da linguagem, enquanto que o primeiro diz respeito à forma como produzimos sentidos e nos relacionamos com as pessoas no cotidiano por meio da linguagem. Vale destacar, que esse processo não se limita a linguagem falada, assim, as práticas discursivas implicam “ações, seleções, escolhas, linguagens, contextos, enfim, uma variedade de produções sociais das quais são expressão. Constituem, dessa forma, um caminho privilegiado para entender a produção de sentido no cotidiano” (SPINK, M.; FREZZA, 2013, p. 20-21).

O sentido, para Mary Jane Spink e Medrado (2013), refere-se a algo que é construído socialmente pelas pessoas, e por meio do qual elas constroem os termos a partir dos quais compreendem e se relacionam com as coisas que acontecem ao seu redor. Assim, a produção de sentido busca compreender “tanto as práticas discursivas que atravessam o cotidiano (narrativas, argumentações e conversas, por exemplo), como os repertórios utilizados nessas produções discursivas” (SPINK, M.; MEDRADO, 2013, p. 2).

Ainda segundo essas autoras, para melhor definirmos práticas discursivas, precisamos partir de três dimensões básicas – linguagem, a qual já falamos um pouco, história e pessoa. No que diz respeito à linguagem em uso, as práticas discursivas possuem três elementos constitutivos, sendo elas: os enunciados que são orientados por vozes e que se referem à relação dialógica que ocorre numa conversa, ou seja, os enunciados de uma pessoa estão sempre em interação com uma ou mais pessoas; os *speech genres* que são às formas comuns mais ou menos estáveis que possibilita predizer o enunciado; e os conteúdos que se referem aos repertórios linguísticos, interpretativos.

Em relação à história, torna-se necessário compreender que o modo como às pessoas interpretam as situações e fenômenos que as rodeiam no mundo está relacionado com a história. Assim, o sentido que as pessoas atribuem ao mundo, sendo contextualizado marca o diálogo contínuo entre sentidos que foram produzidos no passado e sentidos novos. Dessa questão surge a necessidade de trabalhar as práticas discursivas em relação a três tempos históricos: o tempo longo, que inscreve os conteúdos culturais, históricos que foram construídos e definidos no decorrer da história da civilização; o tempo vivido, que envolve o processo de socialização que possibilita a aprendizagem das linguagens sociais, corresponde, portanto, as experiências que cada pessoa teve no decorrer da sua própria vida; e por fim, tem-se o tempo curto, no qual se torna possível compreender a dinâmica da produção de sentido, visto que é marcado pelas relações dialógicas, pelo momento em que as pessoas se encontram face a face (SPINK, M.; MEDRADO, 2013).

Finalmente, no que tange a pessoa, na perspectiva das práticas discursivas, é necessário compreendê-la como relação social. Enfatiza-se, assim, a dialogia, ao invés da individualidade. Desse modo, utiliza-se o termo pessoa e não indivíduo ou sujeito, pois remetem a dicotomias como indivíduo-sociedade, sujeito-objeto (SPINK, M.; MEDRADO, 2013). Compreendemos, então, que se ambos constroem e são construídos pelo mundo que os rodeiam, então ambos possuem a mesma propriedade, não sendo necessário o uso de

dicotomias que, na maioria das vezes, servem somente para fazer classificações e hierarquizações.

De modo geral, é possível apreender até aqui que, a visão socioconstrucionista se interessa em compreender o modo como as pessoas estabelecem sentidos a tudo aquilo que está presente no mundo e que as rodeiam e que tipo de influência esses sentidos exercem na compreensão do vivido. Nesse sentido, fica evidente, que as práticas discursivas como produção de sentido a partir da perspectiva socioconstrucionista em psicologia social, trabalhando dessa forma possibilita uma compreensão melhor dos fenômenos psicossociais. Nesse sentido, nessa pesquisa, nos baseamos nessa perspectiva, para a análise dos sentidos que foram produzidos nos encontros do cotidiano entre a pesquisadora e os imigrantes venezuelanos.

## **CAPÍTULO 3: PERCURSO METODOLÓGICO**

### **3.1 Natureza da pesquisa**

Considerando que a presente pesquisa buscou investigar de que maneira a migração reflete na saúde mental de um grupo de venezuelanos, a mesma se configura como de natureza qualitativa. Segundo Minayo (2009) a pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos de uma realidade que não pode ser compreendida por meio de dados quantitativos, pois trabalha com significados, crenças, valores, aspirações, etc. que se dão e são compreendidas por meio das relações sociais. A respeito dessa realidade, Minayo menciona que a mesma “não é visível, precisa ser exposta e interpretada, em primeira instância, pelos próprios pesquisados” (2009, p. 22). Isso nos leva a pensar que para esta autora a pesquisa de cunho qualitativo é colaborativa, ou seja, parte da ideia de que todos os envolvidos na construção da pesquisa fazem parte da produção do conhecimento.

Em relação ao tipo de pesquisa, trata-se do enfoque descritivo, pois buscou a partir dos encontros entre a pesquisadora e os imigrantes venezuelanos descrever o cotidiano dessas pessoas a fim de descobrir como a migração reflete na sua saúde mental. Assim, de acordo com Gil “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (2002, p. 42).

### **3.2 Operacionalização**

#### **3.2.1 Local da pesquisa**

A Casa do Migrante João Batista Scalabrini, localizada no bairro Santo Antônio em Manaus, foi o ponto de partida da pesquisa em campo. Esta casa é uma das três fundadas pela Arquidiocese de Manaus, em parceria com a Cáritas Arquidiocesana e o ACNUR, e foi fundada no ano de 2016. Atualmente, está sob os cuidados da Cáritas e da Pastoral do Migrante que são serviços da Arquidiocese.

A Casa possui capacidade para 60 pessoas, acolhendo, prioritariamente, pessoas maiores de 18 anos de idade, de qualquer nacionalidade. Vale destacar, também, que por ser uma casa de acolhimento temporário, os imigrantes podem permanecer no local por apenas 30 dias. Por conta disso, optamos por não vincular a coleta das informações somente a esse

território fixo, pois como a Casa recebe apenas imigrantes recém-chegados do seu país de origem, o cotidiano das pessoas que vivem nesse local é atravessado pela busca de regularização de documentos, pela procura de trabalho, de um lugar para se estabelecer, e etc., que são realizados fora das dependências do abrigo, por isso a ideia de não vincular a pesquisa a Casa, mas sim as pessoas participantes e as suas histórias de vida, o que possibilitaria identificar quais as suas redes de conexões e de apoio, ou seja, as pessoas que fazem parte do seu grupo de apoio e/ou vínculos.

### **3.2.2 Sujeitos**

Essa pesquisa conta com cinco participantes. Para a escolha deles foi utilizada a técnica bola-de-neve, conhecida também como *snowball*, na qual os primeiros participantes de uma pesquisa vão indicando novos participantes, que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente até que se atinja o ponto de saturação, que é quando os conteúdos começam a se repetir, indicando que o objetivo foi alcançado. Assim, esta técnica acaba por utilizar cadeias de referência, uma espécie de rede (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

Todos os participantes foram localizados na Casa do Migrante João Batista Scalabrini. Antes de ir a este abrigo, imaginava-se que teríamos como participantes pessoas que não estivessem vinculadas a ele, no entanto, no decorrer da pesquisa, foi identificado que todo o grupo de apoio dos participantes estava ligado ao mesmo. Eles foram acompanhados dentro e fora da instituição por um período de aproximadamente quatro meses.

### **3.2.3 Critério de inclusão**

As pessoas que participaram da pesquisa atenderam aos seguintes critérios: a) ser do sexo masculino ou feminino e maior de 18 anos de idade, ser da nacionalidade venezuelana e querer participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE; b) O primeiro participante escolhido deve ser residente da Casa do Migrante João Batista Scalabrini, portanto, deve ser localizado nesta; c) O segundo participante deve ser indicado pelo primeiro, devendo pertencer ao seu grupo de apoio e/ou vínculo, o terceiro deve ser indicado pelo segundo e assim sucessivamente, até que os objetivos da pesquisa sejam alcançados.

### 3.2.4 Critérios de exclusão

Deveriam ser excluídas da pesquisa aquelas pessoas que mesmo atendendo a todos os critérios de inclusão, apresentassem características ou manifestações que pudesse interferir na qualidade dos dados, como por exemplo: desenvolver alguma doença que impossibilitasse a sua permanência na pesquisa. No entanto, não houve nenhuma exclusão.

### 3.2.5 Material e Instrumentos

Com base na metodologia proposta para o alcance dos objetivos da pesquisa, utilizaram-se algumas técnicas e pressupostos para uma abordagem etnográfica, pois de acordo com Leplantine (apud Trad, 2012), a presença no campo de estudo, o “estar lá” com as pessoas que se pretende estudar e voltar regularmente, é o que caracteriza uma pesquisa etnográfica. Em outras palavras, em um estudo dessa natureza, é imprescindível a presença do pesquisador nos locais e contextos em que a vida diária das pessoas participantes ocorre. Nesse sentido, o pesquisador se insere no cotidiano das pessoas participantes, para conhecer e descrever o modo como elas percebem e dirigem suas vidas.

Dito de outra maneira, segundo Ingold (2008) o objetivo da etnografia é descrever a vida de outras pessoas, de forma apurada e sensível, com base na observação detalhada que ocorre por meio da experiência da realidade dessas pessoas. Malinowski menciona em breves palavras que, a função do etnógrafo é o de “apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, *sua* visão de *seu* mundo” (1978, p. 33).

A etnografia, portanto, acabou por aproximar a pesquisadora dos participantes e conseqüentemente das suas vozes, visto que houve uma imersão na vida diária das pessoas participantes. Desse modo, conforme Peirano (2014), a etnografia se faz pelo diálogo vivido.

É possível afirmar, então, que tanto o fazer etnográfico quanto a descrição etnográfica resulta do diálogo dos pesquisadores com as pessoas participantes. A etnografia é, portanto, dialógica e polifônica conforme Trad (2012), pois “o ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, em uma outra de mão dupla, portanto, uma verdadeira interação” (OLIVEIRA 2000, p. 24). Justamente por conta disso é preciso considerar as pessoas participantes como atores sociais e ativos na construção do conhecimento,

Além disso, é preciso considerar que essa interação entre pesquisador e as pessoas participantes, bem como a qualidade da descrição etnográfica dependem em grande parte do

tempo de permanência do pesquisador no campo de investigação. Logo, é necessário que além de estabelecer um contato próximo com o outro, o pesquisador esteja no cotidiano das pessoas de forma frequente e prolongada, para que não tenha como resultado um conhecimento superficial da realidade desse outro (TRAD, 2012).

Assim, nessa pesquisa, estive no campo volta de 4 meses, para que fosse possível construir uma aproximação com os participantes. Essa aproximação possibilitou a observação do cotidiano, bem como a criação de interação e diálogos, para que fosse possível a apreensão dos sentidos atribuídos acerca da migração e da saúde mental. Por isso a escolha da etnografia, pois permite aproximação, interação, vivências e diálogos entre o pesquisador e os participantes, além de permitir o uso de estratégias, como o “seguir pessoas”, isto é, acompanhar as pessoas nos lugares para onde elas se deslocam, e que tem sido bastante utilizada em estudo sobre processos migratórios, conforme Chiesa e Fantinel (2014).

Fica evidente, então, que a etnografia faz uso de diversas técnicas, como observação participante, diário de campo, etc. Assim, foi utilizado um caderno de campo, onde foram anotados os discursos, costumes, vivências, enfim, os acontecimentos da vida diária das pessoas participantes, pois isso auxiliou na etapa seguinte que é a escrita de um diário de campo sobre o cotidiano dessas pessoas. Segundo as autoras citadas acima, a construção do diário de campo compõe grande parte do exercício etnográfico, pois é nesse diário que “devem ser relacionados os eventos observados ou compartilhados, e reunidos materiais para analisar práticas, discursos e posições dos pesquisados, além de registradas as relações que foram nutridas, permitindo descrever e analisar fenômenos estudados” (CHIESA e FANTINEL, 2014, p. 5).

Diante de tudo que foi exposto até aqui, é possível afirmar que a etnografia não se reduz a um método, técnica ou instrumento, ela é uma forma de intervenção, pois estar com as pessoas, ouvi-las e responder a isso, também, são formas de intervir para se obter resultados, pois como afirma Peirano “palavras fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados” (2014, p. 387). Fica evidente, então, que a escolha do fazer etnográfico se deu por permitir a inserção e imersão da pesquisadora no cotidiano das pessoas participantes, o que possibilitou o alcance dos objetivos da pesquisa.

### **3.2.6 Procedimentos para coleta das informações**

a) Para chegar a Casa do Migrante João Batista Scalabrini, entramos em contato com a Pastoral do Migrante, que foi quem nos indicou a Casa;

b) O presente projeto de pesquisa passou pelo exame de qualificação e após sua aprovação foi enviado a Pastoral do Migrante para obtenção do Termo de anuência para em seguida ser encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da UFAM;

c) Após parecer favorável do CEP, essa informação foi repassada para a coordenadora da Pastoral do Migrante que autorizou a entrada em campo;

d) Os encontros da pesquisadora com os participantes ocorreram no cotidiano destes no local já mencionado e nos lugares em que eles precisaram ir, e por utilizarmos a etnografia, estivemos com os mesmos por aproximadamente 4 meses;

e) Todas as informações – aproximações, diálogos, vivências – foram registradas em um diário de campo, para que fosse possível construir uma narrativa etnográfica para posterior análise.

### **3.2.7 Procedimentos para análise das informações**

Os dados coletados foram analisados de forma conjunta, numa articulação entre a psicologia macrocultural, a perspectiva socioconstrucionista, e a bibliografia concernente aos tópicos que foram elaborados durante o processo de construção do diário de campo, que contêm como títulos as práticas discursivas dos participantes dessa pesquisa.

Nesse sentido, foi feito, em primeiro lugar, uma descrição etnográfica do cotidiano dos participantes, para que fosse possível a partir disso analisar os sentidos atribuídos por eles acerca desse processo, para só então pensar como ele reflete na saúde mental dessas pessoas. Por descrição etnográfica entende-se o registro do modo de vida das pessoas participantes, e das experiências compartilhadas entre a pesquisadora e os participantes.

Segundo Peirano (2014) a descrição etnográfica se refere a transformar aquilo que foi vivido em linguagem escrita, privilegiando o que foi mais vivo e intenso, e esse vivido não corresponde apenas às palavras, mas também aos silêncios, cheiros, sabores, a tudo aquilo que afeta nossos sentidos, pois todas esses meios de comunicar algo tem implicações e precisam ser avaliados e analisados. Nesse sentido, o pesquisador na construção da descrição etnográfica deve descrever o vivido de forma rica, isto é, com detalhes, com o máximo de informações para que, lendo o texto final, o leitor tenha a sensação de estar no campo (CHIESA e FANTINEL, 2014).

Por fim, Chiesa e Fantinel (2014) nos deixam um alerta ao afirmar que um dos principais aspectos que devemos considerar na análise da descrição etnográfica corresponde ao respeito que o pesquisador deve ter pela visão que as pessoas participantes possuem sobre

si, sua vida, suas práticas e sua concepção de mundo, visto que a interpretação e análise dos acontecimentos descritos são feitas a partir dos sentidos e significados que os participantes atribuem a si e a sua visão de mundo.

### **3.3 Considerações éticas**

O desenvolvimento dessa pesquisa está pautado em princípios éticos estabelecidas pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, em consonância com a Resolução 510/2016 também do CNS. Assim, tendo em vista que o presente trabalho utilizou dados primários, o mesmo foi avaliado em relação aos aspectos éticos de pesquisas que envolvem seres humanos pelo CEP da Universidade Federal do Amazonas. Desse modo, com a aprovação, o projeto teve início, tendo o cuidado de resguardar em todos os momentos da pesquisa a dignidade da pessoa humana.

Vale ressaltar, que o TCLE foi lido e explicado para todos os participantes. Ainda sobre o TCLE, é importante destacar que, o mesmo foi escrito tanto na língua portuguesa quanto na língua espanhola e ambos foram apresentados aos participantes para que eles pudessem escolher aquele que os deixassem mais confortáveis.

## CAPÍTULO 4: NARRANDO O COTIDIANO

Nesse momento, dou início a alguns relatos do diário de campo, que como poderão ver, traz toda a carga de experiência adquirida no encontro e convivência com os imigrantes venezuelanos, traz, também, as expectativas, ansiedades, angústias, pensamentos e sentimentos gerados antes, durante e após esses encontros e que serão explorados no decorrer dessa pesquisa.

Para melhor compreensão, este capítulo será dividido em duas sessões. Na primeira, apresentarei uma descrição etnográfica do cotidiano das pessoas no abrigo e demais microlugares<sup>9</sup>, pois penso ser importante falar da vivência com todas as pessoas que residiam ali. Essa descrição será feita por meio de narrativas, nas quais os personagens interagem dentro de uma situação espacial e temporal. Por outro lado, na segunda sessão, contarei sobre a história de vida dos participantes dessa pesquisa em relação à migração, para só então, no próximo capítulo, nos debruçarmos sobre as suas práticas discursivas. No entanto, antes de descrever essas experiências vividas a partir da minha inserção no cotidiano dessas pessoas, penso ser importante relatar primeiro, mais detalhadamente, sobre o caminho percorrido para chegar até os imigrantes.

O primeiro passo foi entrar em contato com a Pastoral do Migrante, a fim de obter informações sobre possíveis indicações de lugares e participantes para a realização prática da pesquisa. A partir da ida, foi possível conhecer a coordenadora deste local que me recebeu prontamente e após a explanação da pesquisa em questão, deu diversas possibilidades de lugares para sua realização sob sua anuência. Dentre os lugares estava à Casa do Migrante João Batista Scalabrini, que foi escolhida em concordância com a coordenadora.

Após a elaboração do projeto, o mesmo passou pelo exame de qualificação obtendo aprovação da banca examinadora. Essa informação foi passada para a coordenadora da Pastoral do Migrante, que logo em seguida me repassou o Termo de anuência assinado, para que a pesquisa fosse submetida ao CEP. Para minha surpresa, a pesquisa obteve parecer favorável pelo CEP com apenas um mês de submissão, sendo aprovada no dia 29 de outubro de 2018, conforme consta no anexo.

Com essa aprovação, que me permitia ir ao encontro dos imigrantes venezuelanos no abrigo citado, iniciou-se uma série de pensamentos e expectativas em torno da pesquisa. Será

---

<sup>9</sup> Como dito no início deste estudo – na parte das apresentações, na página 14 – o termo microlugar é utilizado por Spink (2008) para descrever os espaços onde as relações cotidianas acontecem, como casas, ruas, comércios, ou seja, lugares de breves encontros e de passagem e que são carregados de sentidos.

que as pessoas que residiam ali iriam permitir e querer a minha presença no cotidiano deles? Será que eles iriam querer dialogar comigo? Será que eu seria capaz de criar vínculos com os participantes? Será que eu daria conta dessa pesquisa? Todas essas questões traziam angústia, receio, medo de ir a ao encontro dos imigrantes. E numa espécie de defesa, eu racionalizava, adiando minha ida e me tranquilizando com a escrita da parte teórica da pesquisa, até me convencer de que a ida seria melhor depois que eu concluísse toda a parte teórica.

Talvez, por ser minha primeira pesquisa de campo a insegurança se traduzia nesse medo de não ser capaz de dar conta. E nada melhor do que uma orientação vinda de uma pesquisadora para nos colocar no eixo novamente, e foi em um momento de orientação, que minha orientadora, Adriana, me direcionou para um novo olhar: eu poderia adiar todos os dias a minha ida, o que traria cada vez mais angústia, ou eu poderia ir o mais rápido possível e descobrir que depois que se dá o primeiro passo as coisas começam a fluir.

E refletindo sobre essa conversa, decidi que era preciso mergulhar ainda mais no campo-tema<sup>10</sup> indo ao encontro dos imigrantes venezuelanos, pois compreendi que essas angústias fazem parte do processo de construção do conhecimento, visto que ele se constrói por meio das relações sociais, como a própria teoria socioconstrucionista nos ensina, relações estas que geram expectativas, sejam elas positivas ou negativas.

E foi assim que no dia 18 de dezembro de 2018, aproximadamente às 14h, eu e minha orientadora fomos à Casa do Migrante João Batista Scalabrini. Adriana, que já conhecia o lugar, foi quem me apresentou aos coordenadores do abrigo, que após ouvirem sobre a pesquisa, nos deram todo apoio e nos falaram um pouco sobre a Casa e as pessoas que residiam ali.

Esse primeiro contato com a casa, com os coordenadores e alguns venezuelanos me permitiu compreender que eu ainda tinha receios, mas que eu estava preparada, que eu seria capaz de construir uma aproximação, diálogos e convivência com os protagonistas dessa pesquisa, porque diferente de como eu pensava, eu já estava inserida nesse campo desde o início da formulação dessa pesquisa, pois como menciona Peter Spink o campo não começa quando nós entramos nele, “o campo começa quando nós nos vinculamos a pesquisa” (2003, p. 30).

Diante disso, gostaria de daqui para frente descrever sobre nossas vivências, digo nossas, porque as linhas seguintes expressarão não somente a vivência de uma autora, mas de muitos autores. Expressarão vivências recheadas de expectativas, sentimentos, emoções,

---

<sup>10</sup> Explico na parte das apresentações, no início do estudo, o conceito de campo-tema.

medos, conquistas, fracassos, vivências estas que foram construídas por muitas e muitas vozes.

#### **4.1 A vida no abrigo<sup>11</sup> e demais microlugares<sup>12</sup>**

##### **4.1.1 Vamos conhecer o abrigo?**

*Estou a caminho do abrigo com minha orientadora. Vou conhecer as pessoas responsáveis pela instituição para explicar a pesquisa e minha presença na casa nos dias que virão. Será minha primeira vez no local e durante esse percurso sou bombardeada por um misto de sensações: nervosismo, ansiedade, medo, euforia. O lugar fica em um bairro que já me é familiar, bairro Santo Antônio. Chegamos às 14 horas e não avistamos muitas pessoas, cumprimentamos as que estão presentes e logo entramos na sala dos coordenadores que já estão a nossa espera. Apresentamos-nos, conto sobre o porquê de estar ali e vou falando um pouco da pesquisa.*

*Conto que quero investigar como a migração reflete na saúde mental dos venezuelanos, e para tanto, escolhi utilizar pressupostos de uma abordagem etnográfica, que permite a minha inserção no cotidiano do grupo que vou conviver. Aos poucos vou falando que optei por vivenciar o cotidiano dos participantes, e que por isso eu precisaria estar no abrigo diariamente, que foi onde me propus a localizar o primeiro participante, mas que eu não me restringiria somente a ele.*

*Em meio as minhas falas, fui demonstrando certo nervosismo e ansiedade, pois não sabia exatamente como e com quem eu iria me relacionar e nem como eu chegaria a essas pessoas. Era diferente para mim, não porque eles eram de outra nacionalidade, mas porque eu estaria ali como uma pesquisadora, e talvez naquele momento, eu não soubesse como ser uma pesquisadora no cotidiano.*

*Aos poucos eles foram tentando me deixar mais calma:*

*- Oh! Você pode vir os dias que quiser, pode se juntar a nós de manhã para tomar café, porque é um período em que a maioria dos residentes está aqui.*

---

<sup>11</sup> Refiro-me a Casa do Migrante João Batista Scalabrini, onde os participantes foram localizados e acompanhados.

<sup>12</sup> Numa linguagem mais antropológica, trata-se de espaços percebidos, concebidos e vividos como disse Henri Lefebvre em “The Production of Space”. Espaços também antropologizados por conta de ser habitados e carregados de sentido social. Em soma, trata-se de percursos socioespaciais dentro de um amplo itinerário migratório.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4 ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

*E aí você vai tomando café e conversando com as pessoas e se aproximando, como você faria com qualquer outra pessoa.*

*- Não se preocupa em como você vai escolher o primeiro participante, é ele que vai te escolher. Você vem para cá e se coloca a disposição das pessoas: Oh! Se vocês precisarem, se estiverem com alguma dificuldade, eu posso tentar ajudá-los – Dizia minha orientadora.*

*Após conhecerem a pesquisa, e apoiá-la, começaram a falar um pouco sobre o abrigo e os residentes:*

*- Nós temos hoje como mantenedora do abrigo a Cáritas, a ACNUR e a Paróquia de São Geraldo, representada pela Pastoral do Migrante, mas também recebemos muitas doações.*

*- Todos os residentes são venezuelanos. A entrada na casa ocorre pelo encaminhamento da Cáritas Arquidiocesana ou da Pastoral do migrante. Sem esse encaminhamento não é possível residir aqui. O encaminhamento se dá por demanda espontânea, quando o próprio imigrante procura uma dessas instituições, ou também pelo projeto de interiorização<sup>13</sup>.*

*- Quando eles dão entrada aqui, nós os acolhemos e explicamos os seus direitos e deveres para permanecer. Eles recebem uma cama em um dos quartos, três refeições diárias – café, almoço e janta, e informações em gerais, como acesso ao sistema de saúde, regularização de documentação, e outras coisas. Fazemos o possível para ajudá-los no que precisam.*

*- Eles são responsáveis pelo preparo das alimentações e pela limpeza do lugar, nós também ajudamos no que podemos. Cada dia um grupo é responsável por essas atividades, então, todos colaboram.*

*Estou atenta a essas informações e anotando-as no meu diário de campo. Enquanto conversamos, vão entrando alguns venezuelanos para tirar algumas dúvidas com os coordenadores. Alguns nos olham e se apresentam e contam um pouco da sua história brevemente. E assim fomos tecendo relações.*

*Após esses diálogos, fui conhecer o espaço físico do abrigo. A casa possui três alojamentos: um masculino e um feminino, ambos com pequenos quartos com capacidade para quatro e seis pessoas, além de uma área de serviço e banheiros de uso coletivo. O terceiro alojamento, no entanto, é apenas um quarto grande com várias camas modelo beliche, sem uma*

---

<sup>13</sup> Projeto proposto pelo Governo Federal e que teve como objetivo distribuir os imigrantes venezuelanos que estavam no Estado de Roraima para outros Estados, uma vez que por estar situado na região de fronteira, Roraima tem ocupado a maior população de venezuelanos no Brasil, o que gera grande impacto na prestação de serviços públicos.

*designação de gênero a priori, podendo alojar somente homens, ou somente mulheres.*

*Além desses espaços, o abrigo possui uma cozinha com despensa e área para o momento das refeições e limpeza das louças, bem como uma espécie de área de serviço contendo dois tanques e alguns varais para uso coletivo, que fica nos fundos, por trás da cozinha. Há, também, um espaço que funciona como uma área de convivência, por ser um lugar onde os residentes se encontram quando não estão desenvolvendo alguma outra atividade. Em frente dessa área há a sala dos coordenadores.*

*A casa está situada na lógica urbana da cidade, próximo de escolas, unidades de saúde, comércios. Tal localização é importante para os residentes, pois ao chegarem estão com pouco ou nenhum recurso financeiro, social, assim podem ir caminhando a unidade de saúde caso necessitem de atendimento, ou matricular os filhos nas escolas, dentre outros, o que acaba aproximando essas pessoas da comunidade e criando uma rede de apoio.*

*No fim da tarde, estava voltando para minha casa da mesma forma que cheguei ao abrigo: com um misto de sensações. Ainda tinha alguns receios, mas a partir desse primeiro contato físico com a casa e com algumas pessoas, senti-me segura para retornar sozinha nos próximos dias e construir o máximo de relações possíveis com as pessoas que residiam ali.*

Iniciei com esta narrativa, porque foi o primeiro contato que estabeleci com as pessoas que trabalhavam ali e com algumas que residiam. A entrada nesse lugar foi encarada por mim como um desafio, porque seria através dela que ocorreria minha aproximação com os imigrantes, foi por esse motivo que tanto me questionei. Cardona, Cordeiro e Brasilino (2014, p. 126) explicam bem essa situação quando afirmam que:

Um dos desafios da pesquisa social nessa perspectiva é a entrada nos lugares como o caminho mais apropriado para nos aproximarmos das pessoas. Mesmo que tenha tido contatos prévios com as pessoas do lugar, ou inclusive participado de outras maneiras na vida de grupos, comunidades ou de instituições, passar a ser e se assumir como um/a pesquisador/a, no decorrer da vida diária, implica incorporar questões outras. Dentre elas, como entrar e sair dos lugares, quanto tempo ficar, como e com quem se relacionar, para quê? E o que e como registrar o que acontece? Essas questões envolvem aspectos epistemológicos, metodológicos e éticos, além de pessoais e afetivos.

Nesse sentido, como uma pesquisadora no cotidiano, penso ser importante ter narrado primeiro sobre esse espaço físico e social que é o abrigo, uma vez que ele se configura como um microlugar que está rodeado, também, por microlugares que foram onde

as relações cotidianas foram se construindo e se expressando. Porque como afirma Peter Spink “todos nós, independentemente de onde estamos e quem somos, acordamos pela manhã e entramos no dia que temos pela frente; dia este que nada mais é que um fluxo de fragmentos corriqueiros e de acontecimentos em microlugares” (2008, p. 70).

Oliveira (2015) utiliza o termo “microlugar” para enfatizar a importância do cotidiano como um cenário de pesquisa, pois são nesses microlugares, como sala de espera, banheiros, casas, ruas, comércios, que os encontros e relações cotidianas acontecem. Peter Spink (2008) chama atenção para as conversas espontâneas produzidas nesses lugares de breves encontros e de passagem, por serem carregadas de sentidos e significados e que muitas vezes são desconsideradas para a pesquisa, utilizando-se do pressuposto da objetividade, de um estranhamento e de uma distância entre o pesquisador e os demais membros numa relação verticalizada.

Busca-se com a expressão “microlugares”, portanto, dar importância para os encontros e desencontros, falas, diálogos, debates que ocorrem de forma espontânea e horizontal no cotidiano que é constituído em um espaço e tempo. Como afirma Peter Spink (2008, p. 71):

Os microlugares e seus diferentes horizontes são produtos e produtores de vários processos sociais e identitários: nós, eles, os temas a serem debatidos, com quem conversamos, como e onde vivemos. Denso, o cotidiano se compõe de milhares de micro-lugares; não é um contexto eventual ou um ambiente visto como pano de fundo. Os microlugares, tal como os lugares, somos nós; somos nós que os construímos e continuamos fazendo numa tarefa coletiva permanente e sem fim.

Nesse sentido, o abrigo é um microlugar, porque nele eventos comuns, habituais ocorrem: encontros, falas, conversas, no banheiro, na cozinha, nos quartos, é, também, um microlugar porque é um lugar de passagem, no qual as pessoas tem um tempo determinado para permanecer, e por isso há um ciclo permanente de entrar e sair, chegar e partir.

Ele está rodeado de microlugares, porque o posto de saúde, as escolas, as padarias, são lugares que nós frequentamos e conversamos durante a espera de uma consulta, durante a matrícula de uma criança, ou durante o café ou lanche da tarde. Esses espaços são microlugares, também, porque nós acabamos cruzando com outras pessoas, brasileiras e venezuelanas, que não faziam parte do convívio no abrigo, mas que trocamos histórias rápidas e que levamos para a vida, e porque não para a pesquisa?

Quando digo nós, refiro-me a todas essas pessoas: residentes do abrigo – participantes e não participantes dessa pesquisa – pessoas que não faziam parte do convívio

no abrigo, e a mim, enquanto pesquisadora, porque fui parte do cotidiano que não era só meu, ou só deles, mas era nosso, pois fomos nós, num coletivo, que o construímos. Fui apenas uma entre muitos membros que fez parte desse cotidiano e que merece ser apresentado, porque como menciona Peter Spink “o cotidiano é tudo que temos” (2008, p. 70), pois é nele que tudo acontece.

Se o objetivo era me inserir no cotidiano deles, eu precisava, então, entrar não somente na lógica do abrigo, mas também na lógica de vida deles naquele momento. Inserindo-me no cotidiano, eu não poderia estar à parte, somente observando, mas eu deveria ser parte e foi isso que tratei de fazer. Em pouco tempo não era mais eu ou eles, éramos nós.

#### 4.1.2 Primeiras aproximações

*Passo a chegar ao abrigo as 7h:30min para tomar café com os residentes. Quando chego sou recebida por uma das responsáveis pelo lugar, que me apresenta para as pessoas presentes: - Gente, essa aqui é a Jéssica, ela é psicóloga e vai ficar aqui com a gente por um tempo. Se precisarem podem falar com ela. Ela gosta de conversar, é psicóloga, né.*

*Cumprimento às pessoas, e sento na área de convivência. Nesse espaço, há uma residente sentada que logo me convida para tomar café. Eu aceito, e começamos a conversar, ela se apresenta, diz que se chama Yoseline e fala um pouco de si: - Eu vim para o Brasil com meu filho. Ele já é adulto, e nosotros vinimos a Brasil porque ele tiene câncer e na Venezuela no hay tratamiento. Ele está bien e vai ser operado.*

*Enquanto estou ouvindo-a, ela logo me pergunta se sou psicóloga e se estou trabalhando lá (no abrigo) e eu explico: - eu sou psicóloga, e eu também sou pesquisadora e estou aqui fazendo pesquisa. Ela sinaliza que não compreende o que significa pesquisadora.*

*Como não falo espanhol, e percebo que ela mistura português e espanhol para se comunicar, tento também me comunicar peloportunhol, para fazê-la compreender: - Eu sou de uma universidade e faço investigación. Ela logo compreende: - Aaaaah! Você é investigadora, está estudando. Eu soy advogada e profesora universitaria em Venezuela.*

*De início já encontramos algo em comum, ambas estamos ligadas a universidades e a conversa começa a fluir. Ela quer saber mais sobre a pesquisa e vou contando. Digo que estou investigando sobre migração e saúde mental. Com um sorriso no rosto, ela brinca: - hay muy locos por aqui, você vai ter muito trabajo. Mas logo em seguida, com um tom mais*

*sério conta que vir para uma cultura diferente, sem falar o idioma local e estar longe da família são aspectos que influenciam na saúde mental, e que sofrer não significa que se está louco. Digo a ela que ela tem toda razão.*

*Enquanto conversamos, outras pessoas vão se aproximando, e Yoseline vai me apresentando, dizendo quem sou, o que estou fazendo ali, e que vou estar por lá diariamente, e ao mesmo tempo vai me apresentando essas pessoas: - Yéssica, essa é María Ángeles, e essa é Alejandra hermana dela. Esse é meu filho, Juan Carlos, e esse é o Yosé, um amigo tambien.*

*Todos nós começamos a interagir, e sempre que surgia alguém que eu ainda não conhecia, eles iam me apresentando e brincando: - Mira! Esta é Yéssica, ela é psicóloga, se precisar de consulta, ela está aqui. Conheci João, Joana, Ricardo, Santiago e muitos outros.*

*No fim do dia, já não volto para minha casa com o mesmo misto de sensações que antes. Agora volto tranquila, pois já compreendo que a relação de uma pesquisadora com o grupo que se pretende estudar não é diferente de qualquer outro relacionamento. Ser pesquisadora é ser humana também, é conversar informalmente, é viver o cotidiano conforme ele vai se apresentando, é mergulhar no universo simbólico das pessoas para poder compreender suas visões de mundo, enfim, é por meio de aproximações e diálogos que o conhecimento vai sendo construído.*

Concordo com Batista *et al.* quando afirma que “pesquisar com conversas no cotidiano é vivenciar amplitudes de relações” (2014, p. 105), por isso trago essa narrativa e tantas outras, pois é a partir desses encontros e diálogos que passo a me familiarizar com o cotidiano do meu campo-tema. Nas próximas narrativas, vocês poderão ver que vivenciar o campo-tema passou a implicar não somente estar presente no abrigo, mas em todos os outros microlugares que eles passavam, e que iam tecendo as vivências e histórias do cotidiano.

#### **4.1.3 O itinerário da vida cotidiana**

*Estar no abrigo já faz parte do meu cotidiano, e com o passar dos dias vou conhecendo as normas do lugar, seu funcionamento e a rotina das pessoas por meio da vivência. O café da manhã acontece das 6h:30min às 8h, por isso quando chego, me direciono para a cozinha, que é o espaço onde, geralmente, a maioria das pessoas está nesse período.*

*A caminho da cozinha vejo João que está indo para seu quarto. Ao me ver ele se aproxima para me dar um abraço, conta que já tomou café e pede*

*para eu ir também. Ao chegar à cozinha encontro Yosé, Joana e Ricardo e nos cumprimentamos. Pergunto onde estão as demais pessoas. Ricardo logo responde: - ainda tem gente dormindo. Sabe aquela família que chegou ontem? (aceno que sim com a cabeça) Foi na polícia federal pedir o refúgio porque tem que ter o documento, né? E tem gente que foi a Receita Federal, tirar documento também, e alguns estão na rua procurando trabalho. Nosotros estamos aqui porque hoje é nosso dia de ficar na cozinha. Mas no almoço todos estão de volta.*

*Enquanto limpamos a cozinha, conversamos sobre assuntos cotidianos, e nos esforçamos para nos fazer compreendidos já que não falamos o mesmo idioma, apesar de usarmos um pouco de cada um. Damos gargalhadas, porque às vezes precisamos fazer mímicas e apontar para as coisas para podemos nos compreender, mas no fim das contas estamos conseguindo nos comunicar.*

*Após a limpeza, fechamos a cozinha e vamos para a área de convivência, onde está Alejandra, João e Yoseline. Alejandra pergunta como faz para solicitar refúgio, e João explica que ela precisa ir a Polícia Federal agendar um dia e horário, e que no agendamento entregariam a ela um formulário para que levasse preenchido no dia que retornasse para solicitar o refúgio: - Yéssica, como faço para chegar la Polícia Federal? Que ônibus eu pego?*

*Digo a ela que vou pesquisar e que assim que tiver as informações vou explicar a ela. Por volta das 10h, Yosé, Joana e Ricardo retornam para a cozinha para preparar o almoço, que acontece das 12h às 14h.*

*Por volta das 11h, aos poucos as pessoas que estavam fora do abrigo vão retornando. Luis e Santiago chegam cansados e se sentam na área de convivência conosco: - andamos a manhã toda e deixamos currículos em vários lugares, até agora não conseguimos nada. E Yoseline logo responde: - vocês vão conseguir.*

*Às 12h a grande maioria já está no abrigo e vamos almoçar. Estamos todos na cozinha e na área de convivência comendo e compartilhando os acontecimentos do dia. Assim que terminamos, descansamos um pouco e depois alguns já se preparam para sair novamente em busca de trabalho, enquanto outros vão às instituições de saúde ou permanecem no abrigo. Às vezes, vamos aos comércios, caminhamos pela redondeza, e vamos também a padaria merendar. E é assim que nosso cotidiano vai sendo construído.*

Como puderam ver, o cotidiano das pessoas no abrigo era atravessado por diversas atividades, que eram realizadas tanto na instituição quanto fora dela. Quero iniciar falando

sobre os momentos das refeições. Através da vivência pude perceber que esses momentos se configuravam como momentos de socialização.

Durante o café da manhã os residentes saíam de seus quartos para ir à cozinha, era um dos momentos em que a maioria das pessoas que estavam no abrigo, durante a manhã, encontravam-se para tomar café e conversar uns com os outros. O almoço, também, era um desses momentos, pois muitas pessoas que haviam saído em busca de trabalho, e aquelas que saíram bem antes do café para tirar documentos, retornavam para o abrigo para almoçar juntamente com aquelas que haviam permanecido no local. Alguns formavam grupos por afinidade e/ou parentesco, mas, apesar disso, todos se comunicavam.

Além disso, nos dois primeiros meses em que estive no abrigo, vinham, também, ex-residentes<sup>14</sup>, que já tinham um lugar para morar, alguns tinham trabalho formal e outros informal, mas que durante o almoço retornavam para o abrigo, sentavam-se na área de convivência e conversavam com os residentes. Eles não tinham direito ao almoço, mas retornavam porque sentiam que naquele lugar tinham pessoas que compartilhavam histórias de vida semelhante e por isso sentiam-se em casa.

Falando sobre esses momentos de socialização que as refeições possibilitaram, lembro-me de outra história que quero compartilhar com vocês.

*Era comum que no fim da tarde, por volta das 16h, fôssemos merendar em uma padaria que fica bem próxima ao abrigo. Era tão comum que os trabalhadores do local já nos conheçam. Sempre íamos num grupo de 5 a 6 pessoas e nosso lanche era pão doce com refrigerante, reservávamos uma mesa do local que ficava do lado de fora e sentávamos para comer. Quando íamos pagar, juntávamos nossas moedas, porque ainda que eu me oferecesse para pagar, eles queriam colaborar com o pouco que tinham.*

*Certo dia, quando pagamos e fomos nos sentar haviam outros venezuelanos sentados na mesa ao lado. Eles não eram residentes do abrigo, mas moravam no mesmo bairro em que ele está localizado. Enquanto comíamos, conversávamos com eles.*

*- Que Bueno ver a otros venezolanos aquí. Cómo están ustedes? Dizia Yosé. E íamos batendo papo. De repente surgem outros venezuelanos: - meias, meias, 3 pares de meias por siete reais. E Yosé brinca: três por siete reais? Es demasiado caro! O vendedor logo percebe que são venezuelanos e os*

---

<sup>14</sup> Refiro-me as pessoas que residiram no abrigo – Casa do Migrante João Batista Scalabrini – quando chegaram a Manaus, mas que já haviam deixado o lugar.

*cumprimenta com um aperto de mão e muitos sorrisos, e diz que para eles vende por cinco reais.*

*Todos compartilhamos o lanche e continuamos conversando. Yoseline com um sorriso no rosto se expressa em palavras: - Mira, Yéssica! Parece que fomos transportados para a Venezuela.*

*Foi um momento de alegria, porque estar em um local em que era possível encontrar outros venezuelanos, que não fossem os do abrigo, dava a sensação de que por um momento estavam em seu país de origem e isso, de certa forma, trazia muitas outras sensações agradáveis, e por isso, gostavam de retornar a essa padaria.*

Conto essa história porque mais uma vez vi e vivenciei o momento de comer, como um momento de trocas, de socialização, por isso é importante não somente o quando e o que se come, mas também, o com quem se come, mostrando, conforme Maciel que “o ‘comer juntos’, é o momento de reforçar a coesão do grupo, pois ao partilhar a comida partilham sensações, tornando-se uma experiência sensorial compartilhada” (2001, p. 150).

Pude perceber que esses momentos foram marcando o nosso cotidiano. Foram principalmente nesses momentos, durante o preparo das refeições e do ato de comer, que pudemos nos aproximar e fortalecer nosso vínculo, pois tive acesso às histórias de vida, as dificuldades imposta pela migração e tantas outras experiências. Além disso, o fato de eu acompanhá-los nos diversos lugares que precisavam ir – como polícia federal, receita federal e instituições de saúde, também colaborou para essa aproximação e fortalecimento de vínculo, por isso vamos a outras histórias.

*Alejandra e María Ángeles já perderam dois agendamentos na Polícia Federal para solicitar refúgio, por dificuldade para chegarem ao local. Alguns brasileiros disseram a elas que se fossem abordadas sem documentos poderiam ser deportadas para a Venezuela e por medo e pelo desejo de terem um trabalho com carteira assinada queriam regularizar logo sua situação no Brasil.*

*Agora elas têm um novo agendamento e precisam chegar antes das 6h no lugar, pois os residentes que já haviam regularizado sua situação contavam que era preciso chegar muito cedo, pois a fila de imigrantes era enorme. Como já nos conhecemos e temos um vínculo, ofereço-me para acompanhá-las, visto que antes eu já havia passado informações de como chegar lá e não haviam conseguido. Elas aceitam de imediato e agradecem com um abraço.*

*Alejandra tem uma criança de menos de 1 ano de idade e no contexto da cidade que vivemos, penso no quanto poderia ser perigoso três mulheres e uma criança saindo às 5h para pegar um ônibus ou um uber para ir ao Departamento de Polícia Federal que fica localizado em outro bairro. Caso fôssemos de ônibus, saindo do abrigo teríamos que pegar dois ônibus para chegar ao local, então chegaríamos depois das 6h. Portanto, pensando na nossa segurança e no horário de chegada ao Departamento, sugeri a elas que poderíamos ir com meu noivo de carro, caso elas aceitassem. Como já havia confiança entre nós, elas logo aceitaram. Combinamos que eu iria buscá-las as 5h:20min no abrigo.*

*Chego as 5h:15min, ainda está escuro. Saio do carro e entro no alojamento, elas já estão prontas, e na espera. Ao entrar no carro, cumprimentam meu noivo e enquanto estamos a caminho, conversamos:*

*- Yéssica, antes de você chegar, nosotros pensamos: - será que Yéssica despertou? Será se Yéssica viene nos buscar mesmo?*

*- Eu pensei a mesma coisa de vocês, será que elas despertaram?*

*E começamos a rir da situação. Chegamos ao Departamento por volta das 5h:35min, os portões do local ainda estão fechados, mas já há dois rapazes venezuelanos aguardando. Os portões abrem somente às 7h, e faltando poucos minutos para as 6h a fila começa a crescer. Quando o relógio marca 6h em ponto, conto a quantidade de pessoas na fila, há 40 pessoas. Perto das 7h perco a conta do número de pessoas, eram muito mais que 100. Haviam bebês, crianças maiores, adolescentes, jovens e idosos, sendo a grande maioria de nacionalidade venezuelana.*

*Alejandra e María olham para a fila surpresas, tanto pela multidão de pessoas, quanto por serem as terceira da fila: - yo no creo que somos las terceras. Se fosse de ônibus, nosotros estaríamos no final.*

*Entramos e esperamos por mais um tempo. Fomos atendidas por volta das 9h:30min. Todas regularizaram sua situação, ainda que temporariamente, e saíram com o documento de protocolo de refúgio. Durante a solicitação foram informadas que a partir dali poderiam tirar o Cadastro de Pessoas Físicas – CPF para em seguida tirar a carteira de trabalho. Os funcionários deram um folheto que informava a localização dos órgãos onde seria possível solicitar tais documentos.*

*Saímos do local já era cerca de 12h. Chegamos próximo das 14h no abrigo. E daqui para frente se iniciava a peregrinação para tirar os outros documentos.*

Todos os residentes que chegavam ao abrigo apenas com a documentação da Venezuela, eram orientados a solicitar refúgio para regularizarem sua situação no país. Alguns possuíam a Carteira de Registro Nacional Migratório – CRNM, mas a grande maioria possuía como documento de identidade o protocolo de refúgio.

Apesar de serem informados sobre onde e como tirar o CPF e a carteira de trabalho no ato da solicitação de refúgio, nem todos os residentes possuíam esses documentos. A grande distância entre os órgãos que emitiam tais documentos dificultava que todos tivessem acesso a esses serviços, pois precisariam de dinheiro para pagar as passagens do transporte público. Além disso, como no caso do CPF é necessário pagar uma taxa de 7 reais nos correios e nem todos possuíam esse valor. Conto a seguir, uma história para ilustrar essas dificuldades.

*Alejandra, sua filha e eu estamos a caminho do centro, de ônibus. O correio mais próximo do abrigo fica lá. Estamos indo solicitar o CPF, como María não pode vir conosco, Alejandra leva o seu documento de identificação para solicitar por ela. Ao chegar apresento a funcionária os documentos e ela logo informa que María precisa estar presente para poder tirar o CPF.*

*A funcionária explica que o procedimento no Correio é basicamente pagar uma taxa de sete reais por cada inscrição, para que seja gerado um comprovante com protocolo que deve ser levado a Receita Federal dentro do período que consta no comprovante, junto com o documento de identificação para que seja feita a finalização e retirada do documento. Ela explica que o órgão fica na Avenida Governador Danilo de Matos Areosa, localizada no bairro Distrito Industrial e conta que precisa chegar cedo.*

*O lugar é distante do abrigo e do centro para ir caminhando e Alejandra se preocupa em como chegar lá, já que o dinheiro que tinha havia pagado as taxas para inscrição no CPF. Peço para que ela não se preocupe, pois eu a ajudaria.*

*Foi tudo muito rápido e retornamos para o abrigo novamente. Alejandra quer esperar uns dias para poder ir a Receita Federal, pois quer esperar sua irmã María ir ao Correio para poderem ir juntas e resolver tudo de uma vez só. No entanto, como María estava desenvolvendo algumas atividades, pediu para que a irmã fosse logo, pois ela iria depois com um amigo brasileiro que a ajudaria.*

*Para chegar ao órgão era necessário pegar dois ônibus, e isso nos atrasaria. Então decidi pegar um uber, e assim fomos. Chegando lá, pego uma senha e aguardamos por volta de duas horas para sermos atendidas. O servidor que nos atende diz que estamos com sorte, pois no horário que chegamos, por volta das 8h, geralmente, não havia mais senhas disponíveis. Por fim conseguimos tirar o CPF de Alejandra e o de sua filha.*

*Agora faltava a carteira de trabalho que é emitida pelo Ministério do trabalho, que também está localizado distante do abrigo, na Avenida André Araújo, no bairro Aleixo, e, portanto, precisa de transporte para chegar.*

*Ao chegar ao abrigo, encontramos João, Yosé, Yoseline, María, Alejandra, Joana, Santiago, Pedro, Antony e Luma que estão na área de convivência, e perguntam se conseguimos. Alejandra conta toda a trajetória para que enfim pudesse estar com o CPF e Yoseline diz:*

*- Aqui hay burocracia em demasiado. Em Boa Vista, eu tirei refúgio, CPF e carteira de trabalho de trabajo em um mesmo lugar e no mesmo dia.*

As dificuldades narradas nessa história são enfrentadas por todos os residentes que chegam ao abrigo sem documentação. Muitos vão caminhando da instituição até o departamento de polícia federal, por não possuírem dinheiro para pagar a passagem do transporte público. De lá para o departamento caminhando leva mais que 1 hora de percurso.

Aliás, caminhar era uma das atividades que alguns deles mais desenvolviam, pois sem recurso financeiro restava essa possibilidade. Caminhavam para chegar às instituições já mencionadas, caminhavam para ir ao centro comercial da cidade e outros lugares para deixar currículos. Pude acompanhar um grupo ao centro da cidade, que fica a uns 30 minutos andando do abrigo até lá, para mostrar a eles o caminho, já que não conheciam.

*Estou chegando ao abrigo quando encontro João, Ricardo, Pedro, Yoseline e Yosé na rua. Eles querem ir ao centro e me convidam para acompanhá-los e ir mostrando o caminho. O relógio marca 9h quando começamos a caminhar. O sol de Manaus está a todo vapor, daquele jeito.*

*Durante o percurso vamos batendo papo e verificando possíveis locais de trabalho para deixar currículos em outro momento. E como pesquisadora, estou ligada ao que acontece ao nosso redor. Algumas pessoas nos olham com curiosidade, outras com certo estranhamento, pois estamos conversando em portunhol e eles percebem que se trata de imigrantes.*

*Ao chegar ao centro, Pedro quer comprar um chip de celular e ao nos aproximar da loja, ele me entrega 10 reais e pede para que eu compre para ele. O funcionário está observando e quando me aproximo e peço o chip, ele diz sorrindo – eu achava que você era venezuelana também, mas veja só, é uma brasileira. O grupo que está comigo brinca: - ela vive com nosotros, todos acham que ela é venezolana. Todos riram nesse momento, inclusive eu.*

*Voltamos para o abrigo de ônibus, porque eu tinha um cartão de vale transporte, e passei para nós. Além disso, como eles já haviam conhecido o*

*caminho para se chegar lá caminhando, voltar de ônibus era uma nova forma de ensiná-los, pois a partir dali, quando precisassem, saberiam onde e quais ônibus pegar para chegar ao abrigo, saindo do centro. Com essas informações adquiridos eles se tornavam mais autônomos.*

O perambular pelo centro da cidade, e outros lugares era uma forma de eles conhecerem a cidade e ao mesmo tempo deixar currículos pelas lojas e empresas comerciais pelas quais passavam. Apesar disso, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho era muito grande. Eram muitos currículos deixados em vários locais de trabalho para pouquíssimas ou nenhuma ligação de devolutiva acerca de possíveis contratações.

Muitos residentes possuíam formação superior, havia pessoas com formação em medicina, contabilidade, direito, educação física, recursos humanos, segurança do trabalho, dentre outras áreas, apesar disso, havia dificuldade com a validação de diploma, o que acabava por dificultar ainda mais sua entrada no mercado de trabalho. Além disso, ainda que não pudessem comprovar legalmente, havia pessoas com experiência profissional em algumas áreas específicas, como, hotelaria, refrigeração, mecânica, hidráulica e ajudante de cozinha.

Ademais, víamos ex-residentes, diariamente, indo ao abrigo conversar com a coordenadora do local em busca de ajuda com elaboração e impressão de currículos. Havia casos em que ex-residentes iam buscar orientação de como agir para buscar seus direitos, porque haviam prestado serviços para algumas pessoas, ou empresas de forma informal e não haviam recebido pelo seu trabalho. Mas, também, havia dias em que alguns brasileiros iam ao abrigo em busca de residentes para trabalhar em alguma obra oferecendo diárias e cumpriam com o acordo.

Por conta da dificuldade de conseguir um emprego formal, na maioria das vezes, o único modo de obter alguma renda para o seu sustento e o de sua família era trabalhando de forma informal. Conto a seguir uma história para demonstrar.

*Nas redondezas do abrigo há várias padarias e mercados que vendem produtos em gerais, alimentícios, de limpeza, etc.*

*Em um dia comum, estou com Joana indo ao mercado comprar alguns materiais para fazer macarrão. Assim que colocamos nosso pé fora do abrigo vemos o seu Antônio, um senhor venezuelano que aluga um pequeno espaço do outro lado da rua para cortar cabelo, falamos com ele e seguimos para o mercado.*

*Mais a frente, avistamos Santiago e Yosé descarregando tijolos de um caminhão e levando para a casa de uma vizinha.*

*Ao entrarmos em um pequeno mercado, escolhemos os produtos e logo nos direcionamos ao caixa para pagar por eles. O rapaz que está ensacolando os produtos é venezuelano. Ele não é residente do abrigo, talvez more no bairro.*

*Na volta, passamos por uma igreja e Joana cumprimenta dois venezuelanos que estão pintando o local. Ela me conta que eles já moraram no abrigo e que agora moram em uma casa alugada próximo de lá.*

*Não ficamos surpresas por ver vários venezuelanos trabalhando, porque é comum vê-los quase que todos os dias, desenvolvendo alguma atividade pelas redondezas. Joana, até disse que ela mesma já tinha trabalhado em algumas casas ali próximo, como faxineira.*

Nesse sentido, o cotidiano da maioria das pessoas que viviam no abrigo era fortemente marcado por essa realidade: a procura incessante por um emprego formal, às vezes caminhando o dia inteiro, na expectativa de deixar um currículo e ser chamado para uma entrevista; e o desenvolvimento de atividades laborais informais para suprir a ausência de um trabalho formal.

Eram muitas as dificuldades que se apresentavam no cotidiano dessas pessoas, lembro que era comum que muitos fossem ao Posto de Saúde que fica próximo do abrigo – cerca de três minutos andando, em busca de vacinação para as crianças, consultas rotineiras para quem tinha hipertensão e consultas odontológicas. Apesar de ser próximo, às vezes sentiam dificuldade até para acessar o serviço, por conta de outros obstáculos.

*Alejandra está a caminho do Posto de saúde, está indo buscar atendimento porque sente dor na área abdominal. Chegando lá, apresenta seu documento e diz que precisa de atendimento. Não demora muito para que ela retorne ao abrigo novamente.*

*Eu estou na Fundação Centro de Controle de Oncologia do Amazonas – Fcecon, acompanhando Yoseline e Juan Carlos em uma consulta médica, quando recebo uma mensagem de Alejandra perguntando se eu iria ao abrigo, pois queria me contar uma novidade.*

*Após a consulta de Juan retornamos para o abrigo e encontramos Ricardo, Pedro, Santiago, Luma e Alejandra na área de convivência. Ao nos ver Ricardo começa a rir e pede para que Alejandra me conte a história.*

*- Yo fui no puesto de salud porque estaba com mucho dolor de cólica. Tu está comprendendo, Yéssica? (aceno que sim com a cabeça) Pero no me atenderam na recepção, porque disseram que yo necesitaba de um tradutor. Yo no comprendi! Yo creo que fui atendida das otras vezes porque tu estaba conmigo. No necessito voltar, porque yo no siento mais dolor.*

*- Eles não atenderam porque não quiseram, Yéssica, porque se tu está comprendendo ela, porque eles não compreenderam? Disse Ricardo com indignação.*

*- Ele ni siquiera tentou entenderme. Yo já fui atendida lá por otra persona que me comprendeu.*

*Alejandra expressou muita indignação por não ter recebido atendimento. Para ela, não foi apenas uma dificuldade com o idioma, foi mais que isso. Estava relacionado ao fato de ser uma imigrante. O rapaz da recepção não fez nenhum esforço para compreendê-la, apenas disse que ela precisaria levar um tradutor.*

*Digo a eles, de uma maneira que possam compreender, que foi muito errado o tratamento que Alejandra recebeu, pois o serviço que deveria se ajustar ao usuário e não o contrário. Explico que o posto de saúde que atende essa comunidade do bairro Santo Antônio já deveria estar preparado para recebê-los, já que no bairro há muitos imigrantes morando e peço desculpas, porque nesse momento sinto vergonha de ser brasileira.*

Diante de todas essas histórias contadas, é imprescindível dizer que foi a construção de uma boa relação entre mim e os residentes que permitiu que pudéssemos compartilhar os acontecimentos diários. Quando eu não estava presente no momento em que acontecia algo marcante com um deles, por exemplo, eles partilhavam esse episódio comigo quando nos encontrávamos, porque sentiam confiança na nossa relação, sentiam também que podiam contar comigo, porque eu me coloquei nesse lugar de troca.

Nesse sentido, participar dessa cotidianidade através da vivência e do diálogo constante possibilitou que eu pudesse sentir as vicissitudes dessa vida cotidiana e que foram marcando a construção dessa pesquisa. Estando com eles diariamente, eu pude experienciar na pele algumas das sensações que eles sentiram, visto que caminhávamos juntos para chegar a certos lugares, recebíamos, em várias ocasiões, os mesmos olhares de pessoas que passavam por nós enquanto caminhávamos pelas ruas – porque me viam como venezuelana, esperávamos juntos em filas para receber atendimento em diversos órgãos, comíamos a mesma comida e dividíamos os mesmos espaços.

Apesar disso, não posso, de forma alguma, afirmar que senti tudo o que sentiram, que compartilhei das mesmas dores por ter estado com eles por algum tempo, porque mesmo vivenciando o cotidiano deles, tínhamos vidas diferentes. Meu cotidiano não era somente o cotidiano deles, porque no fim do dia eu podia voltar para minha casa e encontrar minha família, enquanto eles permaneciam no abrigo e distante de pessoas que faziam parte da sua comunidade familiar e social.

Eu só pude experienciar momentos e ver de mais perto o que eles passavam por estar em uma cultura diferente, com outro idioma e distante de familiares e amigos. Ouso dizer, inclusive, que pude compreendê-los porque passei a olhar o mundo e as dificuldades com os olhos deles durante a construção dessa pesquisa, o que a tornou mais humana.

Independente dos momentos de tristeza e de incertezas que aconteciam dentro e fora do abrigo impostos pelas dificuldades, houveram dias felizes, dias em que a esperança era renovada e a resiliência dessas pessoas se mostrava mais forte e presente no cotidiano. Jamais havia presenciado tamanha resiliência, resiliência essa que prova que apesar de todos os percalços que os imigrantes vivenciam, diariamente, existem formas de viver que insistem e persistem a todos essas barreiras impostas.

De modo geral, tudo que foi escrito até aqui, são partes, retalhos, acontecimentos do nosso cotidiano que nos marcaram. Seria impossível descrever aqui o cotidiano em sua totalidade, porque como menciona Peter Spink (2008, p. 73):

No processo, pequenos momentos foram gravados na memória, acontecimentos não planejados, associações entre o social e o material, entre as redes frouxas de sentidos que conectam os pedaços do dia a dia. São os pequenos momentos do fluxo diário, abertos às possibilidades da convivência cotidiana; são fragmentos, às vezes de conversas, às vezes de acontecimentos, às vezes de pedaços de materialidade, às vezes de documentos que nos chegam às mãos e às vezes de relatos na mídia.

## **4.2 História de vida dos participantes**

Antes de falar sobre a história de vida dos protagonistas dessa pesquisa, penso ser importante contar um pouco sobre o processo de escolha dos participantes. Quando digo escolha, não quero dizer que fui eu quem os escolhi, houve um processo de escolha mútua, mas na verdade, foram eles que me escolheram primeiro.

Como uma jovem pesquisadora nesse campo-tema, a ideia, antes de encontrá-los, era a de que eu chegaria ao abrigo, me apresentaria para as pessoas que residiam ali e a partir dessa apresentação eu escolheria o primeiro participante e ele definiria o próximo e que tudo

isso seria muito rápido. No entanto, não foi bem assim que aconteceu. Ao chegar, percebi que para me aproximar eu precisaria entrar na rotina deles, óbvio que eu precisei me apresentar e contar o porquê de estar ali primeiro, mas não foi só dizer isso e fazer o convite para participarem desse trabalho.

Minha estratégia mudou ao pisar lá. Havia muito receio de não conseguir me comunicar com as pessoas de imediato, até mesmo por conta do idioma, então, eu fui conhecendo um pouco das regras do ambiente, dos horários, das tarefas desenvolvidas por eles por meio da observação e da interação, isso me ajudou a entrar na rotina, no cotidiano dessas pessoas.

Como já disse antes, passei a chegar na Casa do Migrante João Batista Scalabrini por volta das 7h30min para tomar café com eles e assim ía me aproximando, íamos nos apresentando, conversando, trocando algumas ideias, e nessas relações cotidianas algumas pessoas foram se aproximando de mim mais que outras. Quando me dei conta, já havia construído vínculos com algumas dessas pessoas. E foi a partir disso que convidei minha primeira participante, que estava acompanhada do filho no abrigo e por isso ambos se tornaram participantes.

Ao perceber que ao chegar ao abrigo era ela a pessoa que me recebia, me acolhia, que me convidava para sentar junto com o seu grupo de amizade para tomar café e, além disso, me convidou para acompanhá-la com seu filho nos locais que precisava ir, descobri que ela havia me convidado para fazer parte do seu cotidiano muito antes de eu convidá-la para participar da pesquisa. E foi a partir desses acontecimentos que eu a convidei, juntamente com seu filho para participarem e expliquei sobre a pesquisa novamente. Para preservar suas identidades, decidi identificá-los nesse trabalho como Família Diaz.

Dentro do grupo de amizades que essa família me apresentou havia uma família composta por duas jovens e uma criança, e que aqui gostaria de identificar como família Sánchez. Como a ideia era utilizar a técnica bola de neve para a escolha dos demais, as duas jovens acabaram se tornando participantes da pesquisa por indicação da família Diaz, visto que elas eram uma das mais próximas e que a família identificava como parte do seu grupo de apoio.

A família Sánchez, por conseguinte, indicou a última participante, que aqui decidi chamar de Luma. Luma fazia parte do grupo de apoio da família Sánchez, e veio para o abrigo com sua família, composta pelo companheiro e dois filhos pequenos. Mais adiante contarei

com mais detalhes a história de vida de cada participante, que pude acessar por meio das nossas aproximações e diálogos.

Penso ser importante dizer que apesar de uma das regras do abrigo ser acolher, prioritariamente, pessoas maiores de 18 anos, por não possuir uma estrutura adequada para receber crianças, essas duas famílias são duas das exceções, visto que ambas possuem filhos pequenos. Nesse sentido, a casa compreendeu que algumas regras precisam ser quebradas, quando as necessidades são muito maiores que as próprias regras.

Vale dizer, também, que a ideia inicial da metodologia da pesquisa era de que o abrigo seria o ponto de partida da fase de campo e de que eu não precisaria me vincular a ele, mas sim aos participantes e as suas histórias de vida. Mas, como não se vincular, também, ao abrigo se todas as pessoas que residiam ali estavam vinculadas a ele? Portanto, eu precisei me conectar as pessoas e, também, ao abrigo, visto que lá era onde estava todo o grupo de apoio dos participantes e protagonistas dessa pesquisa.

Nesse sentido, deixei de frequentar a Casa João Batista Scalabrini somente quando os participantes dessa pesquisa se desvincularam, que foi na semana do dia 25 de março de 2019, quando todos os residentes desligaram-se dela, por já ter passado tempo além do que a casa ofertava. Antes de saírem, a Cáritas Arquidiocesana inscreveu todos os residentes no Programa de Transferência de Renda<sup>15</sup> conhecido, também, como Programa de Aluguel Social para que recebessem um auxílio em dinheiro por cerca de três meses para alugarem uma casa e se manterem enquanto buscavam por emprego.

Concluo dizendo que o que será dito a seguir, é somente uma pequena parte da história de vida dessas pessoas, existem muitas outras construções e ainda há muito que se construir. Deixo registrado aqui, também, até como uma forma de feedback, que eu, enquanto pessoa e pesquisadora, sou muito grata por ter tido acesso a parte dessas histórias que me ensinaram muito e por ter sido parte delas, também.

#### **4.2.1 Família Diaz**

Esta família é composta por dois membros aqui no Brasil: uma mãe e um filho. Decidimos identificá-los aqui como Yoseline e Juan Carlos. Yoseline tem 50 anos de idade, é

---

<sup>15</sup> O programa foi implementado pela Cáritas Arquidiocesana em parceria com a ACNUR e é financiado pela Ajuda Humanitária e de Proteção Civil da Comissão Europeia – ECHO e que tem como objetivo apoiar o acesso de venezuelanos à moradia. Esse programa tem incentivado as pessoas a deixarem os abrigos, e assim gerar vagas para outros venezuelanos. Informação disponível em: <<https://arquiocesedemanaus.org.br/2018/11/01/transferencia-de-renda-reduz-riscos-e-melhora-vida-defamilias-venezuelanas-em-manaus/>>.

casada, possui três filhos, e é advogada e professora universitária. Já Juan Carlos tem 27 anos de idade, é solteiro, fisiculturista e instrutor de educação física. Antes da crise em seu país, a família possuía boa condição financeira e levava uma vida tranquila na comunidade de Puerto Ordaz, localizada no Estado de Bolívar, onde o restante da família permanece.

No ano de 2017, ainda na Venezuela, Juan Carlos foi diagnosticado com neoplasia maligna<sup>16</sup> do reto. Lá foi possível realizar apenas alguns procedimentos para o tratamento da doença. Diante disso, Yoseline optou por vir para o Brasil com o filho para dar continuidade, pois segundo eles, com a crise já instalada em seu país de origem, os hospitais não funcionavam mais por falta de materiais e instrumentos necessários para o tratamento de doenças, principalmente, para as mais complexas.

A escolha pelo Brasil se deu pela facilidade de entrada e por ser mais barato viver aqui que em outros países. A família entrou no país no dia 17 de maio de 2018, e se deslocou para Boa Vista, Capital de Roraima, onde regularizou sua situação migratória com o protocolo de refúgio, além de retirar CPF e cartão do Sistema Único de Saúde – SUS. Nesse mesmo mês, foi admitido na Unidade de Alta Complexidade em Oncologia - Unacon do Hospital Geral de Roraima, para dar continuidade no tratamento que havia iniciado na Venezuela.

Ainda nesta Unidade, passou por alguns procedimentos, como quimioterapia. Além disso, Juan Carlos necessitava fazer radioterapia, mas como não havia esse procedimento em Boa Vista, o mesmo foi encaminhado em agosto de 2018 para o Centro Regional Integrado de Oncologia – CRIO localizado na cidade de Fortaleza – CE, por meio do Programa Estadual de Tratamento Fora Domicílio - TFD<sup>17</sup> para que tal procedimento fosse realizado.

Em Fortaleza permaneceu por quase três meses, e retornou para Boa Vista no mês de novembro, após o término da radioterapia e quimioterapia. Vale dizer, que durante todo esse processo de tratamento em Boa Vista e Fortaleza a família foi acompanhada pelo Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados - SJMR<sup>18</sup> de Boa Vista que ofereceu moradia e direcionamento para o acesso aos serviços públicos, principalmente ao sistema de saúde que era a maior necessidade dessas pessoas.

---

<sup>16</sup> Neoplasia é uma proliferação anormal, autônoma e descontrolada de um determinado tecido do corpo, mais conhecida como tumor. Uma neoplasia pode ser benigna ou maligna. Um câncer é uma neoplasia maligna. Informação disponível em: <<https://medicoresponde.com.br/o-que-e-neoplasia-e-cancer/>>.

<sup>17</sup> O TDF é um direito de todo cidadão brasileiro, conforme determina a Lei N° 8080/90 e através da Portaria 055/99, e consiste em garantir acesso aos serviços de saúde (Média e Alta Complexidade) aos pacientes atendidos na rede pública de saúde ou em unidades conveniadas/cadastradas ao SUS, para atendimento especializado em outras unidades da federação, quando esgotados todos os serviços locais.

<sup>18</sup> O SJMR é uma instituição da Companhia de Jesus, que busca servir, acompanhar e defender os migrantes, solicitantes de refúgio e refugiados. Além disso, busca estabelecer uma grande rede de apoios e parcerias, para continuar oferecendo seus serviços gratuitamente.

Nesse sentido, o SJMR foi quem ajudou a família a vir para Manaus para dar continuidade no tratamento do câncer, uma vez que o grande volume do fluxo migratório para Boa Vista estava gerando forte impacto na prestação de serviços públicos, como na área da saúde<sup>19</sup>, o que dificultou a permanência deles na cidade.

No dia 14 de dezembro de 2018 Juan Carlos e Yoseline chegaram a Manaus, e passaram a ser acompanhados pelo SJMR da cidade, que tem como parceiros a Cáritas e a Pastoral do Migrante da Arquidiocese de Manaus. E foi numa articulação entre essas três redes que essas pessoas foram encaminhadas para a Casa do Migrante João Batista Scalabrini.

Penso ser importante fazer uma pausa na história para lembrar que cheguei ao abrigo no dia 18 de dezembro de 2018, ou seja, havia apenas quatro dias que Yoseline e Juan Carlos haviam chegado lá. Portanto, notem que pude acompanhá-los desde os seus primeiros dias no abrigo e verão, no decorrer das linhas, que pude estar junto deles mesmo após a saída da casa, o que me permitiu diálogos e conhecimentos mais profundos sobre suas histórias de vida.

Dando continuidade, ao chegar a Manaus e ao abrigo, o SJMR designou dois de seus funcionários para direcioná-los e acompanhá-los na Fcecon. Após a retirada do Cartão do paciente da Fcecon e consultas, foi solicitada uma bateria de exames para avaliar a possibilidade de operação.

Para acelerar o processo, o SJMR direcionou Juan Carlos, sob sua responsabilidade, para clínicas particulares para fazer os exames solicitados. Como foi nesse meio tempo que cheguei ao abrigo, e como Yoseline foi a primeira pessoa a se aproximar de mim, passamos a conviver mais, e com o convite para acompanhá-la nos lugares que precisavam ir, eu passei a estar mais próxima dela e conseqüentemente de Juan Carlos.

Eles precisavam se deslocar muitas vezes para a Fcecon para consultas pré-operatórias e sempre estavam acompanhados de um funcionário do SJMR. Com todos os exames em mãos, retornaram na Fcecon e com a aprovação a cirurgia foi marcada para o dia 10 de janeiro de 2019.

No dia 9 de janeiro de 2019, Juan Carlos foi internado na Fcecon para se preparar para a cirurgia e no dia seguinte foi operado. A cirurgia devia durar cerca de 8h, mas durou

---

<sup>19</sup> O Decreto Federal N. 9285, de 15 de fevereiro de 2018, aponta esse aumento populacional desordenado e imprevisível observado no Estado de Roraima, decorrente do fluxo imigratório venezuelano e do impacto gerado na prestação de serviços públicos. Decreto disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=515&pagina=3&data=16/02/2018>>.

10h devido à complexidade dos procedimentos, foram feitas exenteração pélvica total e ressecção de ceco e ílio terminal com colostomia úmida<sup>20</sup>.

Após a cirurgia Juan Carlos ficou em observação e por isso não foi permitida a presença de acompanhante. Assim, Yoseline precisou voltar para o abrigo e passar a noite lá para retornar no dia seguinte, quando ele retornaria para seu leito no quarto que estava antes. Quando cheguei ao abrigo, no dia seguinte a operação do rapaz, encontrei sua mãe que estava aflita porque não sabia como seu filho havia reagido durante a noite e estava aguardando a chegada do uber para retornar a Fcecon.

Nesse pouco tempo, Yoseline me contou que foi um dos momentos mais angustiantes de sua vida, pois estava sozinha, sem nenhum familiar para apoiá-la e não sabia se seu filho sairia com vida do centro cirúrgico. Quando foi chamada pelos médicos e ouviu deles que o tumor havia sido retirado, e que seu filho estava bem, foi o momento de alegria daquele dia.

A família permaneceu na Fcecon por mais oito dias, e durante esse período pude encontrá-los nos momentos de visitas que acontecia das 15 às 18 horas. No quarto em que estavam havia mais quatro pacientes com seus acompanhantes e diferente deles que desejavam receber alta o mais rápido possível, Juan Carlos e Yoseline não queriam deixar o hospital, pois lá recebiam alimentação saudável, as condições do lugar eram boas, tinha uma televisão que podia distraí-los, além de uma equipe médica que o acompanhava todos os dias.

Yoseline explicava para os colegas de quarto que eles tinham um lar para retornar após a alta e tinham suas famílias, e eles, por outro lado, não tinham. Estavam em um país diferente, e com a alta teriam que retornar para o abrigo que não poderia oferecer o que o hospital oferecia.

Isso preocupava a família, porque Juan Carlos havia passado por uma cirurgia de alto risco e precisaria de um tempo longo de recuperação, e o abrigo não poderia ofertar o tratamento que ele necessitava para uma boa recuperação. A alta veio no dia 18 de janeiro, eu estava presente, e Marco dizia: “não, doutor! Aqui está bom” e o médico respondeu: “está louco, menino! Vá para sua casa, rapaz, é a melhor coisa”.

O médico responsável pelo caso entregou o boletim de internação e alta para que assinassem, e com ele veio, também, consultas agendadas para acompanhar a recuperação de Juan, no ambulatório da Fcecon. No dia 31 de janeiro saiu o resultado da biopsia pós-cirurgia

---

<sup>20</sup> “Exenteração pélvica total consiste na remoção de todos os órgãos pélvicos, tanto do aparelho reprodutor quanto do aparelho urinário, além do cólon sigmoide e reto”. In: COSTA, Sergio Renato Pais et al . A exenteração pélvica no tratamento do câncer de reto estágio T4: experiência de 15 casos operados. **Arq. Gastroenterol.**, São Paulo , v. 44, n. 4, p. 284-288, dic. 2007.

e para a alegria de todos nós a mesma indicou a ausência de neoplasia. Em consulta, no dia 19 de fevereiro, o médico explicou que havia retirado todo o tumor, mas que estava o encaminhando para o serviço de quimioterapia do ambulatório para uma nova avaliação, para verificar se seria necessário fazer algumas sessões de quimioterapia ou não.

Desde a cirurgia passei a acompanhar a família em todas as consultas no ambulatório da Fcecon, pois não havia mais outra pessoa para acompanhá-los. Com a volta para o abrigo à recuperação de Juan foi se tornando lenta, e muitos fatores contribuíram para que ele tivesse uma má recuperação, como não ter uma alimentação saudável e estar em um quarto quente e pouco arejado. Assim, como as mantenedoras do abrigo estavam sem recursos, não foi possível oferecer as condições necessárias para que ele tivesse um bom desenvolvimento pós-operatório.

A ideia das pessoas responsáveis pela família no abrigo era que se fosse necessário fazer quimioterapia, poderiam mandá-los para Fortaleza com o encaminhamento do médico, pois lá poderiam ficar abrigados na casa onde haviam ficado antes, e assim, poderiam receber um melhor acolhimento para que Juan Carlos tivesse uma melhor recuperação. As instituições responsáveis pela família no abrigo que arcaiam com as despesas das passagens.

No entanto, a consulta para o serviço de quimioterapia foi agendada somente para o dia 15 de abril, o que levaria muito tempo de espera. Numa tentativa de antecipar essa consulta, fui à ouvidoria do ambulatório da Fcecon para explicar a situação de Juan e consegui a antecipação para o início do mês de março, mas a família não pode comparecer.

As idas ao ambulatório e a unidade de pronto atendimento da Fcecon se tornaram mais frequentes, por conta da má recuperação, e a família decidiu que não viajaria enquanto Juan não estivesse bem para se deslocar para outra cidade, pois temiam que o período de voo pudesse prejudicar ainda mais o quadro de saúde.

. Em uma das idas a essa unidade de pronto atendimento foi prescrito a administração intravenosa de antibióticos para tratamento de infecção, por sete dias consecutivos, e por sete dias tivemos que nos deslocar do abrigo para a Fcecon. Além disso, por duas vezes necessitou ser internado novamente passando por uma cirurgia em cada internação.

Houveram dias no abrigo em que era feito um esforço para comprarmos verduras e legumes, suco natural, frango, para que Yoseline preparasse uma alimentação saudável para o filho. A família recebeu, também, algumas doações de frutas e verduras de alguns feirantes que possuem barracas no feirão da Secretaria de Produção Rural do Amazonas – Sepror.

Além disso, a coordenadora do abrigo cedeu um quarto com ar-condicionado no alojamento masculino para que a família ficasse, pois o ambiente era melhor para a recuperação de Juan. Antes disso, estavam abrigados no alojamento que possui um único espaço com nove camas beliches.

Como falado antes, na semana do dia 25 de março, a família se desligou do abrigo, e passou a morar em uma casa alugada com a ajuda da Cáritas Arquidiocesana. Além disso, o SJMR, também, se disponibilizou a ajudar a família com uma quantia em dinheiro por cerca de três meses, para a compra de alimentação.

Muitas vezes estive com eles nessa nova casa e pude acompanhar muitas de suas angústias, uma vez que a partir da saída, tiveram que dar conta de tudo sozinhos. Em relação a toda essa situação que se encontravam, por muitas vezes Yoseline se sentia mal por depender de outras pessoas e por não poder sair em busca de trabalho para o seu sustento e o de seu filho em Manaus, porque precisava estar junto dele, monitorando, ajudando e por isso não poderia passar o dia fora trabalhando.

Por diversas vezes, também, Yoseline compartilhou suas lágrimas comigo, sentia um desespero enorme por não possuir recurso suficiente para ajudar no tratamento e recuperação do filho. Desejava, fortemente, que seu filho ficasse totalmente recuperado para que pudessem retornar a Venezuela e viver suas vidas novamente. Queria retornar, independente da crise, só queria estar em seu lar novamente, perto dos seus.

Achava tudo muito difícil, no deslocamento para a Fcecon, por exemplo, era necessário que alguém solicitasse o uber, pois na condição em que seu filho estava não podia se locomover de transporte público por conta do esforço físico que precisaria fazer, e tinham dias em que não havia recurso para o pagamento do uber. O idioma era outra barreira, e por isso queriam que eu os acompanhasse sempre, principalmente nas consultas, porque a equipe médica falava muito rápido e muitas vezes não compreendiam e esperavam que eu traduzisse.

Juan Carlos compartilhou, também, algumas de suas angústias comigo. O jovem queria voltar logo para casa, e durante as consultas não se importava que eu entrasse com eles, não se sentia constrangido por ter que, às vezes, se despir na minha frente. Ele dizia que já havia passado por tanta coisa desde que chegou ao Brasil, que só gostaria que o tratamento chegasse ao fim para que pudesse voltar para a Venezuela.

Apesar de todas essas dificuldades a família se diz muito grata pelo acolhimento no Brasil, pois aqui pode se cuidar, o que não seria possível em seu país de origem. É grata pelos serviços públicos e pelas instituições civis que a ajudaram nesse processo e, também, pelas

amizades que construiu em Manaus. É importante dizer, também, que nem tudo foi tristeza, junto com a Família Dias pude dar muitas risadas, participei de algumas de suas conquistas, vi de perto sua força, resistência e coragem.

#### **4.2.2 Família Sánchez**

A família é composta por três membros aqui em Manaus: duas irmãs e uma criança de um ano. Somente as duas irmãs são participantes dessa pesquisa, e para resguardar o sigilo, decidi identificá-las como Alejandra e María Ángeles. Alejandra tem 21 anos de idade, é solteira, mãe de dois filhos, concluiu o ensino secundário<sup>21</sup> na Venezuela e trabalhou como comerciante, ajudante de cozinha e em hotelaria. Já María Ángeles tem 18 anos de idade, é solteira, não possui filhos, também, concluiu o ensino secundário e tem experiência de trabalho nas mesmas áreas que a irmã. Ambas são da cidade de La Guaira, localizada no Estado de Vargas, mas moravam em Caracas, capital da Venezuela, com o restante da família.

Em Caracas, María, Alejandra e seus filhos moravam com a mãe, o padrasto e mais um irmão de 22 anos. Quando afetados pela crise socioeconômica e humanitária, o primeiro membro a vir para o Brasil, na tentativa de conseguir um trabalho para ajudar a família, foi o irmão delas, que permanece morando em Boa Vista. Cerca de um ano depois, as duas irmãs decidiram, também, migrar para o Brasil.

Alejandra tem dois filhos, um menino de 5 anos de idade e uma menina de 1 ano. Quando veio para o Brasil decidiu trazer apenas a criança mais nova, pois não sabia como seria a vida aqui. O filho com mais idade ficou com a sua mãe em Caracas, na esperança de buscá-lo quando conseguisse se estabilizar no país.

Dentre os motivos para deixarem a Venezuela estão à falta de atenção médica, proteção social e dificuldade para acessar os serviços públicos. Porém, segundo elas, a maior causa é a falta de alimentação. Alejandra contou que não havia comida suficiente para dar aos seus filhos, pois os produtos estavam escassos, além disso, María Ángeles disse que a comida estava com os valores muito elevados e que somente quem tinha muito dinheiro podia se alimentar bem.

Por conta dessas questões, as irmãs entraram no Brasil em novembro de 2018, passando três dias em Pacaraima e uma semana em Boa Vista, vindo logo em seguida para Manaus. Ao chegarem aqui permaneceram em situação de rua por alguns dias, e por conta da

---

<sup>21</sup> O ensino secundário equivale a algo próximo do ensino médio no Brasil

situação de risco pessoal e social que se encontravam, mais agravado ainda por estarem com um bebê, ao procurarem a Pastoral do Migrante foram encaminhadas para a Casa Do Migrante João Batista Scalabrini por ser o único abrigo com vaga, dando entrada no dia 6 de dezembro.

Quando cheguei ao abrigo, no dia 18 de dezembro, a família Sánchez já estava lá por quase duas semanas, e foi essa família que recebeu e acolheu a família Diaz, que deu entrada no dia 14 desse mesmo mês, por isso Yoselin e Juan Carlos consideram Alejandra e María como parte do seu grupo de apoio e vice-versa. Nesse sentido, o fato de eu me aproximar da família Diaz, fez com que automaticamente, eu me aproximasse, também, da família Sánchez. Por conta dessa aproximação, acompanhar a família Sánchez se tornou parte do cotidiano, também.

Ao chegarem na casa, as irmãs desejavam buscar trabalho, mas como ainda não haviam regularizado sua situação no Brasil, não havia a possibilidade de ajudarem na elaboração de currículos para que fossem deixando nas redondezas do abrigo. A Cáritas Arquidiocesana foi quem explicou para a família como deveriam regularizar sua situação no país.

A partir da nossa aproximação, a família foi explicando o passo a passo para retirada de documentos e pediu para que eu as acompanhasse nesse processo, visto que não conheciam a cidade, portanto, não sabiam como chegar nas instituições necessárias, e além disso, como estavam há pouco tempo no Brasil, tinham dificuldade em falar o idioma local, o que causava receio de não conseguirem se comunicar.

No dia 8 de janeiro de 2019, a família Sánchez conseguiu regularizar sua situação no país com a solicitação de refúgio a partir da ida ao Departamento de Polícia Federal. Os servidores públicos do local deram explicações de como retirar os próximos documentos, como CPF e Carteira de Trabalho, com muita dificuldade e depois de um tempo elas conseguiram tirar esses documentos.

Após isso, foi possível elaborar currículos para que elas pudessem entregar no mercado de trabalho. María Ángeles passou a trabalhar com um grupo de residentes em uma pequena empresa, que os contratou para montar pastas. O horário de trabalho era das 8h às 17h, recebiam uma quantia em dinheiro para alimentação e passagens para o transporte público. No primeiro dia de trabalho foram formados grupos de três pessoas, e cada pasta montada equivalia ao valor de dez centavos, que era somado e dividido pelo grupo, isto é, recebiam por produção.

María contou que era muito trabalho para pouco dinheiro, chegava no abrigo com dor nas costas, com os pés inchados e calos e feridas nas mãos – pois o material da pasta era bastante duro. Os residentes que optaram por não aceitar o trabalho, e aqueles que não puderam aceitar porque precisavam cuidar dos filhos pequenos, como no caso de María, diziam que os que haviam aceitado estavam sendo explorados, pois para ganhar cerca de trinta reais por dia, o grupo precisaria montar mil pastas, o que nem sempre era possível.

María Ángeles permaneceu nessa empresa por cerca de duas semanas, pois desejava sair em busca de um trabalho melhor. Alejandra buscou ajuda em algumas instituições para verificar a possibilidade de matricular sua filha em uma creche pública para que fosse possível ir em busca de trabalho, também.

Apesar de não terem conseguido trabalho nesse período, as irmãs desejavam trazer sua mãe e a criança de 5 anos que havia ficado com ela, pois a crise estava mais intensa do que quando haviam deixado o país. María Ángeles foi orientada a ir à Cáritas Arquidiocesana para se informar com a advogada do local, pois para que sua mãe trouxesse seu sobrinho, era necessário emitir um documento assinado pela mãe da criança autorizando a saída do país com a avó.

As irmãs eram bastante unidas e se ajudavam. Enquanto uma delas desenvolvia alguma tarefa no abrigo, a outra cuidava da criança, e iam se revezando. Por conta de alguns conflitos pessoais e, também, com o abrigo, elas passaram a se distanciar. María Angelis passou a chegar no abrigo após o horário permitido para a entrada e por vezes saltava o muro para entrar, isso gerava conflito entre as irmãs, porque Alejandra tinha receio de que a irmã ao ser expulsa do abrigo, expulsassem ela e sua filha, também, por serem da mesma família.

Esse acontecimento fez com que Alejandra se aproximasse ainda mais da família Diaz. O distanciamento entre as irmãs fez com que a família Diaz se afastasse totalmente de María Ángeles, a qual passou a ter outro grupo de apoio, que era formado por algumas residentes e ex-residentes e alguns brasileiros que moravam nas redondezas da casa.

María Ángeles acabou sendo expulsa por não seguir as regras impostas pelo abrigo, sendo, também, proibida de entrar no local a qualquer momento. Enquanto não encontrava um lugar para morar, passou a viver na casa de um amigo venezuelano. A mesma passou a procurar por algum trabalho, ainda que fosse informal, pois queria conseguir um valor em dinheiro suficiente para viajar para Bolívia com uma amiga, já que se falava que no país havia maior possibilidade de emprego.

Já Alejandra continuou vivendo com a filha no abrigo até a semana do dia 25 de março, quando todos os residentes deixaram o local. A mesma alugou um pequeno apartamento no mesmo lugar que a família Diaz, para que continuassem apoiando uns aos outros. Eles compartilhavam o mesmo fogão, dividiam a mesma alimentação e se ajudavam constantemente.

Após o rompimento, as duas irmãs contaram o quanto era difícil estar em um país sem ter um familiar para apoiar. María Ángeles sentia saudades da sobrinha, pois viveu com ela desde o seu nascimento. Alejandra não conseguia trabalhar, porque não tinha com quem deixar a filha.

Apesar de todas as dificuldades que a família Sánchez passou, enquanto estavam juntas e mesmo depois do distanciamento, sempre as vi com um sorriso no rosto, nunca as vi desanimadas. São pessoas com uma resiliência admirável, que não veem a desistência como uma opção. Nenhuma das duas deseja voltar para a Venezuela, enquanto o país não se reerguer novamente, acreditam que até esse dia chegar vão continuar existindo e vivendo no Brasil.

#### **4.2.3 Luma**

Apesar de Luma ter vindo com sua família para Manaus, composta pelo esposo e dois filhos, somente ela se tornou participante da pesquisa, uma vez que raramente era possível ver seu esposo pelo abrigo, pois saía para trabalhar às sete horas e voltava somente à noite. Durante todo o tempo que permaneceram na casa, ele permaneceu no mesmo trabalho, em uma oficina de carros, foi um dos poucos residentes, se não o único, a conseguir um emprego duradouro.

Luma tem 30 anos de idade, é mãe de um menino de 2 anos e outro de 8, é formada em Higiene e Segurança Industrial e é da cidade de Puerto La Cruz, localizada no Estado de Anzoátegui, onde morou com a família. Com a crise em seu país, seu companheiro decidiu vir para o Brasil sozinho, em busca de um trabalho para que pudesse enviar dinheiro à família.

Ao entrar no Brasil, optou por viver em Boa Vista, onde permaneceu por cerca de um ano. Nesse período trabalhou por seis meses em um restaurante, e não foi remunerado, como havia sido combinado com o dono do empreendimento. Por conta disso, procurou a justiça do trabalho para buscar seus direitos, e obteve sucesso.

Durante sua permanência na cidade, enviava, a cada mês, para Luma e seus filhos aproximadamente cento e cinquenta reais, que equivalia a um salário mínimo na Venezuela, para que pudessem comprar alimentação. No entanto, esse valor não era suficiente, pois como havia escassez de produtos alimentícios o preço estava bastante elevado, o que estava preocupando a família.

Luma contou que a situação estava muito difícil na Venezuela, que não havia mais nada lá. O salário era extremamente baixo e tudo era muito caro, por isso era possível ver pessoas procurando por comida nos baldes de lixos e crianças morrendo de fome. Por conta dessas questões, decidiu que era preciso vir para o Brasil e pediu para que seu esposo os buscassem.

Quando seu companheiro concordou com Luma vir para o Brasil, pediu a sua mãe para que viesse, também, com a esposa, mas a mesma disse que preferia morrer no seu país a ter que sair dele, pois foi lá que ela viveu durante toda a sua vida. Como sua sogra não quis vir, Luma veio com os filhos e passou pouco tempo em Boa Vista, onde regularizou sua situação migratória no país com o protocolo de refúgio, além de retirar CPF e Carteira de Trabalho.

Após isso, decidiram vir para Manaus, pois em Roraima havia muitos venezuelanos, e isso dificultava a permanência da família, já que havia poucas oportunidades de trabalho e onde morar. Chegando na cidade procuraram a Pastoral do Migrante e foram encaminhados para o abrigo, dando entrada no dia vinte e quatro de dezembro de 2018.

Diferente dos outros participantes, quando Luma chegou ao abrigo com sua família eu já estava lá, pude recebê-los e isso ajudou na aproximação. O fato de Luma ter dois filhos pequenos fez com que sua família se aproximasse da família Sánchez por ter uma criança, também. Desse modo, como as crianças brincavam juntas, os pais foram se tornando mais próximos, e foi a partir disso que Luma se tornou participante dessa pesquisa.

Com a situação migratória regularizada e com os documentos em mãos, o esposo passou a procurar trabalho e logo encontrou, em uma oficina de carros – como dito acima. Luma, também, passou a procurar trabalho, deixando currículos em mercados nas redondezas do abrigo e em empresas maiores. Enquanto saía, deixava seus filhos sob os cuidados de Alejandra, ou de outros residentes que faziam parte do seu grupo de apoio.

No entanto, para que pudesse trabalhar, era necessário que conseguisse uma creche para matricular o filho de 2 anos e uma escola para o filho de oito, pois como todos os

residentes procuravam por trabalho, não poderiam ficar com as crianças todos os dias, enquanto ela trabalhava.

Com a abertura do início das matrículas escolares em janeiro de 2019, fomos a duas escolas públicas, próximas ao abrigo, para matricular a criança de oito anos. Na primeira escola, não conseguimos, pois não havia vaga para a série que ele deveria estudar, mesmo assim, a coordenação explicou que seria necessário que o filho fizesse um exame de classificação que indicaria para qual série ele deveria ser encaminhado, devido às diferenças dos ciclos escolares da Venezuela e do Brasil, e a partir disso, nos orientou a ir a uma escola que, também, estava localizada no mesmo bairro que o abrigo.

No mesmo dia, nos deslocamos para essa segunda escola, na qual houve um grande desentendimento e muita dificuldade para que a matrícula fosse realizada. Luma levou toda a documentação necessária para a matrícula e explicou que o filho havia concluído o segundo grau na Venezuela e que apesar de ter iniciado o terceiro ano, não pôde concluir, porque a família precisou migrar para o Brasil.

As secretárias recolheram as documentações e explicaram que apesar de ter vaga, não poderiam matricular a criança, porque era necessária uma declaração da escola indicando que o filho havia concluído o segundo grau para que pudessem matriculá-lo no terceiro ano. Luma possuía apenas a declaração de conclusão do primeiro ano e um boletim com carimbo da escola e assinatura, indicando que ele havia sido promovido para o terceiro ano. No entanto, as secretárias explicaram que não era um documento válido, pois não era oficial.

Luma ficou preocupada, porque dificilmente conseguiria esse documento, devido à situação do seu país. Por conta dessas questões, nos encaminharam para a Secretaria Municipal de Educação – Semed. Como é distante do abrigo, fui ao local sozinha em busca de orientação, para que Luma não precisasse se deslocar com os filhos.

No local, após contar sobre o acontecido na escola, explicaram que há uma norma das secretarias de educação, informando que todos os estrangeiros, com ou sem documentação completa, devem passar por um exame de classificação para que sejam matriculados no ano para qual estejam capacitados e que essa norma já estava nos sites desde novembro de 2018, e que, portanto, todas as escolas já deveriam saber dessa informação e já ter exames elaborados para que quando o solicitante da matrícula procurasse o serviço já passasse pelo exame e fosse matriculado logo em seguida no ano correspondente.

A Semed contatou a escola e orientou sobre a norma, além disso, explicou que as secretárias deveriam fazer o cadastro da criança para reservar sua vaga, e que aplicasse o

exame quando estivessem elaborados para que fosse matriculado na série correspondente a sua capacitação, e que como as provas eram em português, um dos pais poderia acompanhá-lo no momento do exame, para ajudá-lo na leitura. Após isso, retornamos a escola para fazer o cadastro e em fevereiro a criança começou a estudar.

Contudo, Luma ainda não podia sair para trabalhar, visto que ainda não tinha onde deixar o filho menor, pois não havia conseguido uma creche para matriculá-lo. Mas isso não a fez parar, continuou deixando currículos em empresas. Em uma delas acabou sendo chamada para uma entrevista, mas não conseguiu se comunicar a tempo com a mesma, para confirmar sua presença no dia solicitado.

A vida de Luma passou a ser esta: enquanto seu esposo saía para trabalhar, ela deixava seu filho maior na escola, depois voltava para o abrigo para ficar com o filho menor e por muitas tardes saía para deixar currículos onde podia. A família deixou o abrigo junto com os outros residentes, na semana do dia 25 de março, e foram morar em alguma casa alugada. Após sua saída acabamos perdendo o contato, sendo, assim, a única dos participantes a não ser acompanhada após seu desligamento com o abrigo.

Luma e sua família deseja que seu país volte a ser o que era antes, cheio de vida, equilibrado socialmente e economicamente, pois só voltarão para lá, quando este dia chegar. Contam que o país entrou em decadência com o atual governo, devido à corrupção e o poder que exercem sobre tudo, e que se permanecer, todas as pessoas pobres e as que não o aceitam irão morrer de fome ou assassinadas por ele.

Para Luma voltar, agora, significaria trabalhar somente para comer, e ainda assim sentir fome, visto que o salário é extremamente baixo e não basta para comprar alimentação suficiente até que recebam o próximo salário. Já no Brasil, pode-se trabalhar para comer e para ter outras coisas.

Apesar de todas essas dificuldades, Luma sempre esteve esperançosa. Acredita que em Manaus, vai conquistar as coisas que almeja, pois tem batalhado com sua família para isso. Ela se diz muito grata ao seu esposo que tanto tem se dedicado para oferecer o melhor a ela e aos seus filhos. Luma foi a participante que mais me ensinou sobre ter esperança, mesmo quando tudo aponta para o pior, pois é preciso acreditar que até das dificuldades há de se extrair algo positivo.

## CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS RESULTADOS

Finalmente, chegamos a um momento tão esperado, à análise das informações. É importante enfatizar que a Família Diaz, Família Sánchez e Luma são as grandes protagonistas dessa pesquisa e antes de entrarmos na análise das suas práticas discursivas, gostaria de lembrar e levantar alguns pontos fundamentais.

Como já falado, saúde mental, nesse estudo, está para além das doenças mentais. De acordo com o Relatório Mundial da Saúde, em uma visão transcultural “é quase impossível definir saúde mental de uma forma completa. De modo geral, porém, concorda-se quanto ao fato de que a saúde mental é algo mais do que a ausência de perturbações mentais”. (OMS, 2002, p. 31).

Logo, falar de saúde mental é falar da vida diária das pessoas, pois ela envolve todas as áreas da vida. A tomada de decisões, o trabalho, o acesso a serviços públicos, participação política, educação, moradia, lazer, todas essas questões envolvem saúde mental. Podemos afirmar, portanto, que ela está presente em tudo que fazemos.

Além disso, conforme, Galina *et al.* (2017) quando se fala sobre saúde mental envolvendo imigrantes, fala-se das suas necessidade particulares, das diferenças culturais, das desigualdades socioeconômicas e de poder, das políticas públicas dos países de acolhimento e, principalmente, da possibilidade desses atores sociais como protagonistas de sua própria história, e são essas questões que buscamos dialogar aqui.

Nesse sentido, saúde mental, aqui, é tida como uma categoria transversal, ou seja, em todos os tópicos de análise seguintes, saúde mental estará sendo discutida. No nosso entendimento, isolá-la em uma única categoria seria extremamente contraditório, visto que partimos de uma visão ampliada de saúde mental.

No decorrer da análise, poderemos perceber juntos que saúde mental estará presente em todas as práticas discursivas dos participantes, evidenciando que toda ação humana envolve aspectos de saúde mental.

### 5.1 “Eu precisei deixar meu país”

*A terra do sonho é distante e seu nome é Brasil  
Plantarei a minha vida, debaixo de céu anil.  
Minha Itália, Alemanha, minha Espanha, Portugal  
Talvez nunca mais eu veja minha terra natal  
Aqui sou povo sofrido, lá eu serei fazendeiro  
Terei gado, terei sol, o mar de lá é tão lindo*

*Natureza generosa que faz nascer sem espinho o milagre da rosa.  
O frio não é muito frio, nem o calor é muito quente  
E falam que quem lá vive, é maravilha de gente.*

(Sonho Imigrante – Milton Nascimento)

O músico, Milton Nascimento, expressa, em sua canção, o desejo de um imigrante ao deixar sua terra natal: “aqui sou povo sofrido, lá serei fazendeiro”. Pode-se dizer que o imigrante é marcado e caracterizado pela busca de uma vida melhor. Ele não quer ver sua vida passar sem sentido, quer fazer a vida valer a pena, e por isso é movido pela esperança. O compositor fala também do sentimento de saudade e do anseio de retornar para a sua terra natal. Em resumo, essa canção nos diz que o imigrante não vê outra possibilidade de mudança, a não ser migrar para outro lugar para que possa ter o que precisa, mas sempre com o desejo de um dia voltar a ver sua pátria amada.

O imigrante venezuelano não foge dessa lógica. “*Eu precisei deixar meu país*”, é uma frase dita por todos os participantes, eles recorrem ao Brasil como uma forma de recomeço. Basta que olhemos ao nosso redor, nas avenidas, nos sinais de trânsito, nos ônibus, no centro comercial, na rodoviária, e veremos o quanto essa realidade migratória tem feito parte do cotidiano de Manaus de forma escancarada. Não precisamos ir muito longe, nem de esforço para visualizarmos tal cenário.

Esses imigrantes estão, diariamente, em vias públicas com cartazes oferecendo-se para trabalhos e/ou solicitando ajuda, estão no centro comercial deixando currículos, nas avenidas limpando para-brisas de carros em troca de qualquer valor, nos ônibus vendendo bombons e/ou água. E quando têm tempo, falam dos motivos que ocasionaram sua vinda, falam das dificuldades, da situação social, política e econômica do seu país.

A família Diaz, Sánchez e Luma não discutiram a fundo sobre a complexidade das variadas causas que originaram a crise que assola a Venezuela. Mas suas falas e corpos evidenciam a força e os efeitos dessa crise:

*No hay mais nada, nada, nada na Venezuela (Yoseline; Juan Carlos)*

*Lá está muy difícil, no chega alimento, está tudo muy caro e as pessoas morrem de fome (Luma).*

*Lá está tudo muy caro, muy, muy, muy caro, para comer bem tem que ter muy dinheiro (María Ángeles).*

*Yo no puedo voltar agora (Alejandra).*

Não é objetivo desse trabalho discutir sobre os diversos acontecimentos que resultaram a crise na Venezuela. No entanto, penso ser importante falar brevemente sobre algumas delas, e que foram citadas pelos participantes, para que possamos compreender os efeitos dessa crise e, assim, a vinda deles para o Brasil.

Segundo Acosta (2018), pesquisadora venezuelana, o país atravessa uma crise profunda, tanto na área econômica, quanto nas áreas social e política. Na área econômica, a Venezuela se depara com a perda do Produto Interno Bruto – PIB<sup>22</sup> de -38% acumulada nos últimos três anos. Além disso, o país possui, hoje, a maior inflação do mundo, com uma taxa de 85% mensal desde novembro de 2017. Já na área social, existem taxas altíssimas de conflitos e homicídios, que tem gerado bastante insegurança na população. E na área política a crise tem sido caracterizada por confrontos, polarização, desconfiança da população venezuelana nos atores políticos e consequente dúvida nos resultados das eleições.

A autora menciona ainda que essa crise política, econômica e social não é nova, mas que marca toda a trajetória do país. No entanto, ela se concentra no século XXI com a entrada de Hugo Chávez introduzindo, assim, muitas mudanças que colaboraram para a crise atual e que Nicolás Maduro dá continuidade, a partir de 2013 quando assume o poder. Para ela, Chávez e Maduro romperam com o sistema político democrático.

Delgado *et al.* (2017) concorda com Acosta (2018) quando menciona que os problemas atuais do país não estão ligadas apenas a chegada do Presidente Chávez. Mas que tal crise ganhou visibilidade devido às posições não negociáveis que se elevou numa sociedade altamente polarizada, ocasionando violência nas ruas.

Padilha (2018) também corrobora com esse pensamento ao afirmar que a crise política e socioeconômica resulta de múltiplos acontecimentos, mas que foi impulsionada pela morte de Chávez e a vitória de Maduro sobre seu opositor em 2013 com uma pequena vantagem, bem como a queda abrupta do preço do petróleo em 2014. Além disso, a autora menciona outro episódio que exemplifica exatamente o que Acosta (2018) e Delgado *et al.* (2017) mencionam sobre confrontos e polarização que caracterizam a crise no país: a vitória do grupo opositor ao governo chavista nas eleições de 2015 para o parlamento.

Esse acontecimento pode ser visto de tal forma, porque assim que o grupo opositor ao governo chavista conquistou grande parte das vagas no Parlamento, por meio da votação geral, o Tribunal Supremo de Justiça – TSJ, acusado de ser controlado pelo governo chavista,

---

<sup>22</sup> O PIB é a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade, geralmente em um ano. Todos os países calculam o seu PIB nas suas respectivas moedas. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>>.

declarou a Assembleia Nacional - AN em desacato por ter empossado três deputados opositores que haviam sido impugnados, e por considerar a eleição fraudulenta. A partir disso, em 2016, a AN teve suas decisões anuladas por este Tribunal, o qual passou a assumir suas funções, retirando, assim, a imunidade dos deputados em 2017. A oposição encarou esse ato como um golpe de estado, pois o objetivo era fazer com que a maioria eleita não pudesse legislar de forma contrária ao modelo econômico chavista (PADILHA, 2018). Por conta disso, houve muitas manifestações populares que resultou em confrontos violentos.

Depois de muitas críticas e lutas, a decisão do TSJ foi suspensa. Porém, em resposta, o governo chavista criou e convocou a Assembleia Nacional Constituinte - ANC que reproduz as prerrogativas da AN, ou seja, assume os poderes legislativos que competiam a AN, por meio do lançamento de um decreto presidencial. Assim, a Venezuela passou a ter dois parlamentos: A Assembleia Nacional de 1999, composta por deputados de maioria da oposição, e a Assembleia Nacional Constituinte de 2017, composta por membros que apoiam o governo de Maduro – governo chavista, e que conforme Acosta (2018) usurpa as funções da Assembleia original. Como resultado, o presidente da AN, Juan Guaidó, se autoproclamou presidente interino da Venezuela em janeiro de 2019, obtendo o reconhecimento de diversos países, dentre eles o Brasil<sup>23</sup>.

Roa (2018), menciona que a criação da ANC não foi uma decisão democrática, uma vez que não houve consulta popular, além disso, a AN realizou um plebiscito, no qual 7,6 milhões de venezuelanos manifestaram a sua discordância com tal processo, o que intensificou as manifestações com confrontos violentos, demonstrando, assim, que os órgãos estatais e paramilitares atuam cada vez mais de forma repressiva.

Diante disso, Acosta (2018) afirma que a democracia frágil do seu país é transformada em um regime híbrido, pois há a combinação de uma prática democrática com uma autocrática, ou seja, o sistema dá liberdade para que todas as pessoas independente do partido político, mesmo sendo da oposição, concorram a cargos políticos nas eleições, no entanto esse mesmo sistema confere ao poder executivo o domínio absoluto, tornando inoperante a real democracia. A autora menciona ainda que a ausência de negociação entre governo e oposição, bem como a retirada da autonomia de instituições, cargos altos dados somente para pessoas que apoiam o governo, e a aplicação da lei somente para a penalização

---

<sup>23</sup> Informações disponíveis em:

<<https://jornalgn.com.br/noticia/5-vezes-em-que-a-oposicao-tentou-derrubar-maduro-e-falhou/>>;

<<https://www.politize.com.br/crise-da-venezuela-e-dois-presidentes/>>;

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/assembleia-constituente-da-venezuela-assume-poderes-legislativos.ghtml>>.

dos adversários são características de um regime híbrido, visto que favorece apenas o partido do governo.

Nesse sentido, o sistema de eleição, tem sido usado como um instrumento para obter benefícios a uma elite emergente, que mesmo tendo chegado ao poder por meio de eleições populares, promovem e impõe modificações no sistema e nos processos eleitorais para facilitar a sua permanência no poder, seguindo duas linhas de ação: gerando polarização e reduzindo a autonomia da oposição política. Justamente por isso grande parte dos venezuelanos, nos dias atuais, desconfia das instituições públicas, do Conselho Nacional Eleitoral – CNE, da Suprema Corte de Justiça, do Poder do Cidadão e da estrutura militar, pois se acredita que eles são controlados pelo poder executivo, além de receber instruções que violam sistematicamente a Constituição da Venezuela (ACOSTA, 2018).

Em relação a essas questões, Santo Domingo (2017) afirma que, em teoria, as sanções dos EUA, juntamente com a de outros países latino-americanos e a própria pressão interna de uma população fortemente polarizada e em confronto, buscam forçar o presidente Maduro a respeitar a autonomia da AN e convocar novas eleições gerais. Entretanto, tais sanções em conjunto com a pressão interna pouco tem colaborado para restaurar a democracia, pelo contrário, tem gerado mais violência e repressão por parte do governo na medida em que este não as aceita. Assim, ao contrário do que se espera, os direitos da população têm sido violados com maior intensidade.

Como menciona Ratner (2011; 2013) a sociedade como um todo, nos últimos dez mil anos, esteve estruturada como uma pirâmide, na qual as classes superiores estiveram sempre no topo, dominando as classes subalternas, através da opressão e da exploração, e mantendo sua superioridade por meio do controle das instituições sociais.

Cabe dizer, que a construção desse cenário político se deu, justamente, para que fosse possível, compreendermos as ideias dos participantes dessa pesquisa, que compartilham dessas mesmas visões quando atribuem a crise ao governo. Nos momentos em que dialogávamos sobre a crise, o presidente Maduro era sempre mencionado, falavam com tristeza e ao mesmo tempo com raiva por ver sua nação sofrendo por conta de um governo autocrático.

*Maduro es un dictador. A eleição foi uma farsa. É tudo mentira. Yo tengo fé que vamos tirar ele de lá (Yoseline).*

*Maduro no faz bem para o país (Juan Carlos).*

*Maduro es un corrupto e o seu governo possui todo o poder, os órgãos que possuem o poder apoiam Maduro. A Venezuela só vai começar a se equilibrar quando ele deixar o poder. Yo só volto quando ele sair (Luma).*

*O governo es ruim, se ele permanecer por mais seis anos as pessoas no vão aguentar, vai morrer mucha gente (Luma).*

*Hay mucha gente morrendo porque o governo cerró la frontera com o Brasil, ninguém pode entrar e ninguém puede sair. Ele no vai deixar entrar la ajuda humanitária, vai ter mucha briga (Alejandra).*

Em nossos encontros e vivências pude presenciar a euforia dos participantes e dos residentes do abrigo, quando no dia 23 de janeiro, Juan Guaidó, presidente da AN, se autoproclamou como presidente interino da Venezuela. Antes da declaração de Juan Guaidó, eles diziam eufóricos: “*Ainda hoy na Venezuela vai acontecer um golpe de estado democrático*”. O dia 23 de janeiro era um dia especial para eles, também, porque neste dia em 1958 ocorreu a queda da ditadura do general Marcos Pérez.

Eles se alegravam e comemoravam ao receber vídeos pelo whatsApp, enviados pelos seus amigos e familiares que estavam na Venezuela, e que mostravam a multidão nas ruas manifestando pela queda do governo autocrático de Maduro. Alegravam-se porque acreditavam que com Juan Guaidó assumindo o poder, Maduro se retiraria do país e com isso haveria novas eleições. E assim, poderiam retornar para sua nação, pois ainda que levasse tempo, o país começaria a se reerguer novamente. No entanto, Maduro não deixou o governo e passou a convocar manifestações contra Juan Guaidó, alegando golpe de Estado<sup>24</sup>.

Nesse sentido, é importante dizer que a crise política tem impulsionado cada vez mais a crise econômica e social do país. Para Acosta (2018) um indicador do colapso econômico é a diminuição brusca dos salários reais. No fim de 2016, por exemplo, o salário mínimo foi o menor desde 1998, além de ter sido um dos menores da América Latina. Em Março de 2018, o salário mínimo integral foi fixado em 1.307.646 Bolívares. Para que o leitor possa ter uma ideia do que pode ser feito com essa renda, a autora menciona que “un cartón de 30 huevos cuesta en la actualidad Bs. 1200000, 950 mil el kilo de pollo entero, 1200000 el kilo de carne roja, un desodorante puede llegar a costar 500 mil y un kilo de jabón para lavar ropa ronda los 700 mil Bs” (ACOSTA, 2018, p. 117).

---

<sup>24</sup> Essas informações podem ser visualizadas nos seguintes sites:

<<https://istoe.com.br/chavismo-convoca-manifestacao-no-contratativa-de-golpe-na-venezuela/>>.

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/04/30/maduro-diz-que-tem-lealdade-de-militares-e-convoca-mobilizacao-popular-venceremos.ghtml>>.

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/maduro-diz-que-segue-com-apoio-dos-militares-e-convoca-manifestacoes.shtml>>.

<[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2019/04/30/interna\\_mundo,752322/governo-venezuelano-denuncia-golpe-de-estado-e-convoca-manifestacao.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2019/04/30/interna_mundo,752322/governo-venezuelano-denuncia-golpe-de-estado-e-convoca-manifestacao.shtml)>.

Luma, por várias vezes, mencionou em nossos diálogos que o salário era extremamente baixo e o preço das coisas, como comida, era muito elevado: *“o salário es muy bajo, se trabaja apenas para comer, e no es suficiente porque no dá para comprar comida suficiente até que se caia o próximo salário”*.

Por conta de todas essas questões e de tantas outras que não foram mencionadas, a Venezuela tem vivido conforme Acosta (2018) a crise mais aguda e longa em toda sua história, o que tem gerado a deterioração da qualidade de vida dos venezuelanos. A crise, portanto, não é só emergencial, é estrutural.

Diante de todo esse contexto apresentado e tomando por base a PMC de Carl Ratner, pode-se dizer que as estruturas da macropolítica, bem como da macroeconomia do país, representado pelas instituições sociais de política e economia são as grandes responsáveis pelo surgimento e evolução da crise política, econômica e social do país, pois como disse Esteban e Ratner “no final, os fatores macroculturais são projetados e mantidos por líderes sociais ou grupos com influência social, sejam eles partidos políticos, movimentos sociais ou certas elites econômicas” (2010, p. 129).

Nesse sentido, é a partir dessas influências políticas e econômicas que se estabelece no país, uma crise estrutural que tem gerado condições mínimas de sobrevivência, uma vez que há escassez de alimentos, remédios, produtos de higiene, racionamento de energia, muita violência, queda do salário, desemprego, hiperinflação, e até escassez de recursos humanos por conta dessas situações que tem motivado a migração de milhares de venezuelanos para diversos países. A Encuesta Nacional de Condiciones de Vida – ENCOVI referente ao ano de 2017 e publicada em fevereiro de 2018 comprova essas condições.

A ENCOVI é uma pesquisa que vem sendo desenvolvida desde 2014 por uma equipe multiprofissional de três grandes universidades do país: Universidade Católica Andrés Bello – UCAB, Universidade Central da Venezuela – UCV e Universidade Simón Bolívar – USB, tendo como objetivo produzir informações relevantes e atuais sobre as condições de vida da população venezuelana, além de identificar os principais problemas que violam seus direitos humanos, bem como responder pelas desigualdades socioeconômicas dessa população (UCAB, 2018).

Esse projeto surgiu porque o governo de Chávez e o de Maduro vinham/vem restringindo o acesso aos dados oficiais da população venezuelana, referentes à saúde, nutrição, educação, segurança, trabalho, economia etc., o que de certa forma, vinha maquiando a existência da crise que afeta a população (ACOSTA, 2018; ROA, 2018).

Nesse sentido, os dados da ENCOVI evidenciam que as condições de vida relacionadas à violência e insegurança permanecem bastante graves e vem gerando vítimas. A violência já alcançou 90% do país. Apenas 10% da população relatou que não houve nenhuma ação violenta, no entanto, essas pessoas são de cidades pequenas o que pode ser interpretado, também, como medo de responder honestamente, uma vez que o controle social e político podem se expressar mais forte sobre uma comunidade menor (UCAB, 2018).

Os dados mencionam ainda, que o medo é disseminado em todo o país, e por isso, as pessoas procuram não sair de casa para não se tornarem vítimas da violência. Além disso, 64% da população não fazem denúncias contra crimes que tenham sofrido, silenciando sua vitimização, por desconfiarem da polícia e do sistema de justiça criminal (UCAB, 2018).

Em nossos diálogos cotidianos, todos os participantes afirmaram que se sentiam inseguros na Venezuela e que a cada confronto no país sentiam medo pelos seus familiares e amigos que ainda viviam no país. Traçando um paralelo com a PMC que afirma que os fatores macroculturais – instituições sociais, artefatos e conceitos culturais – originam os fenômenos psicológicos, podemos dizer que o governo e as demais organizações sociais que o apoiam, como a polícia e o sistema de justiça criminal, originam e mantêm o medo na população por meio da opressão e repressão para manter sua superioridade sobre a população.

No que se refere ao trabalho, os dados dizem que a situação trabalhista continua decaindo, pois o trabalho formal deixa de ser a principal fonte de renda, perdendo assim importância. A depressão econômica, portanto, leva a população a buscar outros meios de trabalho para sobreviver (UCAB, 2018).

O esposo de Luma, por exemplo, trabalhava no restaurante de sua mãe, e como não havia mais abastecimento de alimentos, o restaurante deixou de funcionar, o que favoreceu a migração para o Brasil em busca de trabalho para que pudesse manter sua família, enviando dinheiro. A família Sánchez, não foge dessa lógica também. As duas irmãs trabalhavam na Venezuela como ajudante de cozinha e em hotelaria, e com a crise perderam seus empregos, já que as empresas estavam sendo fechadas.

Somado a isso, há a falta de abastecimento de alimentos e tomando por base o contexto do país, ou seja, o desenvolvimento de uma inflação altíssima, o controle estatal, e o colapso da infraestrutura de alimentos e de saúde, os dados informam que 80% das famílias venezuelanas possui insegurança alimentar, visto que a dieta tradicional perde cada vez mais qualidade, variedade e quantidade, tornando-se anêmica, uma vez que diminuiu drasticamente os micronutrientes, particularmente o ferro. O abastecimento de frutas, legumes, proteínas,

carboidratos, reduziu significativamente, e o que chega não é rico em nutrientes e vitaminas (UCAB, 2018).

A desigualdade na alimentação, também, é acentuada. Cerca de 8,2 milhões de venezuelanos comem apenas duas refeições ou menos que isso por dia, sendo como citado acima, de má qualidade. A cada 10 venezuelanos, 9 não possuem renda suficiente para comprar suas refeições diárias e 6 perderam cerca de 11 quilos no decorrer de 2017, por conta da fome, sendo os mais vulneráveis os mais atingidos (UCAB, 2018).

Esses dados são alarmantes. Lembro-me como se fosse hoje, quando as irmãs Sánchez e Luma, contaram-me com os olhos marejados que sentiam muita fome, pois como não havia trabalho, não tinham dinheiro suficiente para comprar comida. O esposo de Luma e o irmão das irmãs Sánchez, vivendo e trabalhando em Boa Vista, enviavam o pouco que conseguiam para o sustento da família na Venezuela. Elas diziam que somente quem tinha muito dinheiro podia se alimentar com qualidade:

*Yéssica, em meu país só come bien quem tem mucho dinero (María Ángeles).*

*No hay comida lá, no chega comida. Los niños morrem de fome. Meu esposo me mandava 150 reais e no dava para comprar nada, tudo era muy caro. As pessoas procuram comida nos baldes de lixo nas feiras (Luma).*

Elas mencionaram que estavam fugindo da fome e que quando entraram no Brasil, ainda sentiam muita fome, mas com a ajuda de muitas pessoas foram conseguindo se alimentar. Ao falarmos do Brasil, em nossas conversas cotidianas elas me diziam: “*aqui hay comida*”. Nesse sentido, tanto a família Diaz como Luma e sua família migraram para o Brasil pela necessidade de se alimentar, ou seja, a principal motivação para vir foi à falta de comida no seu país, sendo ela, portanto, o elemento propulsor do deslocamento para o Brasil.

Quando fui ao Departamento de Polícia Federal com a família Sánchez para solicitar refúgio e legalizar sua situação migratória no Brasil, Alejandra mencionou que o motivo para deixar o país foi principalmente a escassez de alimentos: “*La carência e la necesidad que vive mi país fez yo emigrar para dar comida a meus hijos*”.

A família Diaz, por outro lado, atribui sua saída pelo colapso do sistema de saúde do país. Nesse sentido, de acordo com Roa (2018) a crise econômica afetou de forma significativa o sistema de saúde, pois há declínio na infraestrutura, diminuição de profissionais – que decidiram deixar o país por conta dos efeitos da crise – falta de suprimentos, vacinas e medicamentos, entre outros, e que dificultam a cobertura adequada e o acesso aos serviços de saúde pública da população.

Para comprovar essas informações, trouxemos os dados da Encuesta Nacional de Hospitales – ENH referente a 2018 e 2019. A pesquisa publicada em 2018 tem como marco temporal a semana do dia 10 a 16 de novembro de 2018, e a divulgada em 2019 compreende o período do término da pesquisa de 2018 a 9 de fevereiro de 2019.

A ENH surgiu em 2014, sendo desenvolvida por uma organização denominada ‘Médicos pela saúde’ tendo como membros médicos e estudantes da área da saúde de toda a Venezuela e que buscam com essa pesquisa, na ausência dos dados oficiais, compartilhar informações sobre a crise no que se refere à saúde, por meio do monitoramento das condições dos centros hospitalares em todo o país.

Desse modo, a pesquisa de 2018 demonstrou que 67,57 % dos hospitais relataram ter falhas de energia, o que resultou na falha de equipamentos como monitores, incubadoras, ventiladores, desfibriladores, dentre outros (MÉDICOS PELA SAÚDE, 2018). Em relação a isso, a ENH de 2019, afirmou que somente nesse período de novembro de 2018 a fevereiro de 2019 houve 79 mortes associadas a falhas de energia elétrica, nos hospitais de emergência, centros cirúrgicos e de terapia intensiva (MÉDICOS PELA SAÚDE, 2019).

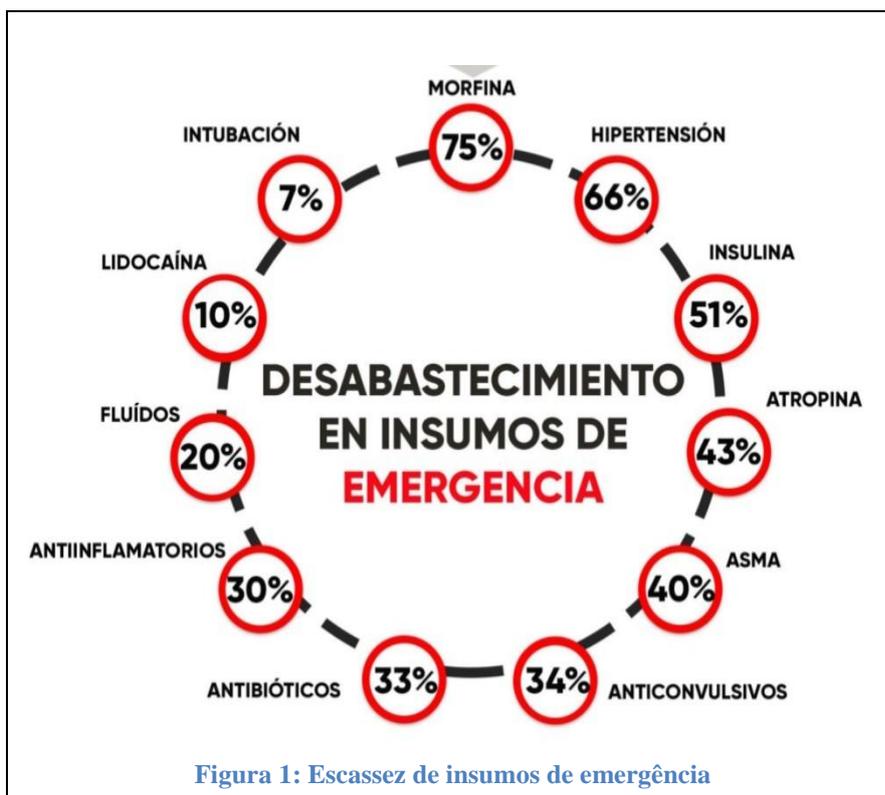
No que se refere aos serviços de água, 70% dos centros de saúde relataram falha no fornecimento, sendo que desse percentual, 8% dos centros relataram não ter acesso à água em qualquer dia da semana, o que colabora significativamente para que não se cumpra os padrões de higiene necessários, além de não ser possível realizar muitos dos procedimentos, visto que a água é um elemento fundamental para realização, como por exemplo, pacientes que necessitam de tratamento de diálise (MÉDICOS PELA SAÚDE, 2018).

Já em referência aos serviços que favorecem o diagnóstico, os dados da pesquisa informam que 33% dos leitos hospitalares do país não funcionam, 43% dos hospitais não tem capacidade para realizar qualquer tipo de exames laboratoriais, e 51,35% dos serviços de raio-X e 42,42% dos serviços de Ecocardiograma estão inoperantes em todo o país . Os dados mais preocupantes dizem respeito aos equipamentos de tomografia e ressonância magnética, uma vez que 95% desses equipamentos não funcionam, tendo apenas um hospital em todo o país para fornecer estes serviços (MÉDICOS PELA SAÚDE, 2018).

Em relação à frequência da nutrição, 40% dos hospitais disseram ter 3 refeições durante o dia, 48% abaixo de 3 por dia e 10% mencionaram não possuir comida em qualquer dia da semana. Paralelo a essa questão, 97% dos hospitais monitorados relataram que a alimentação que os pacientes recebem não cumpre com os requisitos nutricionais que eles

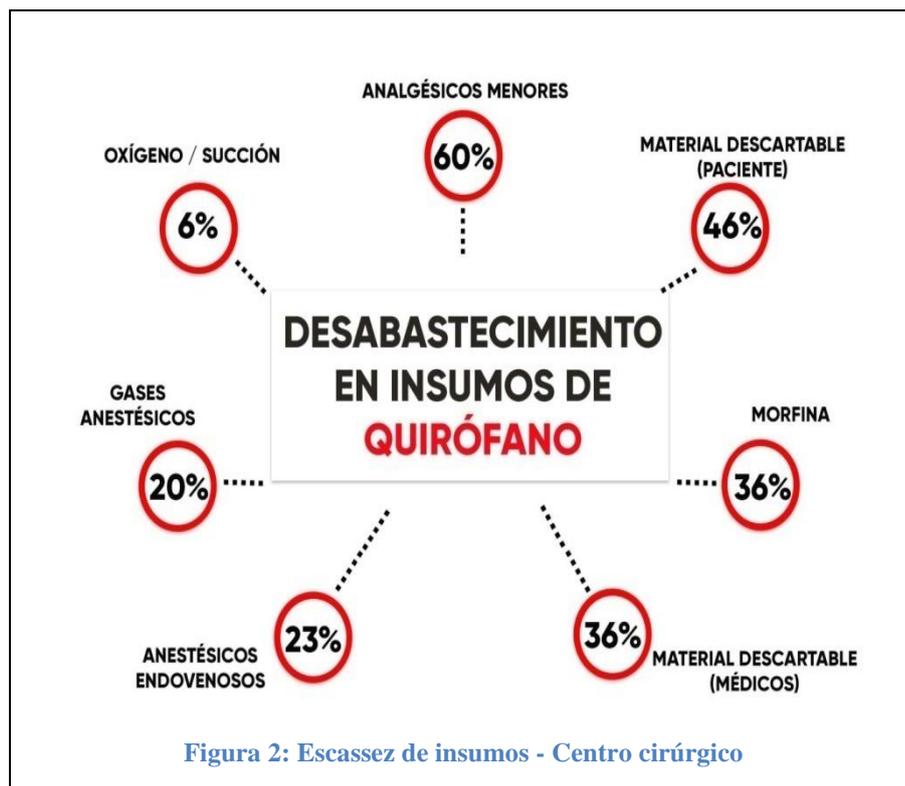
necessitam. Além disso, 63% dos hospitais que tratam bebês que necessitam de fórmulas para se alimentar relatam não possuí-las disponíveis. (MÉDICOS PELA SAÚDE, 2018).

É importante dizer, que o sistema de saúde da Venezuela ainda permanece em colapso, segundo a ENH de 2019 tal crise pode ser evidenciada pelo desabastecimento de insumos utilizados na emergência e no centro cirúrgico, e que podem ser visualizadas nas figuras 1 e 2 a seguir:



Fonte: Encuesta Nacional de Hospitales de 2019: Primer Boletín<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> Disponível em: < <https://www.encuestanacionaldehospitales.com/2019>>. Acesso em: 28 de maio de 2019.



Fonte: Encuesta Nacional de Hospitales de 2019: Primer Boletín<sup>26</sup>.

Em decorrência dessa escassez de insumos hospitalares, em apenas três meses, foram registrados a morte de 1557 pacientes, sendo 756 por trauma agudo e 801 por insuficiência cardíaca, tais mortes estão associadas à falta de insumos porque os pacientes não puderam ser tratados. Além disso, como já mencionado, 79 pacientes vieram a óbito devido às falhas no serviço de energia elétrica, e muitos outros tem sua saúde comprometida por conta do desabastecimento de água nos hospitais (MÉDICOS PELA SAÚDE, 2019).

Roa (2018) menciona que a escassez de medicamentos afetou tanto o setor público quanto o privado, chegando, inclusive, a impactar as redes de drogarias privadas. Assim, pode-se dizer que mesmo aqueles que possuíam poder aquisitivo foram afetados de alguma forma. Ainda conforme essa autora, a política de controle de preços e a escassez de moedas foram as responsáveis por reduzir drasticamente a importação de medicamentos, criando um distanciamento entre o governo e o mercado farmacêutico.

Roa (2018), menciona ainda que por conta desse colapso no sistema de saúde, que vinha se deteriorando desde o início da crise, em 2016 a AN declarou crise humanitária em saúde e a partir disso criou um Projeto de Lei Especial para atender essa crise, por meio da

<sup>26</sup> Disponível em: < <https://www.encuestanacionaldehospitales.com/2019> >. Acesso em: 28 de maio de 2019.

solicitação de ajuda humanitária internacional, o que facilitaria a importação de insumos hospitalares para o país. No entanto, essa medida foi barrada pelo presidente Nicolás Maduro.

Foi levando em consideração todo esse cenário que Yoseline e Juan Carlos decidiram deixar a Venezuela para buscar tratamento do câncer no Brasil. Como afirma a ENH de 2019 se um paciente não pode ser assistido porque não há nenhum centro de saúde a nível regional funcionando em seu Estado, o mesmo precisa atravessar as fronteiras do seu Estado para que possa ser assistido (MÉDICOS PELA SAÚDE, 2019, p. 8). No caso da família Diaz, foi necessário cruzar não somente fronteiras regionais, mas internacionais, para que fosse possível receber um tratamento digno.

Na exposição dos motivos para criação do Projeto de Lei Especial citado anteriormente, há a informação de que doenças como o câncer e doenças cardíacas são as principais causas de óbitos no país, apesar de que essas doenças sendo diagnosticadas com antecedência e com o tratamento adequado podem ser tratadas com sucesso<sup>27</sup>.

O elemento propulsor para o deslocamento da família Diaz, portanto, foi à falha significativa do sistema de saúde do seu país, que apesar de ter iniciado o tratamento de Juan Carlos, não foi capaz de dar continuidade. Assim, parte da família se viu obrigada a deixar sua terra natal para que um de seus membros pudesse se manter vivo. A fala de Yoseline demonstra esse quadro: *“no hay nada na Venezuela, no hay remedio, no hay equipamiento, no hay tratamiento. O tratamento es muy difícil. Meu filho tem câncer, Yéssica! Necesita de tratamiento, nós viemos buscar tratamiento”*.

Depois de descrever esse cenário, a respeito da escassez de alimentos e insumos hospitalares, penso ser importante dizer que o governo Maduro criou um instrumento chamado cartão da pátria, que é um documento com um código QR que acompanha os dados do titular. Conforme Hernández e Peñaloza (2018) o cartão foi criado em 2017 com a finalidade de controlar de forma mais eficaz os programas sociais patrocinados pelo Estado, para que não houvesse desvios de recursos que deveriam ser destinados à população mais vulnerável. Com o cartão, as pessoas podem acessar alimentos, remédios e materiais em geral, que são distribuídos por meio dos Comitês Locais de Abastecimento e Produção – CLAP e do Sistema Nacional de Missões – SNM – instituições que foram implementadas pelo governo.

No entanto, tal sistema passou a ser duramente criticado, uma vez que passou a ser visto como uma forma de o governo atrair votos dos setores da população mais pobre, além de funcionar como um elemento de coação para aqueles que não compareciam as urnas. Em

---

<sup>27</sup> Informação disponível em: <<https://transparencia.org.ve/project/proyecto-de-ley-especial-para-atender-la-crisis-humanitaria-en-salud/>>.

outras palavras, conforme Acosta (2018) o documento atua como um mecanismo de controle sociopolítico, pois acaba funcionando como uma moeda de troca: para ter acesso à comida e remédio, além de gasolina a preço que não o internacional as pessoas devem ter o cartão da pátria.

Em nossos diálogos, a participante María Ángeles disse que o cartão da pátria é como se fosse à carteira de identidade – Registro Geral – RG, mas que na verdade não é, uma vez que todos já possuíam a cédula de identificação da Venezuela, *“la cartão de la pátria é uma cosa que Maduro criou para pegar más dinero, usado en el trabajo, ou en cualquier canto, para que a gente esteja apoiando ele”*. O cartão pode ser considerado, pelo olhar da PMC, como um artefato, ou seja, um macrofator que atua como controle socioeconômico, e também na criação e manutenção do medo, pois se a pessoa não for cadastrada no sistema, isto é, se não possuir o cartão, não terá acesso a alimentos. Além disso, muitos participantes têm esse documento como um assombro, pois entendem que com ele é possível rastrear seus votos nas eleições nacionais, aumentando, assim, o sentimento persecutório.

Nesse sentido, diante de todo esse cenário exposto, tanto das práticas discursivas dos participantes como dos autores que colaboram para essa discussão, é possível identificar que a crise na Venezuela é estrutural e, portanto, envolve os fatores macroculturais do país, originando efeitos trágicos sobre a população, o que tem motivado milhares de venezuelanos a deixar o país por conta dessas questões: violência que causa insegurança, medo; escassez de alimentos que gera desnutrição e fome; carência de medicamentos, materiais e equipamentos hospitalares que impede a população de ser assistida; ausência de trabalho que impossibilita a existência de uma renda financeira; a hiperinflação que dificultam a compra de alimentos; e o próprio desabastecimento de água e falha nos serviços de energia, etc.

Para mudar esse quadro, A PMC coloca que por a economia política ser o fator macrocultural nuclear e dominante, que de forma direta ou indireta é expandida para os outros fatores, *“é necessário transformar o núcleo político-econômico da sociedade”* (RATNER, 2011, p. 55). A macropolítica e macroeconomia da Venezuela, portanto, precisa necessariamente passar por essa transformação, para que os indivíduos e as sociedades se desenvolvam de forma ideal.

Apesar de todo o cenário caótico que a Venezuela se encontra, Acosta (2018) afirma que o país não está em guerra, mas que seus indicadores sociais são semelhantes a países que estão. A ENCOVI de 2017 chega, inclusive, a se e a nos questionar se a migração em massa

associada á implementação de um modelo de desenvolvimento econômico pode ser considerada como uma migração forçada (UCAB, 2018).

Nos encontros e diálogos diários entre mim e os participantes dessa pesquisa durante quase 4 meses de convivência, ficou muito claro que todos se viram forçados a deixar seu país, pois em outras circunstâncias não teriam optado vir para o Brasil, deixando grande parte da sua família e tudo que tinham, vindo apenas com uma mochila de roupa e alguns documentos, sem imaginarem como seria a vida.

Acosta (2018) afirma, em sua pesquisa ao entrevistar um grupo de professores universitários venezuelanos, que os que deixaram o país se sentem expulsos por conta do contexto de crise, porque não podem andar nas ruas pelo medo de serem mortos, porque sentem que suas vidas foram tiradas, porque suas economias e a possibilidade de construir uma vida acadêmica e profissional, bem como a possibilidade de sonhar com uma situação melhor sumiram. Assim, a autora coloca que até as percepções e os comportamentos dos venezuelanos são afetadas pela crise, e ela se inclui nesse processo: “Esto ha moldeado nuestro comportamiento, nuestra agenda diaria, nuestro pensamiento e incluso nuestra capacidad de soñar dormidos y despiertos” (ACOSTA, 2018, p. 130).

Em outras palavras, podemos dizer conforme a PMC que os fatores macroculturais ao originar a crise, transformam o fenômeno psicológico da percepção, se antes os venezuelanos podiam sonhar com uma carreira profissional, ou com uma situação melhor, hoje sentem que já não podem mais.

Frente todas essas dificuldades enfrentadas no seu país e a chegada em um país totalmente diferente do seu, fica evidente que o sofrimento psíquico estava/está presente, operando pensamentos e ações, como afirma Acosta (2018, p. 130-131):

Experimentamos emociones desconocidas. Además del miedo, la rabia, la tristeza, la desesperanza anidada en muchos, se reportan ahora emociones como el aturdimiento, la anestesia, la perplejidad, la incomprensión de lo que nos sucede, la vulnerabilidad ante los hechos, el duelo intenso por los que se han ido, por las familias fracturadas por una ola de emigración nunca antes vista en la historia del país. Por el contrario Venezuela siempre fue receptora de diferentes ciudadanías.

Desse modo, conforme Martins-Borges (2013) é muito comum que partidas involuntárias, como no caso dos venezuelanos, desencadeie sofrimento psicológico, principalmente, por conta das condições a que foram submetidos no seu país e que provocaram a saída. Como mencionam Galina *et al.* “os problemas socioeconômicos vivenciados por essas pessoas influenciam de modo negativo na saúde mental” (2017, p. 303).

Apesar disso, é de extrema importância, dizer e enfatizar que os participantes dessa pesquisa não foram paralisados pelo sofrimento, muito pelo contrário eles foram movidos a superar as adversidades. O imigrante venezuelano dessa pesquisa, portanto, soube lidar com o sofrimento advindo das dificuldades, e isso por si só já é um indício de que ele possui saúde mental. Mesmo o sofrimento atuando, a saúde mental dos participantes está preservada, como disse Yoseline “*nosotros estamos funcionando, estamos lutando*”.

O ato de “*deixar o país*” pode ser analisado, portanto, como uma maneira de romper com parte do sofrimento, deixando o ciclo de opressão sofrido no seu país, como disse Milton Nascimento em sua canção sobre o imigrante, “aqui sou povo sofrido, lá eu serei fazendeiro. Terei gado, terei sol”. Além disso, como afirma Mezzadra (apud MARINUCCI, 2016), na maioria das vezes, o ato de deixar o país está relacionado à busca pela autonomia, pelo desejo de ser protagonista da sua história, rejeitando, portanto, o papel de sujeito passivo.

O imigrante, nesse sentido, quer viver uma vida plena, digna e ele vem em busca disso, e foi isso que os protagonistas dessa pesquisa fizeram, como afirmou Yoseline: “*os venezuelanos têm esperança de sair dessa situação, e ele vem cheio de esperança*”. Mesmo passando por dificuldades no Brasil, e mesmo desejando voltar a reencontrar sua família, casa, amigos que ficaram no seu país, eles continuam lutando e mostrando sua resiliência aqui no Brasil.

## 5.2 “Tenho muita fome”

*Bebida é água! Comida é pasto!  
Você tem sede de quê? Você tem fome de quê?  
A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte  
A gente não quer só comida, a gente quer saída para qualquer parte  
A gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão, balé  
A gente não quer só comida, a gente quer a vida como a vida quer  
Bebida é água! Comida é pasto!  
Você tem sede de quê? Você tem fome de quê?  
A gente não quer só comer, a gente quer comer e quer fazer amor  
A gente não quer só comer, a gente quer prazer pra aliviar a dor  
A gente não quer só dinheiro, a gente quer dinheiro e felicidade  
A gente não quer só dinheiro, a gente quer inteiro e não pela metade  
Diversão e arte para qualquer parte, diversão, balé, como a vida quer  
Desejo, necessidade, vontade. Necessidade, desejo, eh!  
Necessidade, vontade, eh! Necessidade.*

Comida – Música da Banda Titãs

A música “comida” foi lançada em 1987 no álbum da banda de rock brasileira Titãs, e que pode ser interpretada como uma crítica às injustiças sociais da época que privavam as

peças de possuírem outros recursos, e que serve tão bem para a atualidade. Vasconcelos, Vasconcelos e Vasconcelos (2015) mencionam que nessa canção a fome ganha um sentido apropriado ao contexto de luta em favor da redemocratização em que o país vivenciava. As pessoas não tinham fome apenas de comida e bebida, mas tinham fome de democracia, cultura, arte, diversão e felicidade. Os titãs, portanto, nos remetem para a reivindicação do direito de satisfazer outras necessidades que são tão importantes quanto às necessidades vitais de comer e beber.

Escolhi essa música para introduzir esse tópico de análise, porque ela retrata, fortemente, a situação dos venezuelanos, e que pude acessar por meio da aproximação, vivências e diálogos cotidianos com os participantes dessa pesquisa. Todos eles vieram em busca daquilo que foi negado no seu país de origem. Na Venezuela, eles não tinham fome e sede apenas de comida, bebida e saúde, muito pelo contrário, tinham fome de democracia, de justiça, de segurança, de educação, de trabalho, de diversão, de saída para qualquer parte, de felicidade e tantos outros direitos que lhes foram tirados e negados.

Alejandra e Luma, para continuarem na Venezuela, queriam muito mais que comida para si e para seus filhos, elas queriam roupas, calçados, uma escola para que os filhos pudessem estudar, queriam que seus filhos pudessem crescer como elas: brincar sem preocupação, poder caminhar tranquilamente nas ruas, etc. María Ángeles queria ter tido a oportunidade de fazer gastronomia para trabalhar como chefe de cozinha. Juan Carlos queria receber tratamento do câncer no seu país, queria enfrentar essa doença perto dos seus familiares e amigos, Yoseline desejava o mesmo, além de poder continuar exercendo suas profissões. Todos esses direitos foram negados e eles precisaram buscá-los em outro país.

Acosta (2018), também, menciona que os professores universitários da Venezuela entrevistados por ela deixaram o país porque queriam recuperar a tranquilidade, queriam experimentar novamente a sensação de ser livre, de poder caminhar durante a noite, de poder ir de bicicleta para o trabalho, e poder ver seus filhos vivenciando a mesma vida que tiveram quando criança.

Por isso, todos eles vêm busca de satisfazer essas necessidades também. Ao chegar ao Brasil, às irmãs Sánchez e Luma, e muitos outros residentes do abrigo, contaram que a primeira frase que precisaram aprender no idioma local foi: “*tenho muita fome*”, porque precisavam saciar primeiro a fome de comida, para depois buscar a satisfação de outras necessidades. “*Como fazer revolução com fome?*”, essa prática discursiva dita a mim por um residente do abrigo retrata bem essa questão: é preciso primeiro eliminar as necessidades

fisiológicas para depois lutar em busca das demais realizações. A teoria da hierarquia de necessidades de Maslow explica bem essa situação.

Nesse sentido, apesar de a comida ter sido o elemento propulsor para o deslocamento das irmãs Sánchez e Luma, bem como o colapso do sistema de saúde para a saída da família Diaz, elas não vêm apenas em busca desses elementos: comida e saúde. Elas querem também o direito de satisfazer as necessidades de se sentir seguro, de pertencimento, de poder trabalhar e receber um salário digno para que possa ter acesso a outras coisas além de comida e bebida, mas não querem só dinheiro, querem, também, diversão e felicidade.

Como coloca Guimarães, a respeito da música “comida” dos Titãs, todas as pessoas “estão em busca da completude, de algo que lhes confira o status da cidadania, de algo além da simples alimentação necessária a sobrevivência. São indivíduos que desejam algo mais para se tornarem plenos: ‘a gente quer inteiro e não pela metade’” (2009, p. 189). Os participantes dessa pesquisa, portanto, vem em busca dos direitos que não foram concedidos ou foram entregues pela metade pelo seu país de origem.

Diante dessa introdução, é importante dizer que o primeiro passo em busca dos seus direitos foi, justamente, a saída do país. O segundo passo, já no Brasil, foi buscar alimentação e abrigo. Após serem acolhidos, buscaram regularizar sua situação no país, pois entenderam que somente dessa forma poderiam acessar os mesmos direitos que a população local.

Para tanto, todos os participantes solicitaram refúgio, a família Diaz e Luma em Boa Vista, e as irmãs Sánchez em Manaus. De acordo com Vasconcelos (2018), os venezuelanos entendem que com o pedido de refúgio podem prolongar sua estadia no Brasil sem sofrer ameaças de deportações e perseguições policiais. Além disso, a autora coloca que uma vez iniciado o processo de solicitação, eles podem ter acesso, ainda que provisoriamente, a direitos sociais no Brasil, como carteira de trabalho, CPF, escola para as crianças, etc.

A família Diaz e Luma, diferente das irmãs Sánchez, ao chegarem a Manaus e serem acolhidas na Casa do Migrante João Batista Scalabrini já possuíam esses documentos, além de cartão do SUS. Dessa forma, Luma assim que chegou já buscava por trabalho, deixando currículos em centros comerciais. A família Diaz, por outro lado, por conta da situação de saúde de Juan Carlos, não tinha como buscar por trabalho, mas conseguiram acessar o sistema de saúde público com maior facilidade, enquanto que as irmãs Sánchez por não possuir nenhuma documentação tinham dificuldade de buscar emprego e acessar o sistema de saúde, ainda que seja dever de tal sistema permitir e facilitar o acesso de todos com ou sem documentação.

Após a solicitação de refúgio na Polícia Federal, María Ángeles e Alejandra conseguiram tirar CPF e carteira de trabalho, o que permitiu a elaboração de currículos para que fossem deixando nos centros comerciais da cidade. Apesar dos esforços, elas e Luma, com o passar do tempo, perceberam que não seria fácil conquistar alguns direitos, principalmente o direito de trabalhar formalmente.

Luma já se sentia feliz por ter matriculado o filho em uma escola pública: “*graças a Dios que conseguimos escuela para ele, Yéssica*”. Mesmo com todas as dificuldades, poder oferecer educação para o filho já era uma conquista. Para as irmãs Sánchez poder circular livremente pela cidade, poder distribuir currículos, e conseguir algumas diárias em troca de alguns serviços, era animador, e a ausência de neoplasia na biópsia de Juan Carlos após a cirurgia realizada na FCECON era a maior vitória da vida da família. Apesar disso, todos eles tinham certeza do que queriam, isso não era o bastante para levar uma vida digna, eles reivindicavam mais, queriam ser assistidos integralmente. Como menciona Sayad “tendo adquirido essa certeza, os imigrantes começaram a tomar o hábito de reivindicar, de forma extremada, poderíamos dizer, seu direito a uma existência plena e não mais apenas seus direitos parciais de trabalhadores imigrantes” (1998, p. 29).

Diante disso, é importante salientar que o ato de buscar pelos seus direitos é um ato saudável, isso demonstra que apesar da presença do sofrimento psíquico, essas pessoas estão se desenvolvendo, a saúde mental, portanto, também está presente. Como afirma o Relatório Mundial da Saúde (OMS, 2002) saúde mental abrange também a autonomia, autoeficácia percebida e competência.

### 5.3 “A primeira barreira é o idioma”

*Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto” em quem não reconheço outros eu?*  
*Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”?*  
*Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?*  
*Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?*  
*Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?*

Pedagogia do oprimido – Obra de Paulo Freire (1987)

Nesse tópico de análise discutiremos sobre a dificuldade dos participantes na construção de diálogos com os serviços públicos, em alguns casos não somente motivada

pelas barreiras impostas pela linguagem, mas também pela discriminação. O pensamento de Paulo Freire, no trecho acima, nos leva a compreender que para que realmente haja diálogo é necessário enxergar o outro como parte do processo de construção do eu e do conhecimento, é necessário uma horizontalidade nas relações e para tanto, é preciso que todos tenham voz, que tenham o direito de falar, ser ouvido e compreendido.

Nesse sentido, quando as pessoas não compreendem o imigrante por conta do seu idioma ou não buscam formas para compreendê-lo por conta da discriminação, torna-se impossível à existência de um diálogo, o que dificulta bastante à vida do imigrante, uma vez que ao chegar no país de acolhimento, a grande maioria não possui nenhuma rede de apoio, bem como, não conhece e não sabe como funcionam os serviços públicos e nem onde encontrá-los. Portanto, como buscar essas informações se eles não falam o idioma local, ou se esses serviços não estão preparados para atendê-los?

As irmãs Sánchez, por exemplo, tinham muita dificuldade na localização dos serviços, principalmente, aqueles relacionados à retirada de documentos. Para chegarem nesses locais era necessário o uso de transporte público e como não sabiam quais ônibus pegar precisavam se comunicar com os manauaras, mas tinham dificuldade com o idioma. Além disso, como cada documento – solicitação de refúgio, CPF, carteira de trabalho – é emitido por órgãos diferentes, Alejandra e María Ángeles precisavam se deslocar para cada um desses lugares, e para tanto, precisavam de informação para localizá-los. Como menciona Dias (2019) o idioma tem sido um dos principais entraves no contato entre os venezuelanos e os brasileiros, não somente no acesso aos serviços, mas em outras situações, como no simples fato de fornecer a informação sobre um endereço. Se a comunicação não for clara, a pessoa corre o risco de procurar por horas o endereço e não encontrá-lo.

Luma, por outro lado, sentiu muita dificuldade para matricular o filho na escola, apesar de falar um pouco do idioma local. Foi necessário várias idas ao colégio, levando vários documentos, e um esforço enorme para que ela fosse compreendida. Além disso, o exame de classificação pelo qual o filho passou, permitiu apenas a presença de um dos pais para ajudar no entendimento do idioma, visto que o exame é em português. Luma dizia: *“você no puedes ir, Yéssica? Como yo vou ajudar se yo no entendo muy bien o português?”*.

Existiam dificuldades, também, quanto ao atendimento nos serviços públicos de saúde. A família Diaz, por exemplo – que utilizava a rede de saúde com maior frequência, devido à situação de Juan Carlos – mencionou por diversas vezes a necessidade de que alguém do SJMR os acompanhassem nas consultas médicas, principalmente, no início, pois

não compreendia o idioma português, o que dificultava a compreensão do que era dito pelos médicos.

Quando passei a acompanhá-los nessas consultas rotineiras, Yoseline já conseguia se comunicar por meio doportunhol, uma mistura do idioma português com o espanhol. Ela mesma mencionou que aprendeu pela necessidade, porque precisava ser compreendida. A frase que intitula esse tópico de análise – *“a primeira barreira é o idioma”* – foi dita por ela quando nos conhecemos. Apesar da aprendizagem, ainda havia muita dificuldade na comunicação, era necessário que a pronúncia das palavras fosse feita de forma mais lenta para que ela pudesse compreender. Juan Carlos, por outro lado, tinha muito mais dificuldade que sua mãe, por isso, Yoseline, além de mãe e cuidadora, tornou-se sua tradutora.

Particularmente, lembro-me de um momento em que estava visitando Juan Carlos no hospital, após ter passado pela cirurgia, e que ficou muito clara a dificuldade de compreensão entre o profissional de fisioterapia e a família. O fisioterapeuta explicava que ele estava ali para ajudar Juan Carlos a fortalecer a região pélvica através de alguns exercícios, ele falava em uma linguagem técnica e um pouco mais rápida. Nesse momento, percebi que enquanto ele falava, a família olhava para mim, esperando que eu traduzisse para eles. Eu expliquei ao profissional que eles eram venezuelanos e pedi que ele falasse em uma linguagem cotidiana e mais devagar para que eles pudessem compreender e tirar dúvidas. Após a saída do profissional, precisei explicar para a família o que ele havia feito e o porquê. Yoseline dizia: *“ele fala muy rápido, no comprendi nada”*.

Em outra ocasião, durante a madrugada no abrigo, Juan Carlos estava sentido muita dor e como os coordenadores não estavam presentes, foi necessário solicitar a ajuda de uma ambulância. Mas como Yoseline estava muito nervosa, não conseguiu falar o idioma português, e por isso, precisou acordar outros residentes, para que um deles ligasse para o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU solicitando uma ambulância para o abrigo.

Os resultados da pesquisa que buscou mapear os principais obstáculos de acesso a direitos e serviços da população de imigrantes no Brasil, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica – IPEA em parceria com o Ministério da Justiça - MJ, demonstram o que os participantes mencionaram. A pesquisa menciona que na visão do imigrante, os principais obstáculos para o acesso a direitos e/ou serviços são, em primeiro lugar o idioma e em segundo a documentação. Além disso, a mesma aponta que 74% dos imigrantes participantes

da pesquisa se sentiram discriminados pelos serviços públicos, pelo simples fato de serem imigrantes (IPEA, 2015).

Em relação a este último dado da pesquisa, lembro-me da primeira vez que fui com Alejandra no Posto de Saúde para que sua filha fosse vacinada. Chegando ao local, fomos atendidas e encaminhadas para a sala de imunização. Alejandra falava muito pouco à língua local, mas conseguia se comunicar pelo portunhol, e ao tentar conversar com a enfermeira, a mesma não deu nenhuma atenção, não quis ouvi-la, vacinou a criança e disse que estava tudo bem. Na volta para o abrigo, Alejandra me contava que na Venezuela antes de aplicar a vacina, os enfermeiros limpavam a região da pele onde seria aplicada, e no posto a enfermeira não havia feito isso, contava que sentia que a mesma havia sido intolerante com ela.

Em outra ocasião, na qual não pude acompanhá-la por estar acompanhando a família Dias no hospital, Alejandra retornou a esse mesmo posto. Ela procurou esse serviço porque estava com dor na região abdominal, mas não conseguiu ser atendida. Ela me dizia: *“disseram que eu necessitava de um tradutor. Yo creo que solo fui atendida das outras vezes, porque você estava comigo, Yéssica”*.

Diante dessas limitações que os imigrantes se deparam quando buscam as instituições de saúde, Martins-Borges (2013) coloca que a ausência de uma postura acolhedora no contato com os imigrante, seja por discriminação ou por falta de capacitação dos profissionais de saúde, pode levar a um agravamento do quadro clínico, além de aumentar as dificuldades encontradas durante o processo de adaptação. Martins-Borges (2013, p. 154) se questiona e nos questiona:

Como explicar o sofrimento, seja ele físico ou psicológico, quando o paciente e o profissional não falam a mesma língua? Partindo do princípio de que a língua materna é portadora de representações e organizações simbólicas formadoras da identidade, como poder falar do que se sente, do mal-estar, em uma língua cujas representações culturais diferem daquelas do paciente?

Portanto, a comunicação não deve ser, de forma alguma, uma barreira entre o profissional de saúde e o paciente, muito pelo contrário, ela deve “abrir caminhos para a manifestação clara de suas intenções na relação de ajuda, por meio de ‘novos canais de expressão e observação’” (BERTACHINI, 2012, p. 510).

É importante dizer, também, que apesar desses momentos difíceis, houveram encontros com profissionais do serviço privado e público que foram acolhedores, nos quais os participantes dessa pesquisa conseguiram estabelecer diálogos. A família Diaz, por exemplo, em uma de suas consultas no serviço privado, foi atendida por um médico colombiano. Eles

se sentiram completamente acolhidos e compreendidos pelo fato de serem atendidos por um imigrante, Yoseline dizia eufórica: “*Yéssica, ele habla espanhol igual a nós. Ele é colombiano, é um imigrante igual a nós, então ele compreende a nós*”.

Sobre esse episódio, lembro-me do trecho de Freire que utilizei para introduzir esse tópico de análise: “como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros ‘isto’ em quem não reconheço outros eu?” (1987, p. 46). Isso me leva a reflexão de que houve diálogo no encontro entre a família Diaz e o médico colombiano, não somente porque falavam a mesma língua, mas porque eles se reconheceram um no outro, também. Houve diálogo, também, porque a comunicação foi horizontal, o médico não assumiu a postura de dono do saber, possibilitou a fala da família, os ouviu e os compreendeu.

No serviço público, encontramos também profissionais sensíveis à comunicação, que mesmo não sendo um imigrante e mesmo não falando o idioma dos participantes, se esforçaram ao máximo para compreendê-los e se fazer compreendido. Utilizavam oportunhol, lançavam mão de gestos, mímicas, utilizavam à escrita e facilitavam o acesso a consultas que não foram previamente agendadas, porque compreendiam as particularidades do imigrante.

De modo geral, podemos dizer, segundo a pesquisa realizada pelo IPEA (2015) que apesar de o idioma se constituir, em muitos casos, como uma barreira para os imigrantes, ele não é o único obstáculo, ao contrário, existe um conjunto de fatores que levam ao surgimento de obstáculos de acesso.

#### **5.4 “Não quero ser um peso para o Brasil”**

*Sem trabalho eu não sou nada, não tenho dignidade,  
Não sinto o meu valor, não tenho identidade  
Mas o que eu tenho é só um emprego e um salário miserável  
Eu tenho o meu ofício, que me cansa de verdade  
Tem gente que não tem nada e outros que tem mais do que precisam  
Tem gente que não quer saber de trabalhar  
Mas quando chega o fim do dia, eu só penso em descansar  
E voltar pra casa pros teus braços  
Quem sabe esquecer um pouco de todo o meu cansaço  
Nossa vida não é boa e nem podemos reclamar  
Sei que existe injustiça, eu sei o que acontece  
Tenho medo da polícia, eu sei o que acontece  
Se você não segue as ordens, se você não obedece  
E não suporta o sofrimento, está destinado à miséria*

*Mas isso eu não aceito, eu sei o que acontece  
E quando chega o fim do dia, eu só penso em descansar  
E voltar pra casa pros teus braços  
Quem sabe esquecer um pouco, do pouco que não temos  
Quem sabe esquecer um pouco, de tudo que não sabemos*

Música de trabalho – Canção da banda Legião Urbana

A banda legião urbana expressa, em sua canção, à importância do trabalho na vida do homem. Sem ele o homem não possui autoestima, o que não significa que a presença dele determinará a existência da mesma, pois dependendo do tipo de trabalho que se tem, ele pode, também, diminuí-la ou até negá-la, como coloca Wautier “o trabalho e (ou) sua falta tornam-se objetos de insatisfação, até mesmo de sofrimento” (2012, p. 149). Pode-se dizer, portanto, que a canção fala de um trabalho penoso que resulta no cansaço e sofrimento, fazendo uma crítica às injustiças sociais.

Apesar disso, é importante dizer, conforme Capoulade, Büll e Bernardo (2010) que o trabalho não pode e não deve ser visto apenas como um agente patológico, ao contrário, deve ser considerado, também, como um vitalizador da saúde humana. Desse modo, para Pinheiro e Monteiro (2007) o trabalho é tido como um verdadeiro sentido de vida para o homem, pois ele produz um sentido de inclusão social, além de colaborar para a estruturação da identidade.

Barros e Oliveira (apud MATOS, 2018) corroboram com esse pensamento quando falam das dimensões que caracterizam o trabalho, sendo elas: psicológica, social, econômica e ontológica. A primeira se refere ao trabalho como constituição da identidade, representação da subjetividade e realização pessoal. A segunda coloca o trabalho como uma forma de inserção social. Já a dimensão econômica designa o trabalho como o meio para o sustento econômico e material do homem, e por fim, a ontológica se refere ao trabalho como algo que humaniza e diferencia o ser humano dos animais.

Por isso, a banda legião urbana menciona na canção que sem o trabalho, o homem não é ninguém, pois perde sua dignidade, seu valor e sua identidade. Nesse sentido, quando os participantes dessa pesquisa afirmam que querem trabalhar porque não querem ser um peso para o Brasil, eles estão dizendo, também, que querem suprir as suas próprias necessidades, os seus anseios, por meio do seu trabalho, que o dignifica e mostra, inclusive, sua identidade venezuelana: “*lós venezolanos somos trabajadores*” (fala de um residente do abrigo).

Os participantes e protagonistas desse trabalho, portanto, não querem permanecer à margem da sociedade, eles querem fazer parte dela e, para tanto, querem ter o direito de trabalhar, pois o trabalho, conforme, Borges (2018) se torna um elemento essencial para a

integração do imigrante na sociedade de acolhimento. Por isso Capoulade, Büll e Bernardo (2010, p. 12) afirmam que o trabalho define, para o indivíduo, um lugar na sociedade.

Ainda conforme Borges (2018), por a aquisição de trabalho ser uma das maiores dificuldades dos imigrantes, muitos se tornam dependentes de ajuda financeira, seja de instituições civis, ou de benefícios do governo. É nesse sentido que os participantes dessa pesquisa afirmam que não querem ser um peso para o Brasil, eles não querem depender financeiramente de órgãos da sociedade civil e do governo, eles querem obter recursos – nas suas diversas dimensões – por meio da sua força de trabalho.

Yoseline, por exemplo, dizia, frequentemente, que se sentia mal por não poder buscar trabalho, devido à situação de saúde de Juan Carlos: “*é muito ruim depender dos outros, Yéssica. Yo no me sinto bien. Na Venezuela yo tinha meu trabajo*”. Yoseline dizia isso porque recebia ajuda de algumas instituições civis, e se sentia muitas vezes envergonhada, por depender destas. Como Juan Carlos precisava de um cuidado particular, e pela família já estar dependendo dessas instituições, Yoseline sentia que se pedisse algo mais do que já estavam oferecendo poderia soar como exigência, como folga. Pela necessidade, às vezes pedia, e outras vezes se continha com o que era dado.

Nesse sentido, a falta de trabalho influenciava de forma negativa nas próprias representações que Yoseline tinha de si, impactando, assim, sua subjetividade, pois como menciona Borges (2018, p. 194):

O emprego costuma ser um atravessamento essencial na construção da subjetividade. A vida é estruturada a partir da lógica hegemônica capitalista: nasce-se, estuda-se e trabalha-se – com diferenças que dependem da raça, gênero ou classe social. Ao mesmo tempo em que se critica a imposição do trabalho como prova de saúde, não é possível negar sua relevância. No campo da saúde mental, o trabalho foi usado, e ainda o é, como uma prática terapêutica. Não o trabalho *per se*, mas seu uso criativo, artístico, e mesmo seu impacto na autonomia do sujeito. Em sociedades capitalistas, somente quando possuidor de renda própria o sujeito pode construir um caminho minimamente singular.

Em relação aos outros participantes, durante todo o período em que pude acompanhá-los, ficou claro que a maior dificuldade em Manaus, estava relacionada à inserção laboral. As irmãs Sánchez e Luma, bem como a grande maioria dos residentes do abrigo, estavam, frequentemente, em busca de trabalho, deixando currículos nos diversos setores comerciais. Por vezes, presenciei a chegada de muitos no abrigo, após caminharem o dia inteiro em busca de trabalho. Chegavam cansados e desanimados por não terem conseguido nada.

Desse modo, apesar de o trabalho ser um direito social de todos, a sua garantia tem sido negada. Como menciona Capoulade, Büll e Bernardo (2010, p 10):

Ainda que na “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, texto que integra a Carteira de Trabalho e Previdência Social, possa-se ler no artigo XXIII-1. que “todo o homem tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego” e que a Constituição Federal de 1988 no Capítulo II- dos Direitos Sociais situe textualmente o trabalho como um direito social, a atual lógica que ordena as relações de oferta e procura de trabalho termina por inviabilizar a participação e inserção de todos os seres humanos em idade produtiva e aptos ao trabalho no mercado formal.

Por conta dessa ausência de trabalho no mercado formal, muitos venezuelanos veem no trabalho informal, uma possibilidade de obter renda financeira, mesmo muitos tendo qualificação profissional e/ou experiência de trabalho em algumas áreas. Por necessidade, optam por aceitar esses trabalhos que em muitos casos são subalternos.

María Ángeles e outros residentes do abrigo, por exemplo, passaram a trabalhar em uma pequena empresa que fabricava pastas – caixas para guardar documentos. O trabalho consistia na montagem dessas pastas. No primeiro dia de trabalho foram formados grupos de três pessoas, e cada caixa montada equivalia ao valor de 10 centavos, que era somado e dividido pelo grupo, ou seja, ganhavam por produção. O horário de trabalho era das 8h às 17h, tinham direito a uma quantia em dinheiro para o uso do transporte público, e alimentação.

A empresa assegurou que com o tempo iria assinar a carteira de trabalho de todos. No entanto, os dias foram passando e María Ángeles foi percebendo que a empresa utilizou desse argumento somente para que os residentes aceitassem o trabalho, além disso, se deu conta de que o trabalho não condizia com o salário: “*es mucho trabajo para pouco dinero*”. Quando chegava ao abrigo, no fim do dia, estava tão cansada que só queria deitar e descansar, como retrata a música de Legião Urbana “e quando chega o fim do dia, eu só penso em descansar, e voltar para casa [...] quem sabe esquecer um pouco, do pouco que não temos”. Após cerca de três semanas, María Ángeles decidiu deixar a empresa, e recebeu menos da metade de um salário mínimo para quase um mês de trabalho.

Outros residentes trabalhavam no mercado informal, também. Muitos como ajudante de pedreiro e pintor por semanas, ganhando muito pouco, e às vezes eram enganados, pois não recebiam pelo trabalho. Luma contou que isso havia acontecido com seu esposo, pois havia trabalhado por seis meses em Boa Vista, e quando resolveu cobrar o patrão, o mesmo disse que não estava devendo nada para ele.

Lembro-me, com clareza, quando um venezuelano que estava de passagem pelo abrigo, ao me cumprimentar contou, rapidamente, que quando chegou a Boa Vista foi acolhido por uma mulher que era dona de uma pousada, o que o deixou muito contente, visto que estava morando nas ruas. Contou que por estar dormindo e comendo lá, sentia que precisava ajudar de alguma forma, então, começou a limpar a pousada e fazer outras atividades. Quando se deu conta já estava fazendo tudo, não sobrando tempo para mais nada. Um dia resolveu conversar com a proprietária para verificar a possibilidade de receber um salário, já que estava trabalhando, mas a mesma disse que ele já estava recebendo comida e um lugar para dormir. Após isso, decidiu deixar o lugar e vir para Manaus, pois o que recebia não era suficiente.

Frente esses casos, é importante dizer, que muitos imigrantes reconhecem que estão sendo explorados, mas diante da possibilidade de não possuir um trabalho, acabam aceitando e permanecendo, correndo o risco até de naturalizar o sofrimento. Outros, como no caso de María Ángeles e desse rapaz que mencionei acima, decidem sair, e tentar outros trabalhos, porque o sofrimento imposto pelo trabalho chega a ser maior do que a ausência temporária dele. Importante ressaltar, também, conforme Vasconcelos (2018) que embora muitos se tornem passivos pela exploração advinda do trabalho, eles também, se tornam agentes quando por meio deste sustentam suas famílias.

Em relação a essas questões, e traçando um paralelo com a PMC, podemos refletir sobre o desemprego e a exploração do trabalhador como uma questão estrutural, que, portanto, está ligada aos macrofatores não somente da cultura nacional, mas global. Se pararmos para refletir sobre como surgiram e se constituíram as relações de trabalho envolvendo imigrantes, constataremos essa afirmação, a história das migrações no Brasil, discutida brevemente no capítulo 1, demonstra parte disso.

Em resumo, podemos dizer que a falta do trabalho gera no imigrante uma insatisfação, que resulta em sofrimento psíquico, uma vez que é por meio deste que ele pode conduzir a sua própria vida. Apesar disso, os participantes dessa pesquisa não querem qualquer trabalho, querem um em que eles possam exercer ativamente os seus direitos.

## **5.5 “Tenho muita saudade”**

*Minha terra tem palmeiras, onde canta o Sabiá,  
As aves, que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores.  
Em cismar, sozinho, à noite, mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras, onde canta o Sabiá.  
Minha terra tem primores, que tais não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho, à noite – mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras, onde canta o Sabiá.  
Não permita Deus que eu morra, sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.*

Canção do exílio – Gonçalves Dias

O poeta brasileiro, Gonçalves Dias, traz no seu poema uma forte noção de nacionalismo. De acordo com Cyntrão tal poema foi produzido em 1843, “no primeiro momento do movimento romântico brasileiro, época em que o país, recém-independente de Portugal, vivia um forte nacionalismo” (1988, p. 22).

Gonçalves Dias estava em Portugal cursando Direito, quando produziu a canção do exílio. O texto é marcado, portanto, por uma comparação que o poeta faz da terra de exílio – Portugal, com a terra natal - Brasil, assinalando a superioridade desta última sobre a primeira e a saudade da sua nação. Segundo Cyntrão (1988), o sentimento nacional, de amor a terra, faz parte com naturalidade da obra do poeta, porque ele nasceu um ano após a Independência do Brasil, logo, o mesmo cresceu sob um forte nacionalismo.

Trouxe essa canção para introduzir esse tópico de análise, porque os participantes dessa pesquisa sentem, também, um forte nacionalismo e uma saudade intensa do país e de tudo que teve que deixar para trás, ainda que provisoriamente. Eles afirmam com frequência: “*yo soy venezolano, yo quiero voltar para lá*”, porque sentem amor pela sua terra e pela sua gente. Ainda que o país esteja em crise, para eles o amor pela pátria permanece, assim como o desejo de que ela se reerga para que eles possam voltar para casa.

Em relação a isso, Sayad (1998, p. 56) afirma que o imigrante é marcado pela provisoriabilidade, pois:

Só se aceita abandonar o universo familiar (universo social, econômico, político, cultural ou moral, quando não mental etc.), ao qual se pertence “naturalmente” ou do qual se é “natural”, para usar uma linguagem próxima da linguagem jurídica-política da naturalização (ou, melhor dizendo, da “naturalidade”); só se aceita emigrar e, como uma coisa leva à outra, só se aceita viver em terra estrangeira num país estrangeiro (i. e., imigrar), com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução.

Nesse sentido, os participantes dessa pesquisa, desejam voltar para sua terra natal, eles estão no país temporariamente. Além disso, o fato de deixar seu país não pode ser visto aqui, como um rompimento com os costumes, cultura de origem, porque como menciona Saquet e Mondardo (2008) quando se migra, não existe um deslocamento total do lugar de origem, pois o imigrante possui certa resistência ao desligamento, o que ocorre é um jogo de ações e reações para manter os vínculos com o lugar, com as coisas que o caracterizam e com as pessoas que ficaram.

Os participantes dessa pesquisa, por exemplo, estavam a todo o momento em contato com amigos e familiares por meio do aplicativo whatsApp. Algumas pessoas que trabalham nas instituições pelas quais eles passavam, não compreendiam porque gastavam o pouco dinheiro que tinham, comprando celular e crédito, após muito trabalho. Muitos diziam: “*eles vão comer celular?*”. Na visão dessas pessoas, eles deveriam reservar o dinheiro para comprar comida, ou pagar aluguel, ou qualquer outra coisa, menos gastar com um celular.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o aparelho celular e o crédito, para os participantes, são elementos tão importantes, quanto à alimentação e a moradia, visto que eles possibilitam o contato e a aproximação diária com as pessoas que fazem parte da sua comunidade familiar e social e que permanecem no país de origem, como familiares e amigos, além de permitir que eles tenham noção da situação do país pelo olhar dessas pessoas.

O whatsApp, portanto, funciona para eles, como uma ferramenta que facilita os frequentes contatos, pois não precisam fazer ligações internacionais que possui um valor mais elevado. Tal aplicativo tem possibilitado que eles se vejam, ainda que virtualmente, por meio de chamadas de vídeo. Alejandra, por exemplo, amenizava um pouco da saudade, quando estabelecia contato com o filho que havia ficado na Venezuela por meio de videochamada, pois conversar com o mesmo podendo vê-lo dava a sensação de que ele estava ali, ao seu lado.

Em relação a isso, Hobsbawm (2007) pontua a importância da tecnologia para a vida do imigrante, pois graças à revolução tecnológica no custo e na velocidade da comunicação, os imigrantes do século XXI já não estão efetivamente separados de sua terra natal, como antes estavam os imigrantes do século XIX, que tinham bastante dificuldade para estabelecer contato.

Apesar desses momentos em que podem se comunicar, a saudade os acompanha durante todo o tempo, pois como menciona Lechner (2005) as memórias e as heranças vividas no país de origem confrontam e dialogam com o correr dos dias nos países para quais os

imigrantes se deslocaram. Martins-Borges também pontua isso, quando menciona que o imigrante tenta se “projetar em um outro lugar, mas psiquicamente é tomado pelo passado e por tudo que caracteriza seu país de origem” (2013, p. 154).

Nesse sentido, a comida da Venezuela, também, era algo que os participantes sentiam bastante falta. No abrigo, a base das refeições era feijão e arroz, conjunto que compõe a alimentação diária do Brasil. No entanto, segundo Yoseline no seu país não se come muito feijão: “*nosotros no gostamos mucho de feijão*”. Apesar disso, quando iam comê-lo, acrescentavam açúcar, pois quando se prepara feijão é comum que seja doce no país, pois como menciona Maciel “o homem se alimenta de acordo com a sociedade a que pertence e, ainda mais precisamente, ao grupo, estabelecendo distinções e marcando fronteiras precisas” (2001, p. 149). Como eram eles que preparavam as refeições, faziam com um toque venezuelano, mesmo quando os materiais alimentícios não correspondiam com aqueles utilizados no seu país para preparar um determinado prato,

Kraieski (2015) ao realizar uma pesquisa sobre mudanças e continuidade das práticas alimentares de imigrantes brasileiros, argumenta que ao comer comida brasileira, os imigrantes brasileiros não estavam apenas se alimentando de comida brasileira, mas estavam, também, alimentando-se de relações, principalmente as familiares, que têm e mantêm no Brasil.

Em paralelo, podemos dizer o mesmo sobre os imigrantes venezuelanos. Quando eles preparam e comem comida venezuelana, ou em parte venezuelana, eles estão se alimentando, também, de relações que possuem e mantêm na Venezuela, visto que a comida “envolve emoções, trabalha com memória e com sentimentos” (MACIEL, 2001, p. 151). Além disso, o comer junto com outros venezuelanos reforçava essas relações, pois como conforme essa mesma autora, o comer juntos é o momento de fortalecer a união do grupo, visto que ao partilhar a comida, se partilham sensações, que se tornam experiência sensorial compartilhada.

Um momento, em especial, que foi possível ver com maior clareza a saudade da família e da comida típica foi na véspera da festa natalina. O natal, culturalmente, nos remete a um sentimento de fraternidade, é uma ocasião que queremos estar próximo da família, festejando com ela, e a comida faz parte desse festejo. Para as famílias Diaz e Sánchez, não é diferente, a fala de Yoseline, retrata bem essa questão, e me remete ao poema de Gonçalves Dias, “*O natal de lá é mais belo. Hay luzes coloridas para todos os lados, aqui quase no hay.*

*A comida é mais saborosa, nossa ceia é mais gostosa. Hay mais alegria. Onde está o clima natalino?”.*

Yoseline estava tão emocionada que chorava por não poder estar próximo de seus familiares nesse dia que para ela, como cristã, era especial. Vivenciar o natal em outro país e comer a ceia natalina, preparada por brasileiros, não representava a concepção que ela tinha de festejar o natal. Assim, pela visão da PMC, a comida venezuelana, e o próprio conceito que Yoseline possui sobre o festejo do natal, podem ser vistos como um artefato e um conceito cultural, ou seja, como fatores macroculturais, e por isso, de certo modo, influenciaram na percepção e no comportamento de Yoseline.

Em resumo, todas essas questões discutidas aqui, reforçam o que já foi falado: o imigrante, e aqui incluo os participantes dessa pesquisa, está/estão numa constante luta para manter os vínculos com o lugar de origem, uma vez que tudo que ele construiu e tudo o que o caracteriza, está vinculado ao seu universo cultural, por isso Ferreira menciona que a manutenção da cultura é “o fator central para o equilíbrio do imigrante” (2019, p. 163).

Por fim, resta-nos dizer que o imigrante é marcado por um sentimento de saudade que o acompanha a todo o momento, até que se torne possível, voltar para seu lar e desfrutar “dos primores que não encontra por cá”.

## **5.6 “Somos como uma panela de pressão”**

*Ah, quem ousou partir tão cedo?  
Quem partiu o véu do medo?  
Quem suou por um emprego?  
Quem chorou e quis voltar*

*Quem desafiou a vida?  
Quem sofreu na despedida?  
Quem chegou, "Cabeça erguida"?  
Quem vazou pra outro lugar?  
Ah, quem na vida de imigrante, fez amigos importantes?  
Quem trocou o sofrimento pela sina de ajudar?  
Foi Zezé com alegria, foi qualquer pessoa linda  
Entendendo que essa vida não demora acabar*

*A saudade, o sonho, a mala feita  
E a vontade tão louca de voltar  
De cruzar esse imenso oceano  
Reencontrar sua terra, seu lugar.*

Vida de Imigrante – Música de Edinho Vilas Boas

O cantor e compositor cearense relata em sua canção as dificuldades que os imigrantes enfrentam quando deixam sua terra natal. Edinho Vilas Boas pontua que as barreiras surgem desde o momento em que se decide migrar, é preciso primeiro romper com o medo de sair. No decorrer da sua trajetória, o imigrante lida com um árduo esforço para conseguir um emprego, lida com a saudade de tudo que deixou para trás, por vezes sente vontade de abandonar tudo e voltar para sua terra, mas, sobretudo, chega de cabeça erguida, constrói laços de amizade e solidariedade, porque entende que a vida é curta. E apesar de tudo que viveu, nunca deixa de sonhar em “reencontrar sua terra, seu lugar”.

É por conta de todas essas dificuldades ditas pelo compositor, e das mencionadas no decorrer desse capítulo que os participantes dessa pesquisa sentem-se como uma panela de pressão: *“somos como uma panela de pressão: estamos funcionando, mas a qualquer momento podemos explodir”* (Yoseline).

Nesse sentido, chegar a um país sem ter uma rede de apoio; sem falar o idioma; a peregrinação e a burocracia para tirar os documentos; a busca incessante por um emprego; a saudade da família, amigos e das atividades que desenvolviam no país de origem, somados a tantas outras dificuldades, favorecem pensamentos e sensações que podem levar ao sofrimento psíquico.

Yoseline contou por diversas vezes que a vida no abrigo não era fácil. Como não havia a realização de atividades que proporcionassem uma melhor qualidade de vida, sendo as únicas atividades voltadas para a organização e manutenção do abrigo, Yoseline dizia que o ambiente favorecia o pensamento negativo: *“aquí no hay nada para se fazer, é só pensar, pensar, e pensar, e deprime”*. As irmãs Sánchez e Luma compartilhavam desse mesmo pensamento.

As irmãs Sánchez, diferente dos demais participantes, quando chegaram ao abrigo não possuíam nenhuma documentação, o que as preocupavam, visto que se ouvia muito pela casa de acolhida que sem documento poderiam ser deportadas para a Venezuela. Era necessário solicitar refúgio no Departamento de Polícia Federal, para depois tirar CPF e carteira de trabalho em outros órgãos.

Como não era possível resolver tudo em um único local, María Ángeles e Alejandra sentiam dificuldade, primeiro por não saber onde encontrar tais órgãos, e segundo porque não possuíam renda própria para se locomoverem pela cidade. Com a minha chegada ao abrigo, pude facilitar alguns desses processos, acompanhando-as nos órgãos. O processo todo levou tempo, devido à burocratização dos serviços, o que as deixava bastante exaustas. A respeito

disso, o IPEA aponta que “a regularização difícil e a burocratização criam para os imigrantes um nível ainda mais elevado de dificuldades para a integração e o acesso a direitos, notadamente os sociais” (2015, p. 35).

Além da apreensão com a documentação, um dos pensamentos que causava bastante preocupação e sofrimento estava relacionado à moradia, pois sabiam que quando chegasse o momento de deixar o abrigo, teriam que procurar por um lugar para viver. O que cercava esse pensamento era o fato de não ter emprego e dinheiro para alugar uma casa ou um pequeno quarto. No entanto, com o auxílio do Programa de Aluguel social que receberam da Cáritas Arquidiocesana a preocupação com o dinheiro amenizou um pouco, pelo menos temporariamente. Os participantes passaram a procurar por imóveis e encontraram outras dificuldades que passaram a preocupá-los.

Sobre isso, Borges (2018) afirma que conseguir um imóvel para alugar se torna um grande desafio para o imigrante, pois há diversos obstáculos incluídos nesse processo e que podem, inclusive, colocá-los em riscos de saúde ou mesmo de vida. A autora explica que a ausência de dinheiro, ou mesmo o preconceito de locatários com os inquilinos imigrantes são obstáculos que os mesmos enfrentam quando buscam por um imóvel. Por isso, é comum que estes residam em zonas periféricas da cidade, em pequenos e precários imóveis e às vezes vazios. É comum, também que aluguem em conjunto com outros imigrantes para amenizar as despesas.

Nesse sentido, a família Diaz e Alejandra enfrentaram alguns desses obstáculos mencionados pela autora. O primeiro imóvel que alugaram ficava em uma estância que possui várias quitinetes para alugar. Yoseline alugou um para viver com o filho e Alejandra alugou outro ao lado, junto com uma amiga. A ideia inicial era alugar uma casa maior para que todos morassem juntos para dividirem as despesas. No entanto, como havia pressa para sair do abrigo e não encontraram uma casa a tempo, a opção foi alugar quartos nessa estância.

O imóvel era um pequeno quarto com banheiro e não possuía janelas, o que dificultava a circulação de ar e luminosidade naturais, tornando o lugar úmido, mal arejado. Yoseline e Juan Carlos diziam que se sentiam em uma prisão, porque o lugar era muito fechado, e para ver a luz do dia tinham que sair da estância. Por conta dessas questões, somado ao valor elevado do aluguel, a Família Diaz e Alejandra com a amiga permaneceram no lugar apenas por um mês, mudando-se para outro lugar após a saída.

Como o auxílio do aluguel social tem a duração de três meses, a busca por trabalho continuava. No entanto, Alejandra precisava de uma creche para a filha, para que pudesse

passar mais tempo procurando por emprego, ou realizar alguns trabalhos informais. Isso se tornou uma grande preocupação, visto que não conseguia.

A pesquisa realizada pelo IPEA (2015) retrata bem essas dificuldades vivenciadas pela família Diaz e Alejandra, quando aponta que entre os obstáculos enfrentados pelos imigrantes em Manaus estão: a dificuldade de acesso à primeira moradia; inadequações das moradias e valor elevado de alugueis; e falta de creches.

São todas essas dificuldades demonstradas por meio das práticas discursivas dos participantes e das pesquisas utilizadas, somadas a tantas outras que levam os participantes a se sentirem como uma panela de pressão. Contudo, é fundamental levar em consideração um aspecto importante na fala de Yoseline, quando ela se compara a este utensílio de cozinha: “*somos como uma panela de pressão: estamos funcionando, mas podemos explodir a qualquer momento*”. Ela diz que eles estão funcionando, ou seja, estão respondendo aos obstáculos, as dificuldades.

Em outras palavras, os participantes dessa pesquisa não foram paralisados pelas dificuldades que tem gerado sofrimento, ao contrário, mesmo sabendo que podem “*podem explodir*” eles estão lutando para continuar “*funcionando*”. Importante dizer, também, que alguns fatores contribuíram para isso, como o apoio que tem recebido de alguns manauaras.

Após ser expulsa do abrigo María Ángeles obteve ajuda de amigos brasileiros, que moravam nas redondezas do local. Yoseline e Juan Carlos fizeram vários amigos na Fcecon. Sempre que Juan Carlos era internado uma família brasileira, que conheceram na Fundação, ía visitá-los. Os membros da família ofereceram apoio, ligando, visitando, ajudando com algumas coisas. Essas ações fortaleciam María Ángeles e Yoseline, pois como coloca Galina *et al.* “o apoio social e a construção de relações recíprocas contribuem para a adaptação cultural e integração de refugiados [...] Além disso, mediam o aumento da qualidade de vida ao longo do tempo e a diminuição do sofrimento psíquico” (2017, p, 301).

De modo geral, os participantes dessa pesquisa tiveram que lidar com inúmeras dificuldades, e continuam lidando, mas eles, também, têm superado muitas destas, mostrando que o imigrante não é passivo, frágil e vulnerável, que mesmo estando sujeito ao sofrimento psíquico, ele busca ser o ator da sua história, como afirma Wautier “essa disposição do indivíduo a ser ator social, é resistência, é recusa, é liberdade” (2009, p. 159).

## CAPÍTULO 6: A ESCRITA DE SI

### 6.1 Uma pesquisadora brasileira no cotidiano de venezuelanos

*Fronteiras são criações humanas  
Elas só nos separam fisicamente  
Não as deixe fazer com que viremos  
Uns contra os outros  
Nós não somos inimigos.*

Rupi Kaur – O que o sol faz com as flores

Quando pensei em desenvolver essa pesquisa, e aqui incluo o apoio da minha orientadora Adriana, quis fugir do modelo hegemônico de se fazer pesquisa, que tenta reduzir ao máximo a subjetividade por meio da imparcialidade, e da rigidez metodológica. Ao contrário disso, meu desejo era de estar próximo das pessoas participantes, de compreender suas visões de mundo, assumindo um compromisso ético e reflexivo com sua realidade. E qual a melhor maneira de fazê-la se não por meio da inserção no cotidiano?

Contudo, confesso, de antemão, que esse desejo não esteve sempre livre de receios, medos e (pre)conceitos. Antes de encontrá-los e mergulhar na sua realidade, meu imaginário era cercado por pensamentos que diziam a todo momento que a barreira imposta pela nacionalidade marcaria nossos encontros. Em outras palavras, o fato de ser brasileira e eles venezuelanos inibiria nossa aproximação, minha imersão no seu cotidiano e nas suas histórias de vida, por sermos de universos culturais diferentes.

Que tola! Como pude ter esse pensamento? Por isso escrevo, para que sirva, inclusive, de aprendizagem para futuras pesquisas, porque como disse Foucault “escrevendo os nossos pensamentos como se os tivéssemos de comunicar mutuamente, melhor nos defenderemos dos pensamentos impuros por vergonha de os termos conhecido” (1992, p, 129).

Ao contrário do que pensei, nosso primeiro encontro foi marcado por gentileza e solidariedade. Pouco importou se éramos de nações diferentes, na verdade, eles me acolheram no ambiente do abrigo, mesmo eu não sendo uma residente. Yoseline me apresentou o lugar e as pessoas, ofereceu café e quis me conhecer. Em pouquíssimo tempo, estávamos todos comendo juntos, conversando, rindo, compartilhando histórias e dificuldades. Que lição eles me deram!

Quero, nesse espaço, não somente compartilhar como me percebi e senti realizando esta pesquisa, mas também sobre minha relação com os participantes, e sobre alguns acontecimentos que me fizeram refletir bastante sobre a nossa sociedade. Quero, iniciar pela relação que construímos, mas verão que por vezes, esses pontos se entrelaçam.

Conforme eu ía adentrando no cotidiano dessas pessoas, ele ía se tornando nosso, e através do convívio diário pude acessar suas histórias de vida, principalmente, as relacionadas à migração. Quando passei a acompanhá-los nos diversos locais que precisavam ir, principalmente, nos serviços de saúde e os relacionados à retirada de documentos, pude acessar com mais profundidade suas dificuldades. Lembro que, certa vez, Yoseline me disse que eu os compreendia porque vivia com eles diariamente.

Nesse sentido, o estar juntos diariamente possibilitou a construção de fortes vínculos. Por diversas ocasiões, eu era a única pessoa com quem podiam contar. E eu vivia me questionando: como ser apenas uma pesquisadora nesse cenário? Como ser apenas uma pesquisadora, quando seus participantes te apresentam para outras pessoas como sua família no Brasil? Ser apenas uma pesquisadora era extremamente difícil, era quase que impossível limitar nossa relação somente á pesquisa. Não sei dizer se foi certo ou errado, e pouco importa agora, o importante é que eu não fui lá apenas para colher dados para minha pesquisa, eu fui, também, para levar algum benefício para eles, e essa certeza eu tenho.

Essa pesquisa me envolveu tanto, que ela me cercava. Onde eu estava, lá ela estava também. Estava nos ônibus, quando entrava um venezuelano vendendo bombom, estava no trânsito quando um venezuelano pedia para limpar o carro. Até na frente da minha casa havia venezuelanos morando, e como os participantes me ensinaram muito, seja um pouco do espanhol, ou dos procedimentos para tirar os documentos, eu tentava ajudá-los de alguma forma, porque essa pesquisa me tornou mais humana.

Durante os dias no abrigo, era comum que andássemos em grupo pelas redondezas, ora para comprar algo nas mercearias, ora para irmos lanchar na padaria, por isso eles brincavam dizendo que eu parecia uma venezuelana por estar sempre com eles, ficavam, inclusive, se perguntando o que outros brasileiros pensavam ao nos verem juntos: “*eles devem tá pensando: o que faz uma brasileira no meio de venezolanos?*” (María Ángeles).

É certo que o corpo fala, a linguagem corporal comunica algo, transmite o que estamos pensando. Por diversas vezes, pude perceber certos olhares e gestos da população local direcionados a nós. Nesse sentido, como pesquisadora compartilhando o mesmo cotidiano que os participantes dessa pesquisa, eu precisava estar atenta, também, ao que

aconteciam ao nosso redor. Pude observar muitos olhares, alguns de curiosidade e estranheza, talvez por ver o diferente, outros olhares e gestos demonstravam certa aversão, talvez por que o diferente não os agradava, mas também, houve olhares de compaixão e gestos de solidariedade.

Lembro-me de uma ocasião, em especial, na qual fui vista por duas brasileiras como venezuelana. Havia menos de três semanas que eu havia chegado ao abrigo, e dentro deste lugar funciona outra instituição que não tem ligação com o acolhimento de imigrantes. Há apenas uma porta que dá acesso para o abrigo e dois banheiros que ficam próximo a essa porta de acesso e que são desta instituição. Os banheiros ficavam trancados, mas havia uma pequena pia por fora, e certa vez após o almoço com os residentes fui escovar os dentes nesse espaço, porque pensava que fazia parte do abrigo, foi quando entraram duas brasileiras e começaram a gritar, diziam que meu banheiro era no meu alojamento, que eu não deveria estar naquele espaço.

Não soube o que fazer no momento, senti-me acuada, apenas pedi desculpa e me retirei do lugar. María Ángeles presenciou e me contou que eles não podiam usar aquele espaço, e que era muito difícil ver essas pessoas pelo abrigo, porque não queriam contato com eles. Foi nesse momento que eu soube que elas haviam pensado que eu era uma residente, e me trataram como tal.

Isso me deu um nó na cabeça: como assim? Por quê? Quer dizer que se elas soubessem que eu sou brasileira teriam me tratado com respeito? Eu me questionava sem acreditar no que havia acontecido. Foi a partir disso, que passei a olhar com mais atenção o que acontecia ao nosso redor quando estávamos pelas ruas, pois queria ver como as pessoas se comportavam quando viam um grupo de imigrantes próximo, e eu me incluía no grupo, por isso muitas vezes fui vista como uma delas.

O bom da história, é que houve encontros com outros brasileiros totalmente o oposto deste mencionado. Quando nos viam conversando, iam se aproximando aos poucos, até que daqui a pouco estavam conversando também. Sentiam curiosidade e queriam saber como era a vida deles, alguns ficavam surpresos por eles já falarem um pouco do português. Outros me perguntavam como eu fui parar ali no meio de tantos venezuelanos, e eu explicava sobre a pesquisa, e Yoseline dizia: *“Yéssica é nossa família no Brasil”*.

Minha imersão no cotidiano dessas pessoas me fez presenciar e viver coisas que jamais teria conhecimento se não fosse por essa inserção. Houve momentos, principalmente, quando eles estavam passando por alguma dificuldade em que eu sofri junto com eles, me

senti impotente por ser só uma pesquisadora e não poder fazer mais para ajudá-los. Teve vezes que eu tentei segurar a emoção, porque eu era uma pesquisadora, e talvez porque havia muitos resquícios do modelo hegemônico de ciência, de fazer pesquisa. Contudo, eu lembrava da fala de Carl Jung “conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”.

Antes de ser pesquisadora eu sou uma alma humana, e eu precisava me comportar como tal também. Talvez por isso, eles me tinham como a família brasileira deles. O sentimento hoje é de muita gratidão. Ah! Como esses participantes me ensinaram, como me fizeram mais humana, como me tornaram mais forte com suas histórias, com seus exemplos.

Em resumo, ter sido uma pesquisadora brasileira no cotidiano de venezuelanos foi difícil, não porque eram pessoas difíceis de lidar, mas porque eram pessoas que precisavam de muito apoio, por isso me demandavam muito. Apesar disso, ter sido pesquisadora nesse contexto foi, também, muito importante tanto para mim, quanto para eles. Para mim, posso dizer que foi engrandecedor, hoje sou mais humana que antes, por isso concordo com Lechner quando diz que “pensar poder conhecer o outro, o imigrante, o estrangeiro, sem se olhar para si próprio de uma nova maneira, ou ignorando as dinâmicas complexas da alteridade, é impossível” (2005, p, 17).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira consideração a fazer é a de que Yoseline, Juan Carlos, Alejandra, María Ángeles e Luma são os grandes protagonistas dessa pesquisa, pois foi por meio deles e de suas práticas discursivas que se tornou possível a construção desse trabalho. A segunda é a de que seus relatos e ações evidenciam as dificuldades e a força de um imigrante.

Todos eles vieram para o Brasil em busca de direitos que foram negados no seu país de origem, devido à crise socioeconômica e política. Foi evidenciado que o elemento propulsor para o deslocamento da família Sánchez e Luma está relacionada à escassez de comida no país, já o da família Diaz está relacionado ao colapso do sistema de saúde que impossibilitou o tratamento do câncer que acometia Juan Carlos.

Contudo, eles não vieram apenas em busca de comida e de saúde, mas também de todos os demais direitos que foram negados. É nessa busca que eles encontram diversas dificuldades. A primeira dificuldade relatada foi o idioma, sendo colocada por eles como a primeira barreira a ser ultrapassada, pois como não falam a língua local sentem dificuldade na comunicação com a população local que vai desde a obtenção de simples informações até ao acesso aos serviços públicos, principalmente, aqueles voltados para saúde.

Nesse sentido, foi evidenciado que as barreiras impostas pela linguagem dificultam o atendimento dos imigrantes, o que pode ser visto como falta de preparação das equipes dos serviços públicos, ou até mesmo como discriminação, por parte de alguns profissionais. Portanto, há a necessidade de disponibilizar tradutores para a realização dos atendimentos e a capacitação dos profissionais do serviço público sobre as especificidades dos imigrantes, além de diretrizes e regras da migração e dos direitos humanos no país, como pontua o IPEA (2015), para que essa população possa de fato ser assistida por esses setores.

Outra dificuldade se refere à documentação em Manaus. A família Diaz e Luma não tiveram nenhuma dificuldade, pois tiraram em Boa Vista, onde segundo elas há um centro de triagem, no qual o imigrante pode solicitar refúgio, tirar CPF e carteira de trabalho em um único dia. Por outro lado, as irmãs Sánchez, como chegaram a Manaus sem nenhuma documentação precisaram tirar por aqui.

A distância entre os órgãos e a burocracia, impossibilita que muitos imigrantes tirem sua documentação, visto que não possuem renda, o que dificulta o deslocamento para os diversos órgãos. Diante disso, essa pesquisa aponta para a necessidade de se criar um centro de triagem como em Boa Vista, já que Manaus tem recebido um grande número de imigrantes

que passam por Boa Vista sem tirar a documentação. A construção desse centro ajudaria na integração dessas pessoas.

A ausência de trabalho foi outro aspecto mencionado pelos participantes, pois eles sentem que sem o trabalho estão servindo de peso para o país. E eles não querem assumir esse papel, ao contrário, querem trabalhar para suprir suas próprias necessidades. O trabalho é tido por eles como uma das maiores dificuldades, visto que é por meio dele que eles podem garantir uma moradia e seu sustento.

Somado a todas essas dificuldades, há a saudade das pessoas que fazem parte do seu vínculo de apoio familiar e social que permanecem na sua terra natal, bem como da comida, e de todas as coisas que caracterizam o seu país, o que os colocam num constante jogo de ações e reações para manter os vínculos com a sua cultura.

Desse modo, como já mencionado, a manutenção da cultura tem sido apontada como um elemento central para a saúde mental dos imigrantes. Logo, esta pesquisa aponta, também, para a necessidade de se criar mecanismos que possam favorecer a valorização das condições humanas e culturais desses imigrantes venezuelanos, para que eles possam se encontrar e se reafirmar culturalmente cada vez mais, pois mesmo estando fora da Venezuela, não deixaram de ser venezuelanos.

Criar espaços de fala e de manifestações culturais são sugestões de mecanismos que podem favorecer essa valorização cultural, o que pode colaborar para que eles sintam-se acolhidos na sua singularidade, enquanto pessoas que possuem uma identidade cultural que deve ser mantida e valorizada tanto por eles, quanto por todos nós enquanto sociedade de acolhimento. Isso por si só já seria meio caminho andado para satisfação do eu e da sua relação com a sociedade, o que contribuiria para saúde mental desses imigrantes.

De modo geral, é por conta de todas as dificuldades levantadas que os participantes dessa pesquisa sentem-se sob uma forte pressão que resulta em sofrimento psíquico. Nesse sentido, respondendo a pergunta norteadora dessa pesquisa, evidencia-se que a migração reflete tanto de forma negativa, quanto de forma positiva na saúde mental dos participantes dessa pesquisa.

De forma negativa, porque as dificuldades que enfrentam no país de acolhimento, e que já foram mencionadas, atuam causando sofrimento para o sujeito, visto que elas dificultam a integração social. E de forma positiva, porque a saída do país de origem rompe, em parte, com o ciclo de opressão que sofriam e possibilita o acesso aquilo que motivou a

saída, ou seja, Juan Carlos recebeu tratamento, as irmãs Sánchez e Luma estão se alimentando e podendo oferecer aos filhos aquilo que não podiam em seu país.

Apesar disso, eles não sentem isso como suficiente e por isso continuam buscando pelos seus demais direitos, o que demonstra que o sofrimento não os tem paralisado, ou cristalizado suas identidades. A própria saída pode ser vista como a busca pela autonomia, como foi mencionado no marco teórico dessa pesquisa. Portanto, essas questões demonstram que o imigrante desta pesquisa possui sim saúde mental. E por isso, não deve ser visto como alguém passivo e frágil frente às dificuldades. Além disso, o apoio de alguns brasileiros também tem servido como um elemento de mediação para o aumento da qualidade de vida e a diminuição do sofrimento.

O olhar de dentro para fora, possibilitado pelo uso da etnografia, nos permitiu visualizar que em meio às histórias de sofrimento, existem também histórias de superação e que foram/são marcadas pela resiliência que essas pessoas possuem. A saúde mental, portanto, está presente, evidenciando que o imigrante é o agente e protagonista da sua própria história.

Por fim, antes de finalizar este trabalho, penso ser importante dizer que apesar de ouvirmos com frequência que somos um país hospitaleiro, ainda estamos muito longe de realmente o sermos. Ainda não merecemos esse status, pois somente permitir a entrada e não favorecer os elementos necessários para uma real integração e proteção dos imigrantes no país é no mínimo desleal. Ainda há muito que se avançar, nossa sociedade precisa incorporar as noções de direitos humanos para todos, além disso, o tema da migração deveria ser uma categoria transversal para a criação de todas as políticas públicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas Para Refugiados. *Dados sobre refúgio*. 2017. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>>. Acesso em: 9. Abr. 2018
- ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas Para Refugiados. *Síria*. 2018a. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/siria/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas Para Refugiados. *Resposta humanitária no Brasil se intensifica diante a crescente chegada de venezuelanos*. 2018b. . Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2018/04/06/resposta-humanitaria-no-brasil-se-intensifica-diante-a-crescente-chegada-de-venezuelanos/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas Para Refugiados. *Protegendo refugiados no Brasil e no mundo*. 2018c. Disponível em: <[http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo\\_ACNUR-2018.pdf](http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo_ACNUR-2018.pdf)>. Acesso em: 9 abr. 2018.
- ACOSTA, Y. J. Sufrimiento psicosocial del siglo XXI: Venezuela y la Revolución. *Revista de Psicología, La Paz*, n. 19, p. 111-134, jun. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2223-30322018000100009&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2223-30322018000100009&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- AMARANTE, P. *Saúde mental e atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- ANGIOLETTI, J. K. *Interseções jurídicas da mobilidade humana dos venezuelanos ao Brasil: entre o refúgio e a proteção complementar*. Monografia (Bacharel em Direito) – Centro de Ciências Jurídicas – UFSC. Florianópolis, 2017.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em Educação Ambiental Comunitária. In: X EDUCERE e I SIRSSSE, 2011, Curitiba. *Anais...* Congresso Nacional de Educação. Curitiba - PR: Champagnat - Editora PUCPR, 2011. v. 1. p. 329-341.
- BATISTA. V. O. O fluxo migratório mundial e o paradigma contemporâneo de segurança migratória. *Revista Ver-Sus Acadêmica, Rio de Janeiro*, Ano 1, n. 3, p. 68-78, nov. 2009. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/224883551\\_O\\_FLUXO\\_MIGRATORIO\\_MUNDIAL\\_E\\_O\\_PARADIGMA\\_CONTEMPORANEO\\_DE\\_SEGURANCA\\_MIGRATORIA](https://www.researchgate.net/publication/224883551_O_FLUXO_MIGRATORIO_MUNDIAL_E_O_PARADIGMA_CONTEMPORANEO_DE_SEGURANCA_MIGRATORIA)>. Acesso em: 8 abr. 2018.
- BATISTA, N. C. S. *et Al.* Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. In: SPINK, M. J. *et al.* (Org.). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Edição virtual, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. P. 97-122.
- BECKER, A. P. S.; BORGES, L. M. Dimensões psicossociais da imigração no contexto familiar. *Bol. Acad. Paulista de Psicologia*, São Paulo, v. 35, n. 88, p. 126-144. Disponível

em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2015000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100009)>. Acesso em: 3 nov. 2018.

BENETTI, I. C. *et al.* Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Psicologia*; v. 9, n. 16, p. 89-99, dez., 2013.

BERTACHINI, L. A comunicação terapêutica como fator de humanização da Atenção Primária. *Mundo Saúde*, v. 36, n. 3, p. 507-20, 2012. Disponível em: <[http://www.saocamilosp.br/pdf/mundo\\_saude/95/14.pdf](http://www.saocamilosp.br/pdf/mundo_saude/95/14.pdf)> Acesso em: 29 mai. 2019.

BORGES, J. A. R. Sobre eles, sobre nós: refúgio e saúde pública. *Mnemosine-UERJ*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 174-205, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41688>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 1 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

BRITO, A. M. M. Representações sociais, crenças e comportamentos de saúde: um estudo comparativo entre homens e mulheres. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós graduação em Psicologia – UFSC. Florianópolis, 2010.

CÂMARA, A. R. T. *Fluxos Migratórios para o Brasil no Início do Século XXI: Respostas institucionais brasileiras*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais – UNB. Brasília – DF, 2014.

CAMPOS, M. B. Características Demográficas e a Voluntariedade da Migração. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 23, n. 45, p. 273-290, dez. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198085852015000200273&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198085852015000200273&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 7 abr. 2018.

CAMPOS, L. L.; RODRIGUES, L. Migrantes e migrações: entre a história e a literatura. *Albuquerque: revista de História*, Campo Grande, MS, v. 3 n. 5, p. 33-49, jan./jun. 2011. Disponível em: <[www.seer.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/download/3968/3164](http://www.seer.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/download/3968/3164)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

CAPOULADE, F.; BULL, S.; BERNARDO, M. H. Saúde Mental, Trabalho e Desemprego. In: Seminário do Trabalho: Trabalho, Educação e Sociabilidade, 2010, Marília – SP: *Anais... VII Seminário do Trabalho: Trabalho, Educação e Sociabilidade*, 2010.

CARDONA, M. G.; CORDEIRO, R. M.; BRASILINO, J. Observação no cotidiano: um modo de fazer pesquisa em psicologia social. In: SPINK, M. J. *et al.* (Org.). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Edição virtual, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. P. 123-148.

CHIESA, C. D.; FANTINEL, L. D. “Quando eu vi, eu tinha feito uma etnografia”: notas sobre como não fazer uma “etnografia acidental”. In: VIII Encontro de Estudos Organizacionais, 2014, Gramado. *Anais... Gramado – RS: ANPAD*, 2014.

CONARE. Comitê Nacional para os Refugiados. *Refúgio em números, 3 ed.* Secretaria Nacional de Justiça, 2017. Disponível em: [http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros\\_1104.pdf](http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf)>. Acesso em: 7 abr. 2018.

CORREA, M. A. S. *et al.* Migração por sobrevivência: soluções brasileiras. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 23, n. 44, p. 221-236, Jun. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198085852015000100221&lng=en&nrm=is](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198085852015000100221&lng=en&nrm=is)>. Acesso em: 9 abr. 2018.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.

CYNTRÃO, S. H. A ideologia nas Canções de Exílio: ufanismo e crítica. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas – UNB. Brasília, 1988.

CYSNE, Rubens Penha. Trump, islamismo e confucianismo. *Revista Conjuntura Econômica, Rio de Janeiro*, v. 70, n. 12, p. 20, dez. 2016. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rce/issue/viewIssue/3854/1804>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

DANTAS, S. Saúde mental e interculturalidade: implicações e novas proposições diante dos desafios em tempos de globalização. IN: DANTAS, S. (Org). *Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais*. São Paulo: IEA-USP, 2012. p. 109-132.

DANTAS, S. Saúde mental, interculturalidade e imigração. *Revista USP*, São Paulo, n. 114, p. 55-70, jul./ago./set. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142368/137500>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

DELGADO, F. et al. Precisamos falar sobre a Venezuela: impactos petropolíticos e reflexos para o Brasil. *Caderno Opinião*. Rio de Janeiro: FGV Energia, 2017. Disponível em: <[www.fgvenergia.fgv.br](http://www.fgvenergia.fgv.br)>. Acesso em: 17 mai. 2019.

DIAS, R. S. *As implicações da imigração venezuelana sobre o trabalho dos agentes comunitários de saúde do município de Pacaraima*. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional em Saúde) – Programa de Pós Graduação em Educação Profissional em Saúde – Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2019.

ESTEBAN, M. Algunas notas sobre la vida y obra de Carl Ratner: a modo de introducción. In: RATNER, R. *Desde Vigotski a la Psicología Macrocultural: obras escogidas de Carl Ratner*. Girona: Documenta Universitaria, 2014.

ESTEBAN, M; RATNER, C. Historia, conceptos fundacionales y perspectivas contemporáneas en psicología cultural. *Revista de Historia de la Psicología*, v. 31, n. 2-3, p. 117-136, 2010.

FERREIRA, A. V. S. *Imigração e saúde mental: narrativas de estudantes latino-americanos em uma universidade intercultural*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFSC, Florianópolis, 2019.

FERNANDES, F. *A Psicologia e povos indígenas: reflexões a partir do contato com os Yepa Mahsã no projeto rios e rede*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia – UFAM. Manaus, 2017.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *A escrita de si*. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992. P. 129-160.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURTADO, J. P. et al. A concepção de território na Saúde Mental. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 9, p. 1-15, jul. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n9/1678-4464-csp-32-09-e00059116.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2019.

GAIANO, L. V. et al. O conceito de Saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo. *SMAD Rev. Eletrônica Saúde Mental e Drog.*, v. 14, n. 2, p. 108-116, Abr.-Jun. 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v14n2/07.pdf>>. Acesso em: 2 set. 2019.

GALINA, V. F. et al. A saúde mental dos refugiados: um olhar sobre estudos qualitativos. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 21, n. 61, p. 297-308, jun. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832017000200297&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832017000200297&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai. 2019.

GERGEN, K. J. The Social Constructionist Movement in Modern Psychology. *Rev. American Psychologist.* V. 40, n. 3, p. 266-275, mar. 1985. Disponível em: <[http://psyberspace.walterlogeman.com/files/2012/The\\_Social\\_Constructivist\\_Movement\\_in\\_Modern\\_Psych.pdf](http://psyberspace.walterlogeman.com/files/2012/The_Social_Constructivist_Movement_in_Modern_Psych.pdf)>. Acesso em: 26 jul. 2018.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, D. A. D. O filme estômago: comida, diversão e arte. *Rev. Contracampo*. Niterói, n. 20, p. 188-204, ago. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17187/10825>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

HERNÁNDEZ, I. P.; PEÑALOZA, M. *Venezuela: es hora de acabar con el Carnet de la Patria*. LatinaAmerican Post, 2018. Disponível em: <<https://latinamericanpost.com/es/22858-venezuela-es-hora-de-acabar-con-el-carnet-de-la-patria>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

HOBBSBAWM, E. *Globalização, democracia e terrorismo*, 4ª reimpressão. Tradução de José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

INGOLD, T. Anthropology is not Ethnography. *Proceedings of the British Academy*, v. 154, p. 69-92. British Academy, 2008. Disponível em: <[https://www.academia.edu/11994047/Antropology\\_is\\_not\\_Ethnography\\_by\\_Tim\\_Ingold](https://www.academia.edu/11994047/Antropology_is_not_Ethnography_by_Tim_Ingold)>. Acesso em: 28 Ago. 2018.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Migrantes, apátridas e refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil*. Brasília: Ministério da Justiça; IPEA, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/DKe5ju>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

JUNG, J. H. S.; ORTIGARA, L. R. Prefácio. In: Entre Fronteiras e limites: do Extremo Protecionista à supranacionalidade. *Novas fronteiras: Revista Acadêmica de Relações Internacionais da ESPM-Sul*, v.3, n.2, Jul-Dez. 2016.

KRAIESKI, V. Alimentando relações e marcando diferenças: comida brasileira entre imigrantes brasileiros na Grande Boston. *Soc. E Cult.*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 41-54, jun. 2015. Disponível em: <[http://navi.ufsc.br/files/2017/11/ASSUNCAO\\_Alimentando-rela%C3%A7%C3%B5es.pdf](http://navi.ufsc.br/files/2017/11/ASSUNCAO_Alimentando-rela%C3%A7%C3%B5es.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2019.

LECHNER, E. Imigração e saúde mental: o sofrimento dos migrantes e o encontro de ordens simbólicas. *Psilogos*, Lisboa, v. 2, n. 2, p. 15-18, dez. 2005. Disponível em: <<https://repositorio.hff.min-saude.pt/handle/10400.10/575>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

LIMA, E. M. A.; YASUI, S. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, p. 593-606, jul.-set. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v38n102/0103-1104-sdeb-38-102-0593.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2019.

MACIEL, M. E. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de koshima com brillat-savarin?. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 145-156, dez. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832001000200008&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832001000200008&script=sci_abstract)>. Acesso em: 11 jun. 2019.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARANDOLA, E. Migração e Geografia. *Rev. bra. Estud. popul*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 245-247, jun. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982011000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982011000100015&lng=en&nrm=iso)>.

MARINUCCI, R. Editorial: O protagonismo dos imigrantes. *REMHU – Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 24, n. 47, p. 7-10, ago. 2016. Disponível em: <<http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/issue/view/27>>. Acesso em: 4 jan. 2019.

MARTINS-BORGES, L. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 21, n. 40, p. 151-162, Jun. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-85852013000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai. 2019.

MATOS, D. *O impacto do desemprego e a saúde psicossocial*. O portal dos Psicólogos, 2018. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1165.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

MÉDICOS POR LA SAÚDE. *Encuesta Nacional de Hospitales 2018: Segundo Boletín*. 5 ed. Caracas: Médicos Por la Saúde, 2019. Disponível em: <<https://www.encuestanacionaldehospitales.com/2019>>. Acesso em: 28 de maio de 2019.

\_\_\_\_\_. *Encuesta Nacional de Hospitales 2019: Primer Boletín*. 6 ed. Caracas: Médicos Por la Saúde, 2019. Disponível em: <<https://www.encuestanacionaldehospitales.com/2019>>. Acesso em: 28 de maio de 2019.

MELO, L. R. S.; CARDOSO, L. D. A condição jurídica do “refugiado” haitiano no Brasil. In:

I Seminário internacional sobre direitos fundamentais e democracia: migrações, uma visão comparada entre Brasil e Espanha, 2016, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UNIBRASIL, 2016.

MINAYO, M. S. S. O desafio da Pesquisa Social. IN: MINAYO, M. S. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 09-29.

NOLASCO, C. Migrações Internacionais: conceitos, tipologias e teorias. In: *Oficina n<sup>o</sup> 434 do Centro de Estudos Sociais*. Universidade de Coimbra, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/309547207\\_Migracoes\\_internacionais\\_conceitos\\_tipologia\\_e\\_teorias](https://www.researchgate.net/publication/309547207_Migracoes_internacionais_conceitos_tipologia_e_teorias)>. Acesso em: 20 abr. 2018.

OIM. Organização Internacional para as Migrações. *Direito Internacional da Migração: Glossário sobre Migração*. N<sup>o</sup> 22. 2009. Disponível em: <[http://www.acidi.gov.pt/\\_cf/102363](http://www.acidi.gov.pt/_cf/102363)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

OLIVEIRA, A. R. C. *Entre retalhos cotidianos, práticas discursivas e drogas: perspectiva ecologista de educação*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação – Universidade de Sorocaba. Sorocaba, 2015.

OLIVEIRA, R. C. *O trabalho do antropólogo*. 2 ed. Brasília, São Paulo: Paralelo XV, Editora UNESP; 2000.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Relatório Mundial da Saúde – Saúde mental: nova concepção, nova esperança*. 1 ed. Lisboa: Direção Geral da Saúde, 2002.

\_\_\_\_\_. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Saúde mental: fortalecendo nossa resposta*. OMS, 2018. Disponível em: <<https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>>. Acesso em: 1 set. 2019

PADILHA, P. C. Breve análise quanto aos processos identitários dos imigrantes venezuelanos em Boa Vista/RR. In: Seminário Nacional de Sociologia da UFS, 2018, Sergipe. *Anais...* Sergipe: UFS; PPGS, 2016.

PAIVA, A. L. B.; LEITE, A. P. M. R. Da emigração à imigração? Por uma análise do perfil migratório brasileiro nos últimos anos. *Revista Ars Historica*, n<sup>o</sup> 7, p. 1-20, Jan./Jun., 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4766649>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

PAIVA, G. J. Apresentação. In: DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. (Org). *Psicologia, e/imigração e cultural*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 9-10.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. *Horiz antropol.* Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dezembro de 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832014000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 Ago. 2018.

PINHEIRO, L. R. S.; MONTEIRO, J. K. Refletindo sobre o desemprego e agravos à saúde mental. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, V. 10, N. 2, P. 35-45, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v10n2/v10n2a04.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2019.

PUSSETTI, C. Identidades em crises: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. *Saúde soc.*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 94-113, mar. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902010000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902010000100008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 1 nov. 2018.

RATNER, C. *Cultural psychology, cross-cultural psychology and indigenous psychology*. New York: Nova Science Publishers, 2008.

\_\_\_\_\_. *Macro Cultural Psychology: a political philosophy of mind*. New York: Oxford University Press, 2012.

\_\_\_\_\_. Macro cultural psychology, the psychology of oppression, and cultural psychological enrichment. In: PORTES, P.; SALAS, S. (Eds.), *Vygotsky in 21st Century Society: Advances in cultural historical theory and praxis with non-dominant communities*, chap. 5. NY: Peter Lang. 2011.

\_\_\_\_\_. Macro Cultural Psychology. In: TEO, T. (Org.). *The Encyclopedia of Critical Psychology*. Berlin: Springer. 2013.

ROA, A. C. Sistema de salud en Venezuela: ¿un paciente sin remedio?. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2018000305003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000305003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mai. 2019.

SANTODOMINGO, R. *El factor Rusia em Venezuela*. El País, 2017. Disponível em: <[https://elpais.com/elpais/2017/07/31/opinion/1501502778\\_110766.html](https://elpais.com/elpais/2017/07/31/opinion/1501502778_110766.html)>. Acesso em: 13 mai. 2019.

SANTOS, et al. Desafios teóricos da psicologia macrocultural: entrevista com Carl Ratner. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 19, n. 3, p. 555-563, Set. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141373722014000300020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722014000300020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01 Maio 2019.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal)*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAQUET, M. A.; MONDARDO, M. L. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. *Rev. NERA*, Presidente Prudente, v. 11, n. 13, p. 118-127, dez. 2008. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1392>>. Acesso em: 1 jun. 2019.

SARRIERA, J. C.; PIZZINATO, A.; MENESES. Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre. *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 10, n. 1, p. 5-13, abr. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2005000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 3 out. 2018.

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHWINN, S. A.; COSTA, M. M. Migrações contemporâneas: o Brasil e as políticas públicas para migrantes - análise a partir do Projeto de Lei 288/2013. In: XI Seminário

Nacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea e I Mostra Nacional de Trabalhos Científicos, 2015, Santa Cruz do Sul. *Seminário Nacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2015.

SILVA, S. A. Imigração recente na Região Norte: impactos e desafios às políticas públicas. In: Artur Zimerman. (Org.). *Impactos dos fluxos migratórios recentes no Brasil*. 1ed., v. 11, p. 10-27. Santo André: UFABC, 2017.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, C. X.; PAIT, H. Memória e vivência: como as histórias da migração nordestina são contadas. *Percursos*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 61-75, set. 2016. Disponível em: <<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/pe/article/view/6290>>. Acesso em: 1 julho 2019.

SIMÕES, G. Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana: resumo executivo. In: *Caderno de Debates: Refúgio, migrações e cidadania*, v. 12, n. 12, p. 129-135, Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2017.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2000. p. 77-116.

SPINK, M. J. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 7-14, abr. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000100002&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100002&lng=en&nrm=isso)>. Acesso em: 10 abril de 2019.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Edição virtual, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SPINK, M. J. *et al.* *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Edição virtual, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Edição virtual, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 1-20.

SPINK, M. J.; FREZZA, R. M. Práticas discursivas e produção de sentido. In: SPINK, M. J. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. Edição virtual, Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 1-21.

SPINK, P. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, n. esp., p. 70-77, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000400010&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000400010&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 10 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicol Soc.* Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, dez. de 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=en&nrm=iso)>. acesso em: 16 de mai. 2019.

STICHWEH, R. Elementos-chave de uma teoria da sociedade mundial. *Rev. Sociedade e Estado*, v. 33, n. 2., ago. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v33n2/0102-6992-se-33-02-00389.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2018.

TERESI, V.M. *Guia de referência para a rede de enfrentamento ao tráfico de pessoas no Brasil*. Brasília: Ministérios da Justiça, Secretaria Nacional de Justiça, 2012. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/sua-protecao/trafico-de-pessoas/publicacoes/anexos/cartilhaguiareferencia.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

TRAD, L. A. B. Trabalho de campo, narrativa e produção de conhecimento na pesquisa etnográfica contemporânea: subsídios ao campo da saúde. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 627-633, Mar. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 ago. 2018.

UCB. UNIVERSIDAD CATÓLICA ANDRÉS BELLO. *Encuesta Nacional de Condiciones de Vida de la Población Venezolana (ENCOVI)*. Caracas: UCAB, UCV, USB, 2018. Disponível em: <[www.ucab.edu.ve](http://www.ucab.edu.ve)>. 3 maio. 2019.

VASCONCELOS, I. S. Receber, enviar e compartilhar comida: aspectos da migração venezuelana em Boa Vista, Brasil. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.*, Brasília, v. 26, n. 53, p. 135-151, ago. 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198085852018000200135&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198085852018000200135&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 mai. 2019.

VASCONCELOS, F. A. G.; VASCONCELOS, M. P.; VASCONCELOS, I. H. G. Fome, comida e bebida na música popular brasileira: um breve ensaio. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.22, n.3, jul.-set. 2015, p.723-741

VELASCO, S. *Imigração na União Europeia: uma leitura crítica a partir do nexos entre securitização, cidadania e identidade transnacional*. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

VIANNA, S. B. Apresentação. In: *500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

WAUTIER, A. M. O trabalho em perspectiva: identidade e subjetividade. *Rev. de Ciências Sociais*, v. 2, n. 2, p. 149-173, jul/dez, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/7929>>. Acesso em: 1 jun. 2019.

WITTER, G. P. Psicologia Macrocultural. *Psicol estud.* Maringá, v. 12, n. 1, p. 203-205, abril de 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722007000100024&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000100024&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 2 de maio de 2019.

YASUI, S. *Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira*. Tese (Doutorado em Ciências na área da Saúde) – Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2006.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO EM PORTUGUÊS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você para participar da pesquisa **“Aproximar-se para dialogar: imigrantes venezuelanos e saúde mental”**, que está sendo desenvolvida pela pesquisadora Jéssica Cunha da Silva. O objetivo desse estudo é investigar a partir do dia a dia de um grupo de venezuelanos que se encontram na cidade de Manaus, de que maneira o processo migratório reflete na saúde mental dessas pessoas. A pesquisa busca descrever o cotidiano dessas pessoas após a imigração, e através disso descrever o que foi percebido em relação a dificuldades e demandas para só então analisar como essas questões refletem na saúde mental dessas pessoas. É importante você saber que sua participação é voluntária e se dará por meio de uma intervenção chamada etnografia, que possibilita que eu, como pesquisadora, esteja inserida no seu cotidiano, convivendo e interagindo com você, além de poder acompanhá-lo(a), tudo isso por volta de seis meses. Tudo que for observado e vivenciado nos encontros será registrado em um caderno e/ou gravados em áudios e transcritos, sendo utilizado exclusivamente para os fins dessa pesquisa.

Como toda pesquisa envolve riscos, ainda que mínimos, podemos supor que os possíveis riscos dessa pesquisa para você, seja o fato de a minha presença no seu dia a dia gerar algum tipo de constrangimento e/ou ansiedade. Caso alguns desses desconfortos ocorram, ou qualquer outro tipo de complicação, eu suspenderei imediatamente a atividade de pesquisa para prestar o suporte necessário, visando seu bem-estar. Para tanto, será oferecida assistência psicológica gratuita pelo Centro de Serviços de Psicologia Aplicada – CSPA da UFAM ou através de encaminhamentos para acompanhamento terapêutico na rede pública e nas universidades que oferecem o serviço, com todas suas despesas e de seu acompanhante pagas. Como benefícios, essa pesquisa acaba por oportunizar a fala e a escuta, pois como estarei inserida no seu cotidiano, estaremos construindo diálogos. Portanto, você poderá expressar o que sente, o que vivenciou e/ou vivencia sabendo que estarei ouvindo você atentamente e com respeito. Além disso, como estarei acompanhando você, poderei ajudá-lo(a) em suas atividades cotidianas.

Enfatizamos que sua participação é voluntária e que mesmo depois de consentir em sua participação você quiser desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de



retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Eu me comprometo em indenizá-lo caso haja qualquer tipo de prejuízo material decorrente da pesquisa.

É importante você saber que os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas não se preocupe, pois sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato comigo no Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário – LABINS, localizado no Campus Universitário – Setor Sul, Bloco X, da UFAM, localizada na Av. General Rodrigo Otávio, N° 3000, Coroado, CEP: 69077-000, ou pelo telefone (92) 3305-4127, ou e-mail: jessicacunha.psi@gmail.com, ou com minha orientadora, Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira, neste mesmo endereço institucional e número de telefone, e-mail: arcaldeirao@gmail.com, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495 – Adrianópolis, CEP: 69057-070 – Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130, e-mail: cep@ufam.edu.br.

### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer, porque precisa de minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nenhum benefício financeiro e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Manaus, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) Participante

\_\_\_\_\_  
Impressão digital do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Orientadora Responsável

## APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO EM ESPANHOL



UNIVERSIDAD FEDERAL DE AMAZONAS – UFAM  
FACULTAD DE PSICOLOGÍA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUACIÓN EN PSICOLOGÍA

### TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ESCLARECIDO

Le invitamos a participar de la investigación llamada “**Aproximarse para dialogar: inmigrantes venezolanos y salud mental**”, la misma está siendo desarrollada por la investigadora Jessica Cunha da Silva. El objetivo de este estudio es investigar mediante el día a día de un grupo de venezolanos que se encuentran en la ciudad de Manaus, de qué manera el proceso migratorio se refleja en su salud mental. La investigación busca describir la cotidianidad de estas personas después de la inmigración, a través de lo cual describir lo que fue percibido en relación a las dificultades y demandas y solo después de esto analizar cómo estas cuestiones se reflejan en la salud mental de dichos individuos. Es importante que sepa que su participación es voluntaria y será por medio de una técnica llamada etnografía, que hace posible que yo, como investigadora, sea incluida en su vida cotidiana, conviviendo e interactuando con usted, además de poder acompañarlo por alrededor de seis meses. Todo lo que sea observado y vivenciado en los encuentros será registrado en un cuaderno e/o grabado en audios y transcrito, siendo estos datos utilizados única y exclusivamente para los fines de esta investigación.

Como toda investigación, envuelve riesgos, a pesar de estos ser mínimo. Podemos suponer que el posible riesgo de esta investigación para usted, sea que mi presencia en su día a día genere algún tipo de incomodidad y/o ansiedad. En caso de que ocurra alguna de estas molestias, o alguna otra complicación, yo suspenderé automáticamente la actividad de la investigación, para brindarle el apoyo necesario, velando siempre por su bienestar. Para esto, será ofrecida asistencia psicológica gratuita por el Centro de Servicios de Psicología Aplicada- CSPA de la UFAM o a través de encaminamiento para acompañamiento terapéutico en la red pública, con todos los gastos y los de su acompañante pagados. Parte de los beneficios de esta investigación es la oportunidad de hablar y ser escuchado, pues como estaré a su lado día a día, estaremos construyendo diálogos. Por lo tanto, usted podrá expresar lo que siente, lo que vivió y/o vive, sabiendo que yo estaré escuchándolo atenta y respetuosamente. Además de eso, al estar acompañándolo, podré ayudarlo en sus actividades cotidianas.

Enfatizamos que su participación es totalmente voluntaria, y que aun después de dar su consentimiento para participar, si usted desea desistir de continuar participando, tiene el derecho y la libertad de retirar su consentimiento en cualquier etapa de la investigación,



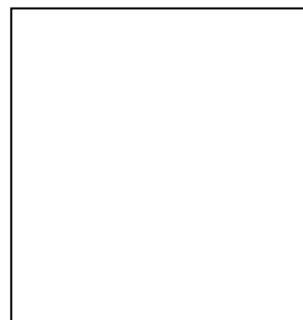
independiente del motivo y sin acarrear ningún prejuicio para usted. No tendrá ningún gasto, ni ningún tipo de remuneración. Yo me comprometo a indemnizarlo en caso de que haya cualquier tipo de perjuicio material causado directamente por la investigación.

Es importante saber que los resultados de la investigación serán analizados y publicados, pero no se preocupe, pues su identidad no será divulgada, quedando así en el anonimato. Para cualquier otra información, usted puede entrar en contacto conmigo en el *Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário* – LABINS, localizado en el Campus Universitario – Sector Sur, Bloco X, de la UFAM, localizada en la Av. General Rodrigo Otávio, N° 3000, Coroado, CEP: 69077-000, o por el teléfono (92) 3305-4127, o e-mail: jessicacunha.psi@gmail.com, o con mi orientadora, Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira, en esta misma institución y número de teléfono, e-mail: arcaldeirao@gmail.com, o podrá entrar en contacto con el *Comitê de Ética em Pesquisa* – CEP/UFAM, en la calle Teresina, 495 – Adrianópolis, CEP: 69057-070 – Manaus/AM, teléfono (92) 3305-5130, e-mail: cep@ufam.edu.br.

### Consentimiento Pos-información

Yo \_\_\_\_\_, fui informado(a) sobre lo que la investigadora quiere hacer, porqué necesita de mi colaboración, y entendí la explicación. Por ende, concuerdo en participar en la investigación, sabiendo que no recibiré ningún beneficio financiero y de que puedo abandonar la misma cuando quiera. Este documento será emitido con dos copias, ambas firmadas por mí y por la investigadora, quedando una con cada uno (a) de nosotros(as).

Manaos, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.



\_\_\_\_\_  
Firma del Participante

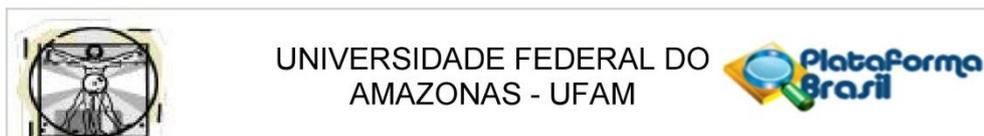
Huella dactilar del participante

\_\_\_\_\_  
Firma de la investigadora Responsable

\_\_\_\_\_  
Firma de la Orientadora Responsable

## ANEXOS

### ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Aproximar-se para dialogar: imigrantes venezuelanos e saúde mental

**Pesquisador:** JESSICA CUNHA DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 01588918.0.0000.5020

**Instituição Proponente:** Universidade Federal do Amazonas

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.987.575

##### Apresentação do Projeto:

Introdução ou Resumo

O tema da migração é algo que vem sendo bastante visualizado na nossa sociedade contemporânea, mas que remonta a própria história da humanidade. A história e formação do Brasil, por exemplo, podem ser contadas por meio da mobilidade humana. Podemos dizer, então, que esse movimento sempre existiu, mas que na atualidade vem ganhando mais destaque devido às diversas transformações que o mundo tem vivenciado, o que tem contribuído para uma nova dinâmica dos fluxos migratórios. Nesse sentido, as migrações internacionais tem sido alvo de grandes discussões, justamente por conta dessa nova dinâmica que este fenômeno social passou a assumir. Pode-se afirmar que o volume dessas migrações vem aumentando significativamente por conta dos desastres naturais, muitas vezes resultantes da exploração ambiental desordenada, crises políticas e socioeconômicas que tem gerado pobreza, fome, e em muitos casos guerras e perseguições políticas. Todos esses fatores ocasionam uma desestabilização no modo de vida habitual das pessoas, favorecendo, assim, o processo de imigração (BATISTA, 2009; CAMPOS e RODRIGUES, 2011; SCHWINN e COSTA, 2015). Os dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR (2017) evidenciam que a cada minuto cerca de 20 pessoas são forçadas a deixarem sua casa por conta de conflitos e perseguições e que, portanto, estamos assistindo os maiores níveis de deslocamento já registrados na história. Estima-se que cerca de 65,6 milhões de

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



peças foram forçadas a se deslocarem em todo o mundo, entre elas estão aproximadamente 22,5 milhões de refugiados, no qual 55% vêm de três países específicos, a saber: Sudão do Sul (1,4 milhões), Afeganistão (2,5 milhões) e Síria (5,5 milhões). Estima-se também que existem 10 milhões de pessoas apátridas, que são aquelas cuja nacionalidade foi negada e em consequência disso não possuem acesso aos direitos básicos como educação, saúde, emprego e liberdade de circulação. Podemos pensar, então, que esses números são muito maiores se considerarmos todos os tipos de migrações existentes no mundo. Diante desses dados, é possível perceber que esse movimento está inserido tanto no contexto mundial, como no local. No contexto mundial, é possível perceber que os movimentos migratórios vêm ganhando maior visibilidade através das mídias, redes sociais e estudos científicos. Como já sabemos, o Oriente Médio tem sido um dos principais palcos desse fenômeno social. Dentre os países dessa região, chama atenção à Síria que vem enfrentando há quase 8 anos uma onda de violência e consequente violação dos direitos humanos. De acordo com Corrêa et al. (2015) o país possui uma divisão tanto no que diz respeito a política quanto a religião e tem passado por uma dura guerra civil, deixando diversos mortos, feridos e desabrigados. A maioria dos deslocamentos ocorre internamente – 6,6 milhões, conforme dados do ACNUR (2018a). As informações do ACNUR (2018a) apontam que mais de 5,6 milhões de pessoas foram forçadas a fugir da Síria desde 2011, ano em que a guerra teve início. Essas pessoas buscaram segurança no Líbano, Turquia, Jordânia e em vários outros países, inclusive no Brasil. Os dados dizem também que 13,1 milhões de pessoas na Síria precisam de assistência e 2,98 milhões vivem em áreas sitiadas ou de difícil acesso. Esse movimento migratório ganhou grande contorno de comoção mundial, em setembro de 2015 quando foi divulgada uma imagem nas mídias e redes sociais de uma criança de três anos de idade, chamada Aylan Shenu. Nessa fotografia o corpo de Aylan estava na beira da praia de Bodrum, na Turquia, deitado de bruços, sem vida. A família dessa criança tentava desesperadamente atravessar o Mar Mediterrâneo para fugir da Síria. Infelizmente, não conseguiram atingir seu objetivo, e a imagem do pequeno Aylan chocou o mundo, evidenciando a crise humanitária que a Síria e o mundo têm vivenciado (MELO e CARDOSO, 2016). Diante dessa crise que a Síria e diversos países têm enfrentado, o volume dos fluxos migratórios tem aumentado cada vez mais. Vale destacar, que frente esse cenário, muitos países tem se fechado para não receberem os imigrantes que pedem asilo, por acreditarem que eles são uma ameaça à estabilidade política, econômica e social. Além disso, acreditam que estes sejam também uma ameaça a segurança do país. O ataque às Torres Gêmeas nos Estados Unidos da América – EUA, em 2001, colaborou para que os imigrantes fossem tidos como um problema, principalmente em relação à segurança. Segundo Schwinn e Costa

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Telefone:** (92)3305-1181

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.987.575

(2015, p. 4) “esse movimento se espalhou especialmente para a Europa que passou a endurecer suas políticas migratórias, baseando-os no combate ao terrorismo, no controle e fronteiras e no controle migratório”. Ainda em relação a esse endurecimento das políticas migratórias, Cysne (2016) coloca que tanto os EUA quanto diversos países da Europa apontam para uma política que tem na sua base um nacionalismo mais agressivo e de maior fechamento de fronteiras a imigrantes. O discurso de Donald Trump, atual presidente dos EUA, sobre o levantamento de muros para impedir a entrada ilegal de imigrantes reforça essa política. A respeito disso Jung e Ortigara (2016, p. 4) fazem uma crítica ao comentar que “o ‘fenômeno Donald Trump’ recrudescerá ao mais primitivo protecionismo e aos seus respectivos efeitos nefastos: em um mundo já dividido por linhas abstratas, pensa-se ainda em erigir muros”. Fica claro, portanto, que o investimento em políticas protecionistas e restritivas à imigração colabora ainda mais para a discriminação e a xenofobia, pois, entende-se que o imigrante é interpretado frequentemente como alguém perigoso, inimigo, que ameaça a boa convivência e a segurança da nação. O imigrante é subjulgado dessa forma, principalmente, por não compartilhar da mesma identidade nacional, que envolve valores morais e culturais. No entanto, como afirma Velasco (2014, p. 38) “a identidade unitária da forma-nação – sua nacionalidade específica – sempre será um mito, um discurso unificador da diferença”. Em relação a essas políticas restritivas adotadas por alguns países, vale destacar que o Brasil é um país que não possui esse tipo de política. Em outras palavras, é um país que possui abertura para a entrada de imigrantes. Frente isso, é de extrema importância considerar que essa abertura é um aspecto fundamental para a acolhida de imigrantes, no entanto precisamos pensar para além do mito de que o Brasil é um país hospitaleiro, para que possamos identificar outras facetas. Hospedamos sim, mas de que forma? Desse modo, para além da abertura de fronteiras, o Estado precisa criar condições materiais para que essas pessoas possam viver dignamente, pois tem se tornado um país de destino para diversos imigrantes vindos de países como o Haiti, Senegal, Gana, Bolívia, Colômbia e países do Oriente Médio, África e Ásia, como aponta Schwinn e Costa (2015). O relatório – refúgio em números – divulgado pelo Comitê Nacional para Refugiados – CONARE (2017) evidencia justamente isso: o quanto o Brasil tem sido um país de destino para imigrantes de diversas nacionalidades. Até o final de 2017, por exemplo, o Brasil possuía 10.145 refugiados reconhecidos, e 86.007 solicitações de reconhecimento em trânsito. A entrada de imigrantes no país é muito maior se considerarmos aquelas pessoas que cruzaram as fronteiras sem solicitação de refúgio, por exemplo. Isso mostra que esses processos migratórios tem se mostrado cada vez mais presente em nossa sociedade. No ano de 2010, por exemplo, chamou atenção a entrada de diversos haitianos no Brasil que foi impulsionada por um

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Telefone:** (92)3305-1181

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



terremoto de grande magnitude no Haiti e que segundo Corrêa et al. (2015) causou mais de 150.000 mortes, criando uma situação de total destruição e caos. Essa não foi à única motivação, o país também enfrenta uma situação que envolve fragilidade e instabilidade política, além disso, o setor de saúde é precário. O relatório do CONARE (2017) mostra a quantidade de solicitações de refúgio feitas pelos haitianos no período de 2010 a 2017, e evidenciam que os maiores pedidos foram feitos nos anos de 2013 (11.690), 2014 (16.779) e 2015 (14.465), baixando rapidamente em 2016 para 646 solicitações e subindo para 2.362 solicitações em 2017, apesar do número elevado de solicitações, apenas dois haitianos foram reconhecidos como refugiados no Brasil, um em 2008 e outro em 2016. No entanto, o governo brasileiro compreendeu a necessidade de proteger aqueles que já se encontravam no Brasil, oferecendo o visto humanitário, conforme relata Silva (2016). Os grupos migraram para várias regiões do Brasil, inclusive para vários municípios do Amazonas e para, Manaus. Apesar desses dados de solicitação de refúgio de 2016 serem baixos em relação a outros anos, Silva (2017) aponta que neste mesmo ano os dados da Delegacia de Polícia de Imigração do Amazonas – DELEMIG/AM registraram a entrada de 8.503 haitianos no Amazonas. É possível verificar, portanto, que a imigração Haitiana para o Amazonas foi bastante significativa. Diversos autores pesquisaram sobre essa imigração no contexto local. Desse modo, fica evidente que esses processos migratórios não têm ocorrido longe de nós, aliás, tem se apresentado bem próximo, podendo ser visto, notado, até mesmo tocado, de tão presente que se faz em nosso meio. A recente imigração venezuelana em massa para o Brasil, em especial para o Estado de Roraima e Amazonas, localizados na região norte do país, comprova essa afirmação. Conforme Angioletti (2017) essa imigração foi impulsionada por uma grande crise na Venezuela que teve aprofundamento em 2014, e que gira em torno de questões econômicas, humanitárias e políticas. Em função desses conflitos econômicos e políticos se estabelece no país uma grave crise de abastecimento de alimentos, medicamentos e insumos básicos. A escassez de alimentos e o aumento da violência colaboraram para imigração dos venezuelanos para diversos países, em especial para o Brasil. As diversas agências da Organização das Nações Unidas – ONU que estão envolvidas nessa discussão e que se mobilizaram para tratar dessas questões também afirmam que esses imigrantes venezuelanos estão deixando seu país por alguns desses motivos já mencionados acima, além de perda de renda financeira por conta da crise econômica, dentre outros (ONU, 2018). O relatório da CONARE (2017) revela que entre janeiro e setembro de 2017, cerca de 48.500 venezuelanos solicitaram refúgio em vários países. No Brasil, por exemplo, os dados mostram um imenso salto de solicitações de refúgio de venezuelanos em apenas oito anos: 4 (2010), 4 (2011), 1 (2012), 43 (2013), 201 (2014), 822 (2015), 3.375 (2016) e 17.865 (2017).

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Além disso, até julho de 2017 havia no Brasil cerca de 30.000 venezuelanos em diversas situações imigratórias. Segundo informações da ACNUR (2018b) mais de 800 venezuelanos cruzam a fronteira brasileira todos os dias e estima-se que mais de 52 mil venezuelanos chegaram ao Brasil desde o início de 2017, desse total 25 mil solicitaram refúgio, 10 mil possuem visto de residência temporária, e os demais buscam regularizar sua situação. Os imigrantes são oriundos de 24 regiões venezuelanas, no entanto a grande maioria vem de três estados: Bolívar (26%), Monagás (16%) e Caracas (15%), conforme Simões (2017). A grande maioria desses venezuelanos que imigraram para o Brasil está no Estado de Roraima, que faz fronteira com a Venezuela, e muitos destes migram para cidade de Manaus, devido o fácil acesso. É importante mencionar que a grande maioria desses imigrantes que vieram para o Brasil não possui um status regular, o que facilita que essas pessoas se tornem alvos de exploração e discriminação. Frente este cenário é de suma importância salientar que o ato de imigrar não implica somente num deslocamento geográfico, mas toda uma série de questões que perpassam a vida do imigrante e que, portanto, repercute no seu modo de vida. As imigrações estão, geralmente, associadas a perdas, tanto de bens materiais quanto de vínculos familiares, comunitários e sociais que são de extrema importância para as pessoas. Concomitante a isso, a chegada em outro país, com idioma e culturas diferentes, além da perda de referências socioculturais de origem se configuram em situações que podem dificultar a inserção social destas pessoas. Nesse sentido, esse quadro pode promover uma série de significativas transformações nos aspectos físico, social e mental dos imigrantes que acabam necessitando buscar novas perspectivas de vida em outra nação. Portanto, todas essas questões envolvem processos psicológicos específicos e necessitam ser compreendidos para que a partir disso sejam elaboradas medidas preventivas em saúde. Diante do contexto exposto, e dessa significativa presença de imigrantes venezuelanos no Brasil, a proposta de pesquisa é estudar um grupo de venezuelanos que reside em um abrigo em Manaus, partindo do seguinte problema de pesquisa: de que maneira a imigração reflete na saúde mental de um grupo de venezuelanos que se encontram na cidade de Manaus? É de suma importância enfatizar, que no âmbito dessa pesquisa, saúde mental está para além das psicopatologias. É fundamental pensar dessa forma, para que não venhamos a ser reprodutores de visões psicopatologizantes, já que trabalharemos com pessoas que possuem um universo cultural diferente do nosso. Vale destacar, que o objeto desse estudo é visto e reconhecido a partir do paradigma da complexidade, uma vez que é impossível assumir uma postura simplista e reducionista para compreensão do fenômeno imigratório e das relações que se dão por conta desse processo. Além disso, no campo desse fenômeno social a construção desse estudo assume como fundamento teórico a Psicologia

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 2.987.575

Macro cultural desenvolvida por Carl Ratner, e como pressuposto ontológico e epistemológico a perspectiva socioconstrucionista em Psicologia Social.

#### Hipótese

O processo migratório reflete de alguma maneira na saúde mental das pessoas venezuelanas que participarão da pesquisa, seja de forma negativa, positiva ou de ambas as formas.

#### Metodologia

Propõe-se a utilização da etnografia, pois de acordo com Leplantine (apud Trad, 2012), a presença no campo de estudo, o "estar lá" com as pessoas que se pretende estudar e voltar regularmente, é o que caracteriza uma pesquisa etnográfica. Em outras palavras, em um estudo dessa natureza, é imprescindível a presença do pesquisador nos locais e contextos em que a vida diária das pessoas participantes ocorre. Nesse sentido, o pesquisador se insere no cotidiano das pessoas participantes, para conhecer e descrever o modo como elas percebem e dirigem suas vidas. A etnografia, portanto, acaba por aproximar o pesquisador dos participantes e conseqüentemente das suas vozes, visto que há uma imersão do pesquisador na vida diária das pessoas participantes. Desse modo, conforme Peirano (2014), a etnografia se faz pelo diálogo vivido. É possível afirmar, então, que tanto o fazer etnográfico quanto a descrição etnográfica resulta do diálogo dos pesquisadores com as pessoas participantes. A etnografia é, portanto, dialógica e polifônica conforme Trad (2012). Além disso, é preciso considerar que essa interação entre pesquisador e as pessoas participantes, bem como a qualidade da descrição etnográfica dependem em grande parte do tempo de permanência do pesquisador no campo de investigação. Assim, nessa pesquisa estaremos no campo volta de seis meses, para que seja possível construir uma aproximação entre a pesquisadora e os participantes. Essa aproximação possibilitará a observação do cotidiano, bem como a criação de interação e diálogos, para que seja possível a apreensão dos sentidos atribuídos acerca da imigração e da saúde mental. Por isso a escolha da etnografia, pois permite aproximação, interação, vivências e diálogos entre ambos, além de permitir o uso de estratégias, como o "seguir pessoas", isto é, acompanhar as pessoas nos lugares para onde elas se deslocam, e que tem sido bastante utilizada em estudo sobre processos migratórios, conforme Chiesa e Fantinel (2014). Fica evidente, então, que a etnografia faz uso de diversas técnicas, como observação participante, diário de campo, etc. Assim, será utilizado um caderno de campo, onde

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Telefone:** (92)3305-1181

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.987.575

serão anotados os discursos, costumes, vivências, enfim, os acontecimentos da vida diária das pessoas participantes, pois isso auxiliará na etapa seguinte que será a escrita de um diário de campo sobre o cotidiano dessas pessoas. Segundo as autoras citadas acima, a construção do diário de campo compõe grande parte do exercício etnográfico, pois é nesse diário que “devem ser relacionados os eventos observados ou compartilhados, e reunidos materiais para analisar práticas, discursos e posições dos pesquisados, além de registradas as relações que foram nutridas, permitindo descrever e analisar fenômenos estudados” (CHIESA e FANTINEL, 2014, p. 5). Dito isso, para a escolha dos participantes será utilizada a técnica bola-de-neve, conhecida também como snowball, na qual os primeiros participantes de uma pesquisa vão indicando novos participantes, que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente até que se atinja o ponto de saturação, que é quando os conteúdos começam a se repetir, indicando que o objetivo foi alcançado. Nesse sentido, o primeiro participante da pesquisa será um residente da Casa do Migrante João Batista Scalabrini que será escolhido aleatoriamente, uma vez que os imigrantes residentes neste lugar, provavelmente, possuem o mesmo perfil. Assim, esse participante será acompanhado pela pesquisadora que estará inserida no seu cotidiano. Após um período de convivência que permita a pesquisadora identificar e conhecer a sua rede de apoio, este participante indicará um novo participante que deverá fazer parte dessa rede, podendo o mesmo estar vinculado a Casa ou não, este último indicará outro e assim sucessivamente, até que se alcance o objetivo da pesquisa, justamente por isso, não é possível precisar um número exato de participantes a priori, mas estima-se que seja por volta de seis.

#### Critérios de inclusão

Participarão da pesquisa: a) pessoas do sexo masculino e feminino que sejam maiores de 18 anos, da nacionalidade venezuelana e que queiram participar da pesquisa assinando o TCLE; b) O primeiro participante escolhido deverá ser residente da Casa do Migrante João Batista Scalabrini, portanto, deverá ser localizado nesta; c) O segundo participante deverá ser indicado pelo primeiro, devendo pertencer ao seu grupo de apoio e/ou vínculo, o terceiro deverá ser indicado pelo segundo e assim sucessivamente, até que os objetivos da pesquisa sejam alcançados.

#### Critérios de exclusão

Serão excluídos da pesquisa aquelas pessoas que mesmo atendendo a todos os critérios de inclusão, apresentem características ou manifestações que possam interferir na qualidade dos

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



dados, como por exemplo: desenvolver alguma doença que impossibilite a sua permanência na pesquisa.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

Investigar a partir do cotidiano de um grupo de venezuelanos, que se encontram na cidade de Manaus, como o processo Imigratório reflete na saúde mental desta população.

**Objetivo Secundário:**

Descrever o cotidiano de um grupo de venezuelanos em Manaus; Discorrer através do que foi percebido sobre as dificuldades e demandas que esse grupo enfrenta no seu dia a dia em Manaus; Analisar como essas dificuldades e demandas refletem na saúde mental dessas pessoas.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

O projeto foi desenvolvido com base nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, Resolução 466/2012 do CNS, como mencionado acima, atendendo, portanto, as exigências éticas e científicas fundamentais. No entanto, considerando que toda pesquisa apresenta riscos, ainda que mínimos, podemos inferir que os possíveis riscos dessa pesquisa seja o fato de a presença da pesquisadora gerar algum tipo de constrangimento, desconforto ou ansiedade, uma vez que a mesma estará inserida no cotidiano dos participantes por um período de tempo relativamente longo. Caso isso ocorra, ou qualquer outra complicação devido à pesquisa, a pesquisadora suspenderá imediatamente a coleta dos dados e prestará assistência imediata e/ou integral ao participante, visando seu bem-estar, podendo, os participantes serem encaminhados para a Rede de atenção Psicossocial mais próxima da sua residência ou para o Centro de Serviço de Psicologia Aplicada (CSPA), da Faculdade de Psicologia da UFAM, localizado na Avenida Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 6200, Bloco X, Coroado, Manaus/AM, sem qualquer ônus para os mesmos. A pesquisadora se compromete a indenizar e/ou ressarcir, quando houver a necessidade de cobertura material para reparação de dano imediato ou tardio, que comprometa o indivíduo ou a coletividade, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano e em nenhuma hipótese será exigido do participante que renuncie o direito a indenização por dano.

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Telefone:** (92)3305-1181

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



**Benefícios:** Em termos específicos, os benefícios diretos para os participantes da pesquisa estão relacionados ao fato de os diálogos, que serão construídos por meio da aproximação entre a pesquisadora e os participantes, oportunizarem a fala e a escuta dos mesmos. Além disso, como a pesquisadora estará acompanhando os participantes no seu cotidiano, poderá ajudar nas atividades cotidianas, como por exemplo, auxílio na documentação, inserção social para trabalho, etc. Em termos gerais, os benefícios previstos com a realização dessa pesquisa se referem à possibilidade da criação de diálogos acerca da imigração e da saúde mental em relação ao grupo de venezuelanos. Essa construção poderá propiciar subsídios para a discussão de políticas públicas voltadas para imigrantes, o que favoreceria tais pessoas. Além disso, a divulgação dos resultados da pesquisa poderá propiciar a comunidade local um maior entendimento sobre a temática e a realidade dessas pessoas, podendo minimizar possíveis formas de preconceitos. Por fim, considerando que a imigração venezuelana para Manaus é bastante significativa, esta pesquisa poderá possibilitar uma maior visibilidade, o que poderá estimular novas pesquisas no âmbito da Psicologia e de outras áreas.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Protocolo de projeto de pesquisa junto a FACULDADE DE PSICOLOGIA do PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Folha de Rosto: assinado pelo coordenador do Programa, Marcelo Calegare em 28/06/2018.

TCLE: apresentado e adequado; versões apresentadas em português e evidentemente em espanhol para leitura dos sujeitos da pesquisa.

Termos de Anuência: assinado pela coordenadora do Serviço Pastoral dos Imigrantes / Arquidiocese de Manaus, Rosana Nascimento em 20/09/2018, e CSPA assina Rebeca Freitas, psicóloga responsável em 24/09/2018.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O protocolo atende as Resoluções 466/12 e 510/16.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 2.987.575

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1225348.pdf	28/09/2018 18:05:34		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	28/09/2018 17:58:30	JESSICA CUNHA DA SILVA	Aceito
Outros	TERMO_DE_ANUENCIA_SPM.pdf	28/09/2018 16:37:36	JESSICA CUNHA DA SILVA	Aceito
Outros	TERMO_DE_ANUENCIA_CSPA.pdf	28/09/2018 16:36:16	JESSICA CUNHA DA SILVA	Aceito
Outros	C_lattes.pdf	28/09/2018 16:33:08	JESSICA CUNHA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ESPANHOL.pdf	28/09/2018 16:28:53	JESSICA CUNHA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PORTUGUES.pdf	28/09/2018 16:28:43	JESSICA CUNHA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PPROJETO_DE_PESQUISA.pdf	28/09/2018 16:26:45	JESSICA CUNHA DA SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MANAUS, 29 de Outubro de 2018

---

**Assinado por:**  
**Eliana Maria Pereira da Fonseca**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Teresina, 495

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com